



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Ciência da Informação
Curso de Graduação em Biblioteconomia

CDD X CDU: UM ESTUDO COMPARATIVO

Tiago Carvalho

Orientadora: Prof. Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé

Brasília
2018

Tiago Carvalho

CDD X CDU: UM ESTUDO COMPARATIVO

Monografia apresentada como parte das exigências para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia pela Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof. Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé

Brasília
2018

C331c

CARVALHO, Tiago

CDD X CDU: um estudo comparativo / Tiago Carvalho. – Brasília, 2018.
108 p.

Orientação: Prof. Dra. Rita de Cássia do Vale Caribé
Monografia (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade de
Brasília, Faculdade de Ciência da Informação, Curso de Biblioteconomia, 2018.

1. Classificação bibliográfica, análise comparativa. 2. Classificação Decimal de
Dewey. 3. Classificação Decimal Universal. I. Caribé, Rita de Cássia do Vale, orient. II.
Título.

CDD 025.43
CDU 025.45



Título: CDD x CDU: um estudo comparativo.

Aluno: Tiago Silva de Carvalho.

Monografia apresentada à Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Bacharel em Biblioteconomia.

Brasília, 07 de agosto de 2018.

Rita de Cássia do Vale Caribé - Orientadora
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Dulce Maria Baptista – Membro
Professora da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Doutora em Ciência da Informação

Sebastião de Souza – Membro
Professor da Faculdade de Ciência da Informação (UnB)
Mestre em Ciência da Informação

*Dedico este trabalho ao meu tio e padrinho **Everardo Ferreira de Carvalho**, mineiro, bibliotecário por mais de 30 anos em Belo Horizonte, que faleceu apenas um mês antes da minha entrada no curso de Biblioteconomia. Sou grato pelo último abraço de despedida e pelos conselhos dados a mim, poucas horas antes de nos deixar, e queria que soubesse que os estou seguindo devotamente!*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, **Leandro Anísio** e **Regina**, por sempre terem valorizado e investido em minha educação. Não seria possível ter chegado aonde me encontro agora sem as vossas presenças em minha vida. Agradeço especialmente o amor e a aceitação que têm para com seus filhos, pois tenho conhecimento de que nem todos têm a mesma sorte de nascerem numa família tão unida como a nossa, e acredito que falo também pelos meus irmãos, **Diogo** e **Mônica**, quando afirmo o quanto somos privilegiados por termos vocês como nossos pais.

Agradeço a todos os meus tios, tias, primos, primas e agregados, por contribuírem na constituição de uma grande, acolhedora, de fortes vínculos, animada, divertida e generosa família. Destaco, em particular, minha madrinha **Eunira**, a mais querida e amada, que sempre me deu tudo do melhor e, principalmente, muito amor (além de me aturar, é claro). Sou grato também à minha prima **Marianna** por permanecer sempre presente, mesmo distante, filosofando comigo questões existenciais na madrugada, conversando sobre todo (e qualquer) assunto, compartilhando do mesmo humor único e exótico que só nós possuímos.

Agradeço à minha amiga **Jéssica**, pessoa, fora meus familiares, que conheço há mais tempo, desde quando estudamos juntos pela primeira vez, no maternal. Quase 20 anos de amizade, para quem tem pouco mais que isso de existência, não é para qualquer um. Que venham os próximos vinte anos, e os seguintes, e os seguintes...

Agradeço também às amigas que conquistei no ensino médio e que são tão próximas até hoje, como se não houvéssemos ainda saído da escola: **Héllen** e **Vitória**.

Aos amigos e colegas de curso da UnB, o meu muito obrigado! **Lamôni**, **Letícia**, **Denise**, **Larissa** e **Thays**, vocês sabem melhor do que eu todos os bons, e alguns não tão bons, momentos que passamos ao longo dos semestres, como as correrias nas últimas horas de entregas de trabalhos, principalmente. Agradeço a companhia, também, não só nas aulas, mas nos estágios (supervisionados e profissionais) e nas horas de lazer, seja no cinema ou no meu sofá!

É claro que um parágrafo especial deveria ser reservado aos Nines, o melhor grupo que existe. **Tâmara**, **Júlia** e **Gabriella** são mais que amigas, são *friends*! Está para existir um grupo que fez mais trabalhos acadêmicos tendo como tema a *Pixar*! Posso não demonstrar sempre, ou deixar transparecer, mas vocês sabem bem o lugar de destaque que têm em meu coração.

Um salve a todos os professores com quem já tive o prazer de ter aula, em especial aos seguintes: **Cárlinton, Vanclésia, Alessandra, Andrea, Eliane, Élide, Thiago, Júlia, Bárbara, Alisson, Adriana, Kiyoko, Simone, Michelli, Fernanda, Dulce, Jayme e Ailton**. Os seus ensinamentos estão definitivamente entranhados em cada palavra deste trabalho. Esta conquista também é de vocês!

Agradeço também à minha maravilhosa e amável orientadora, **Ritinha**, com quem tive o prazer de ser aluno por três vezes, além de poder estar ao seu lado, neste último semestre, como monitor da disciplina de Classificação. Sua alegria e jovialidade ao ensinar é contagiante, e saiba que grande parte dos seus alunos, assim como eu, valoriza muito isso.

Não podia deixar de homenagear meus colegas do Superior Tribunal de Justiça (STJ), onde iniciei minha carreira profissional, como estagiário, ainda no ano de 2015. **Allan Rafael, Roberta, Patrícia, Rafaella, Betânia, Taty, Najla, Renata, Jeo, Sol, Pri, Rodrigo, Kledson, Ronaldo, Rosa** e tantos outros colaboradores que compõem, ou compuseram em algum momento, a equipe da Biblioteca Ministro Oscar Saraiva, em especial àqueles da minha segunda casa: a SEDOT. Vocês me ensinaram tanto sobre a biblioteconomia e a profissão de bibliotecário, nesses últimos 3 anos, quanto sobre a vida, sobre amizade e companheirismo. Vocês são a prova de que família não é só a de laços consanguíneos.

Uma vida não é completa sem amor, e a última peça deste quebra-cabeça surgiu há pouco mais de 6 meses. **Matheus**, você entrou em minha vida de forma arrebatadora e, em tão pouco tempo, conquistou, com sua alegria, entusiasmo, bom humor, afetividade, encanto, e, principalmente, amor, um lugar mais do que especial no meu coração. Para você, não um “Muito obrigado”, mas um “Eu te amo!”, mais que demais.

Por fim, agradeço a mim mesmo, pois este trabalho verdadeiramente não existiria sem o meu esforço, sem as noites em claro, sem os anos de estudo e dedicação em sala. Devemos sempre dar créditos a nós mesmos, pois somos nós que vivemos nossas vidas, não as opiniões dos outros. Por vezes, damos demasiado valor a quem não merece e, quem merece, muitas vezes é esquecido. Se não nos amamos, quem nos amará?

[...] os animais dividem-se em (a) pertencentes ao imperador, (b) embalsamados, (c) amestrados, (d) leitões, (e) sereias, (f) fabulosos, (g) cães soltos, (h) incluídos nesta classificação, (i) que se agitam como loucos, (j) inumeráveis, (k) desenhados com um finíssimo pincel de pêlo de camelo, (l) etcétera, (m) que acabam de quebrar o vaso, (n) que de longe parecem moscas.

– Antiga enciclopédia chinesa intitulada *Empório Celestial de Conhecimentos Benévolos*.

LUIS BORGES, J. O idioma analítico de John Wilkins. In: _____. **Outras inquisições**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, vol. 3. Sem paginação.

Também citada em:

PAUWELS, L.; BERGIER, J. **The eternal man**. Londres: Souvenir Press, 1972. p. 93.

Uma biblioteca é um mundo; antes de organizada é um caos. O bibliotecário é o deus desse mundo, que, com o 'fiat' maravilhoso da classificação, transforma o amontoado de livros em uma instituição útil à comunidade.

LENTINO, N. **Guia teórico, prático e comparado dos principais sistemas de classificação bibliográfica**. São Paulo: Polígono, 1971. p. 3.

RESUMO

Estudo comparativo entre os dois sistemas de classificação bibliográficas (SCB) mais utilizados do mundo, a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU), com o objetivo de identificar semelhanças e diferenças relacionadas à elaboração, estrutura, notação, uso, publicação e aquisição. A pesquisa qualifica-se como qualitativa, descritiva e aplicada. Quanto ao procedimento de coleta de dados, adotou-se a pesquisa do tipo bibliográfica e utilizou-se o método comparativo como meio técnico de investigação. O estudo constatou importantes diferenças entre os sistemas como a ausência de um manual explicativo na CDU, recurso de grande auxílio à resolução de dúvidas na Classificação de Dewey; carência de uma tradução da CDD para o português; caráter analítico-sintético encontrado, de forma integral, somente na CDU; entre outras elencadas ao longo do trabalho. Os objetivos gerais e específicos foram atingidos e oito quadros comparativos foram elaborados, confrontando diretamente as características de cada sistema, a partir das informações colhidas e dos resultados obtidos.

Palavras-chave: Classificação bibliográfica. Estudo comparativo. Análise comparativa. Classificação Decimal de Dewey (CDD). Classificação Decimal Universal (CDU).

ABSTRACT

Comparative study between the two world's most used bibliographic classification systems, the Dewey Decimal Classification (DDC) and the Universal Decimal Classification (UDC), aiming to identify similarities and differences when it comes to development, structure, notation, use, application, publishing and acquisition. The research is qualified as qualitative, descriptive and applied. As for the data collection procedure, the literature review kind was adopted, and the comparative method was used as the technical research process. The study found relevant differences between the systems like the absence of an explanatory manual in UDC, a great resource for solving doubts found only in the Dewey system; the lack of a DDC translation to Portuguese; the analytical-synthetic feature found, integrally, only on UDC; among others listed throughout the paper. The main and specific goals were met, and eight comparative tables were assembled, directly confronting the characteristics of each system, based on the information collected and the results obtained.

Keywords: Bibliographic classification. Comparative study. Comparative analysis. Dewey Decimal Classification (DDC). Universal Decimal Classification (UDC).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Comparação entre os esquemas de Bacon e Harris	39
Figura 2 – CDD: primeiro sumário.....	46
Figura 3 – CDD: parte do segundo sumário	47
Figura 4 – CDD: parte do terceiro sumário	47
Figura 5 – CDD: sumário específico da notação 020	48
Figura 6 – CDD: parte de sumário multinível da notação 370.....	48
Figura 7 – CDD: exemplo de nota de construção	51
Figura 8 – CDD: exemplo de parênteses destacando uma classificação alternativa.....	53
Figura 9 – CDD: os 4 volumes da <i>Print Edition</i>	54
Figura 10 – CDD: exemplar da <i>Abridged Edition</i>	55
Figura 11 – CDD: capa da versão <i>200 Religion Class</i>	55
Figura 12 – CDD: capturas de tela do software WebDewey.....	56
Figura 13 – CDU: leiaute das entradas.....	60
Figura 14 – CDU: distribuição das entradas por classe principal.....	61
Figura 15 – CDU: distribuição das entradas por tabela auxiliar comum	62
Figura 16 – CDU: fragmento de proposta de expansão sobre raças de coelhos.....	68
Figura 17 – Exemplos de síntese utilizando a CDU	70
Figura 18 – CDU: <i>hub</i> (ou concentrador) da versão online: <i>UDC Online</i>	72
Figura 19 – Reprodução de comparação entre os sistemas CDD, CDU e LCC.....	78
Figura 20 – Reprodução de comparação entre aspectos positivos e negativos dos sistemas...	80

LISTA DE TABELAS

Quadro 1 – Classes principais da CDD	30
Quadro 2 – Classes principais da CDU	31
Quadro 3 – 1º esquema da classificação de Cutter.....	33
Quadro 4 – 6º esquema da classificação de Cutter.....	33
Quadro 5 – Classes principais da LCC	34
Quadro 6 – Classes principais da classificação de Ranganathan.....	36
Quadro 7 – CDD: comparação entre as classes principais da 1ª e 23ª ed.	41
Quadro 8 – CDU: relação entre os símbolos utilizados e as tabelas auxiliares.....	60
Quadro 9 – CDU: níveis de uso por continente, por país	74
Quadro 10 – Comparação entre os símbolos utilizados pela CDU e pela LBC	77
Quadro 11 – Resumo comparativo dos sistemas: CDD X CDU	85
Quadro 12 – Comparação entre as classes principais da CDD e da CDU	86
Quadro 13 – Comparação entre as estruturas da CDD e da CDU	87
Quadro 14 – Comparação entre as tabelas auxiliares da CDD e da CDU	88
Quadro 15 – Comparação entre os símbolos utilizados pela CDD e pela CDU	89
Quadro 16 – Valores cobrados em dólares americanos (USD) em maio de 2018, pela OCLC, para uso da CDD	90
Quadro 17 – Valores cobrados em euros (EUR) em maio de 2018, pelo UDC Consortium, para uso da CDU	91
Quadro 18 – Comparação das subdivisões das classes de religião na CDD e na CDU	95
Quadro 19 – Vantagens e desvantagens da CDD e da CDU no tratamento da religião.....	96
Quadro 20 – Exemplos reais de classificação na CDD e na CDU	97

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BCE	Biblioteca Central da UnB
BRAPCI	Base de Dados em Ciência da Informação
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDDir	Classificação Decimal de Direito
CDU	Classificação Decimal Universal
CI	Ciência da informação
DDC	<i>Dewey Decimal Classification</i>
etc.	<i>et cetera</i> (e os restantes)
ex.	<i>exemplo</i>
FID	Federação Internacional de Documentação (1937-1988)
FID	Federação Internacional de Informação e Documentação (1988-2000)
IBICT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
i. e.	isto é
IIB	Instituto Internacional de Bibliografia (1895-1931)
IID	Instituto Internacional de Documentação (1931-1937)
LBC	<i>Library-Bibliographic Classification</i>
LC	<i>Library of Congress</i>
LCC	<i>Library of Congress Classification</i>
MRF	<i>Master Reference File</i>
OCLC	<i>Online Computer Library Center</i>
RBU	Repertório Bibliográfico Universal
SCB	Sistema de classificação bibliográfica
SOC	Sistema de organização do conhecimento
UDC	<i>Universal Decimal Classification</i>
UDCC	<i>UDC Consortium</i>
UnB	Universidade de Brasília

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO.....	20
2.1	Definição do problema e justificativa	20
2.2	Objetivos da pesquisa	20
2.2.1	<i>Objetivo geral</i>	20
2.2.2	<i>Objetivos específicos</i>	21
2.3	Delimitação do estudo	21
3	REVISÃO DE LITERATURA	22
3.1	Classificação: conceitos e princípios	22
3.1.1	<i>Conceitos</i>	23
3.1.2	<i>Princípios</i>	24
3.2	Sistemas de classificação	27
3.2.1	<i>Principais sistemas de classificação bibliográfica (SCB).....</i>	29
3.2.1.1	<i>Classificação Decimal de Dewey (CDD).....</i>	30
3.2.1.2	<i>Classificação Decimal Universal (CDU)</i>	30
3.2.1.3	<i>Classificação Decimal de Direito (CDDir).....</i>	31
3.2.1.4	<i>Classificação Expansiva de Cutter</i>	32
3.2.1.5	<i>Classificação da Biblioteca do Congresso Americano (LCC).....</i>	34
3.2.1.6	<i>Classificação dos Dois-Pontos</i>	35
3.2.2	<i>Elementos essenciais de um bom sistema de classificação.....</i>	36
3.3	Classificação Decimal de Dewey (CDD)	37
3.3.1	<i>Origem.....</i>	38
3.3.2	<i>Histórico.....</i>	40
3.3.3	<i>Estrutura</i>	43
3.3.3.1	<i>Vol. 1: Introdução, manual e tabelas auxiliares.....</i>	43
3.3.3.1.1	Table 1: Standard subdivisions	44
3.3.3.1.2	Table 2: Geographic areas, historical periods, biography	44

3.3.3.1.3	Table 3: Subdivisions for the arts, for individual literatures, for specific literary forms	45
3.3.3.1.4	Table 4: Subdivisions for individual languages and language families	45
3.3.3.1.5	Table 5: Ethnic and national groups	45
3.3.3.1.6	Table 6: Languages	45
3.3.3.2	<i>Vol. 2 e 3: Tabela sistemática</i>	46
3.3.3.3	<i>Vol. 4: Índice relativo</i>	49
3.3.3.4	<i>Tipos de notas</i>	49
3.3.4	Notação	51
3.3.5	Outras informações relevantes	53
3.3.5.1	<i>Parênteses e colchetes</i>	53
3.3.5.2	<i>Versões</i>	54
3.3.5.2.1	Print Edition	54
3.3.5.2.2	Abridged Edition	55
3.3.5.2.3	200 Religion Class	55
3.3.5.2.4	WebDewey	56
3.4	Classificação Decimal Universal (CDU)	57
3.4.1	Origem	57
3.4.2	Histórico	59
3.4.3	Estrutura	59
3.4.3.1	<i>Parte 1: tabela sistemática</i>	60
3.4.3.1.1	Tabela 1a: coordenação e extensão	62
3.4.3.1.2	Tabela 1b: relação, subagrupamento e ordenação	63
3.4.3.1.3	Tabela 1c: auxiliares comuns de língua	63
3.4.3.1.4	Tabela 1d: auxiliares comuns de forma	64
3.4.3.1.5	Tabela 1e: auxiliares comuns de lugar	64
3.4.3.1.6	Tabela 1f: auxiliares comuns de raça, grupos étnicos e nacionalidade	64
3.4.3.1.7	Tabela 1g: auxiliares comuns de tempo	64
3.4.3.1.8	Tabela 1h: especificação de assunto por notações que não pertencem à CDU	65
3.4.3.1.9	Tabela 1k: auxiliares comuns de características gerais	65
3.4.3.1.10	Subdivisões auxiliares especiais	66
3.4.3.2	<i>Parte 2: índice alfabético</i>	66

3.4.4	Notação	67
3.4.4.1	<i>Decimalidade.....</i>	67
3.4.4.2	<i>Universalidade</i>	68
3.4.4.3	<i>Caráter hierárquico</i>	69
3.4.4.4	<i>Caráter analítico-sintético.....</i>	69
3.4.5	Outras informações relevantes.....	71
3.4.5.1	<i>Versões.....</i>	71
3.4.5.1.1	<i>MRF</i>	71
3.4.5.1.2	<i>Edição brasileira</i>	71
3.4.5.1.3	<i>Edição completa.....</i>	72
3.4.5.1.4	<i>Edição abreviada</i>	72
3.4.5.1.5	<i>UDC Online</i>	72
3.4.5.1.6	<i>UDC Summaries</i>	73
3.4.5.2	<i>Uso da CDU no mundo</i>	73
3.5	Estudos comparativos entre CDD e CDU	75
3.5.1	<i>Panorama de sistemas de classificação / Cordelia Cavalcanti (1979)</i>	75
3.5.2	<i>Problems of universal classifications, based on a comparative study of the UDC and the soviet Library-Bibliographic Classification / Ladislav Kofnovec (1979)...</i>	76
3.5.3	<i>Comparação entre formatos de classificação: CDD, CDU e LCC / Iolanda Valente (2003)</i>	77
3.5.4	<i>UDC or DDC: a note about the suitable choice for the National Library of Liechtenstein / Marta Fandino (2008).....</i>	79
3.5.5	<i>Classificação: uma análise comparativa entre a Classificação Decimal Universal – CDU e a Classificação Decimal de Dewey – CDD / Lucas Andrade, Dayane Bruna e Wesleyne Sales (2011).....</i>	80
3.5.6	<i>Sistema de classificação documentária: CDD x CDU / Danielle Silva (2013).....</i>	81
4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	82
5	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	83
5.1	Comparação	83
5.1.1	<i>Semelhanças</i>	83
5.1.2	<i>Diferenças</i>	84

5.1.2.1	<i>Classes principais</i>	86
5.1.2.2	<i>Estrutura</i>	87
5.1.2.3	<i>Tabelas auxiliares</i>	88
5.1.2.4	<i>Notação</i>	89
5.1.2.5	<i>Valores de aquisição</i>	90
5.1.2.6	<i>Outras diferenças</i>	92
5.1.3	<i>Exemplos</i>	97
6	DISCUSSÃO E CONCLUSÃO	99
	REFERÊNCIAS	101
	ANEXOS	106

1 INTRODUÇÃO

A classificação bibliográfica por assunto, utilizando-se de uma notação decimal, foi idealizada pelo bibliotecário norte-americano Melvil Dewey, no final do século XIX. Duas décadas depois, os advogados belgas Paul Otlet e Henri La Fontaine, após adquirirem a permissão de Dewey, iniciam os trabalhos de tradução da Classificação Decimal de Dewey (CDD) para o francês, com o intuito de utilizá-la como instrumento de classificação de seu utópico projeto: o Repertório Bibliográfico Universal (RBU). Porém, ao perceberem o grande potencial da notação decimal, a ideia de uma mera tradução fora abandonada e diversas entradas novas foram também adicionadas, expandindo o sistema original. Mais ainda, desenvolveram recursos de combinação de números, baseados nos ideais de Ranganathan, transformando uma classificação puramente enumerativa em uma que permitisse a síntese de novos números, aumentando exponencialmente a quantidade de notações possíveis. Nascia naquele momento, no ano de 1902, a Classificação Decimal Universal (CDU) (UDC CONSORTIUM, 2007, 2018a).

Desde então, ambos os sistemas foram revisados, alterados e expandidos ao longo de mais de um século de existência. A CDD é considerada atualmente a classificação bibliográfica mais utilizada do mundo, em mais de 200 mil bibliotecas localizadas em mais de 135 países. A CDU vem logo atrás, com sua aplicação em mais de 150 mil instituições, distribuídas por cerca de 130 países (ONLINE COMPUTER LIBRARY CENTER, 2018; UDC CONSORTIUM, 2018a). No Brasil, porém, a CDU tem maior aplicação, principalmente por bibliotecas especializadas (MOMM; LESSA, 2009), provavelmente devido à barreira linguística no uso da CDD, já que esta não possui até a presente data uma tradução para o português, enquanto o sistema universal dispõe de uma tradução completa publicada em 2007 pelo Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia (IBICT).

A comparação entre os sistemas tornou-se inevitável. Apesar de semelhantes nos seus aspectos e funções gerais, inúmeras divergências mais específicas podem ser averiguadas. Portanto, o principal objetivo desta pesquisa foi identificar essas diferenças, não para apontar um vencedor, mas sim para servir como sustentação ou referência no momento da escolha, por parte de uma unidade de informação, do sistema de classificação mais adequado ao seu acervo e seus usuários. Esta análise comparativa pode também contribuir no estudo e ensino de Classificação, dos cursos superiores de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Num primeiro momento, a revisão de literatura, através de pesquisa bibliográfica em bases de periódicos como BRAPCI e CAPES, bem como obras encontradas no acervo da Biblioteca Central (BCE) da Universidade de Brasília (UnB), delinea os principais conceitos e princípios utilizados ao longo do trabalho. Breves explicações sobre outros sistemas de classificação bibliográfica (SCB), além dos já citados, também integram esta seção.

Em seguida, iniciando-se pela CDD, os dois sistemas são apresentados individual e minuciosamente, expondo suas estruturas, notações, recursos e desenvolvimento histórico; em suma: suas principais características.

Concluindo a seção, apresentam-se outras comparações encontradas na literatura entre sistemas bibliográficos de classificação. Somente aquelas que comparassem pelo menos um dos esquemas estudados nesta pesquisa, CDD ou CDU, foram selecionados. Este segmento, em especial, foi ordenado de forma cronológica de publicação.

Na seção seguinte são apresentados os procedimentos metodológicos escolhidos para o estudo que se qualifica como uma pesquisa qualitativa, descritiva e aplicada. Quanto ao procedimento de coleta de dados, adotou-se a pesquisa do tipo bibliográfica. Já com relação ao método de procedimento, ou meio técnico de investigação, a pesquisa utilizou-se do método comparativo.

A seção 5 (Apresentação e análise dos dados) representa a essência do trabalho pois é nela que são evidenciadas as principais semelhanças e diferenças constatadas quando da comparação direta entre os sistemas estudados. Estas diferenças são explicitadas por intermédio de quadros comparativos, elaborados pelos autores, que permitem uma rápida e descomplicada visualização dos resultados do confronto.

Ao final são apresentadas as considerações finais e uma síntese dos frutos da pesquisa, seguidas pelas referências bibliográficas utilizadas como base para todo o estudo.

2 CONSTRUINDO O OBJETO DE ESTUDO E O REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Definição do problema e justificativa

Uma análise comparativa entre os principais sistemas de classificação bibliográfica utilizados no mundo, a saber, CDD e CDU, tem fundamentada sua justificativa em três motivos. O primeiro diz respeito à atualidade do tema, pois esta comparação existe desde que se tornaram contemporâneos, com o lançamento posterior da CDU, e perdura até os dias de hoje, presente de forma clara na escolha, pelas bibliotecas, do sistema mais adequado ao seu contexto e aos seus usuários.

Outro motivo propulsor desta pesquisa é a conseqüente sistematização ou agregação das comparações entre as classificações que se encontram atualmente dispersas na literatura da área, de forma escassa. Por fim, o presente estudo pode servir como instrumento de apoio (bibliografia complementar) ao ensino da disciplina de Classificação nos cursos superiores de Biblioteconomia, ou outras disciplinas específicas que tratem destes sistemas de classificação decimal.

Diante do acima exposto, pergunta-se: quais são as principais semelhanças e divergências encontradas em relação à elaboração, estrutura, notação, uso, publicação e aquisição dos principais sistemas de classificação bibliográfica usados atualmente: CDD e CDU?

2.2 Objetivos da pesquisa

Os objetivos da pesquisa podem ser divididos em: objetivo geral (ver [2.2.1](#)); e objetivos específicos (ver [2.2.2](#)).

2.2.1 *Objetivo geral*

Comparar as principais similitudes e divergências identificadas relacionadas à elaboração, estrutura, notação, uso, publicação e aquisição dos sistemas de classificação bibliográfica (SCB) conhecidos como CDD e CDU.

2.2.2 *Objetivos específicos*

- a) Analisar, individual e sistematicamente, cada um dos esquemas de classificação bibliográfica escolhidos, identificando seus aspectos intrínsecos e extrínsecos tais como: estrutura, base, notação, uso, viés, idioma, entre outros.
- b) Comparar, face a face, cada um dos esquemas analisados, a partir dos aspectos identificados e reconhecer semelhanças e dessemelhanças.
- c) Elaborar quadros comparativos referentes aos aspectos analisados, de modo a sintetizar o estudo comparativo.

2.3 *Delimitação do estudo*

Por razões práticas e devido ao curto tempo disponível para a pesquisa, somente os dois sistemas gerais de classificação bibliográfica mais utilizados no Brasil puderam ser contemplados de forma aprofundada, excluídos, portanto, as classificações filosóficas do qual derivaram (como as classificações de Bacon e W. T. Harris), outros sistemas gerais menos utilizados (como a classificação da Biblioteca do Congresso Americano) e sistemas especializados (como a Classificação Decimal de Direito).

Sugere-se, portanto, que futuros estudos sejam conduzidos analisando-se outros sistemas de classificação que não puderam ser contemplados na presente pesquisa.

3 REVISÃO DE LITERATURA

A pesquisa bibliográfica foi realizada na Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), no Portal de Periódicos da Capes e no acervo da BCE.

Os termos pesquisados na BRAPCI e os respectivos resultados obtidos em cada busca foram: **classificação bibliográfica** (93); **“classificação bibliográfica”** (30); **classificação bibliográfica comparativa** (3); **CDD CDU** (13).

No Portal de Periódicos da Capes os mesmos termos de busca foram utilizados, com algumas alterações pontuais, adicionando filtros por tópicos para refinar a pesquisa e evitar o aparecimento de publicações não relacionadas à área da CI. Os resultados recuperados foram: **classificação bibliográfica** (126); **“classificação bibliográfica”** (27); **classificação bibliográfica comparativa** (10); **classificação bibliográfica compar*** (77); **“classificação bibliográfica” compar*** (13); **CDD CDU** (22).

A pesquisa no acervo da BCE foi realizada *in loco*, nas estantes, buscando-se somente obras classificadas no intervalo **025.44/.47**, que representa, na CDU, os **Sistemas de classificação**, com especial atenção à notação **025.45**, exclusiva das **Classificações decimais**.

3.1 Classificação: conceitos e princípios

[...] os animais dividem-se em (a) pertencentes ao imperador, (b) embalsamados, (c) amestrados, (d) leitões, (e) sereias, (f) fabulosos, (g) cães soltos, (h) incluídos nesta classificação, (i) que se agitam como loucos, (j) inumeráveis, (k) desenhados com um finíssimo pincel de pêlo de camelo, (l) etcétera, (m) que acabam de quebrar o vaso, (n) que de longe parecem moscas (LUIS BORGES, 2007, sem paginação).

O trecho acima, retirado de um texto de Jorge Luis Borges, célebre escritor, poeta e ensaísta argentino, certamente proporciona uma confusão mental, uma sensação de desamparo e mal-estar psicológico. Isto é motivado, segundo Pombo (1998, p. 19), pelo fato de o mesmo “nos confrontar com classificações insólitas, completamente estranhas às categorias do nosso pensamento”. A autora completa afirmando que somente as classificações das coisas, fatos e acontecimentos:

[...] nos permitem orientar-nos no mundo à nossa volta, estabelecer hábitos, semelhanças e diferenças, reconhecer os lugares, os espaços, os seres, os acontecimentos; ordená-los, agrupá-los, aproximá-los uns dos outros, mantê-los em conjunto ou afastá-los irremediavelmente.

A classificação é um processo lógico, indissociável de nossa mente. Qualquer situação que seja alheia a isso, que contrarie as leis da natureza, é automaticamente entendida como equívoca, desprovida de sentido, irracional. Grolier (1976 apud CAMPOS, 1979, p. 1) reconhece que “o homem é, por essência, um animal classificador”. É um processo, portanto, inerente ao ser humano e à sua relação com o meio que o cerca.

3.1.1 Conceitos

Para realizar um estudo comparativo sobre sistemas de classificação bibliográfica, primeiramente buscou-se encontrar na literatura a definição do conceito de classificação.

O verbo classificar vem do latim *classe-*, «classe» *+ficāre*, por *facēre*, «fazer» (CLASSIFICAR, 2003-2018), portanto criar classes, separar elementos em um conjunto de classes. O *Dicionário Porto da Língua Portuguesa* define classificação como a “distribuição por classes, categorias ou grupos com características semelhantes, feita segundo determinados critérios” (CLASSIFICAÇÃO, 2003-2018).

De forma similar, Souza (2012, p. 13) afirma que este é “o processo de reunir coisas, ideias ou seres, em grupos, de acordo com seu grau de semelhança”. Outros autores tratam a classificação como um processo mental de agrupamento de elementos conforme suas semelhanças e separação de acordo com as diferenças entre si, constituindo uma das fases fundamentais do pensamento humano (CAMPOS, 1973 apud PIEDADE, 1983; CUNHA; CAVALCANTI, 2008).

Para Pereira et al (2009), a classificação bibliográfica devota-se à organização física dos documentos, visando a sua posterior recuperação, ordenando o acervo de tal forma que facilite o acesso ao documento armazenado.

Campos (1979) destaca a importância da classificação no processo de recuperação da informação, enquanto Azevedo (1971) promove esta ciência ao nível máximo de relevância e complexidade dentre os inúmeros trabalhos do bibliotecário. E não é o único a exaltá-la:

Uma biblioteca é um mundo; antes de organizada é um caos. O bibliotecário é o deus desse mundo, que, com o ‘fiat’¹ maravilhoso da classificação, transforma o amontoado de livros em uma instituição útil à comunidade (LENTINO, 1971, p. 3).

¹ O termo em latim *fiat* pode ser entendido aqui como “num piscar de olhos”, “num estalar” ou ainda “como num passe de mágica”, o que demonstra a importância e o poder da classificação na visão desta outra autora.

O pensamento congênere de Barbosa (1972, p. 73) consagra a classificação como a principal função das bibliotecas, e acrescenta: “é a organização dos conhecimentos existentes em suas coleções, para que possam ser, sempre que solicitados, recuperados com rapidez”. A autora conclui afirmando que a localização física de um documento em um acervo, seguindo uma sistematização, é a maneira mais útil para seu uso.

Este resultado só é alcançado com o efetivo uso de alguma linguagem artificial, de códigos ou símbolos, que seja capaz de reunir fisicamente os documentos que tratem de um mesmo assunto (BARBOSA, 1972). De modo corrente, esses tais códigos denominam-se números, ou notação de classificação (MEY; SILVEIRA, 2009).

A notação de assunto (ou notação de classificação) é definida por Wynar (1967 apud MEY; SILVEIRA, 2009) como um “símbolo que codifica um sistema de classificação e, portanto, deve ser simples, breve e flexível”.

Assim, foram desenvolvidos os sistemas de classificação bibliográfica (SCB) com o objetivo de organizar acervos, facilitando a busca e recuperação da informação (MOMM; LESSA, 2009).

3.1.2 Princípios

Alguns princípios e funções independem do esquema de classificação utilizado na unidade de informação e há regras que devem ser seguidas por qualquer profissional, com o intuito de se realizar uma classificação com excelência.

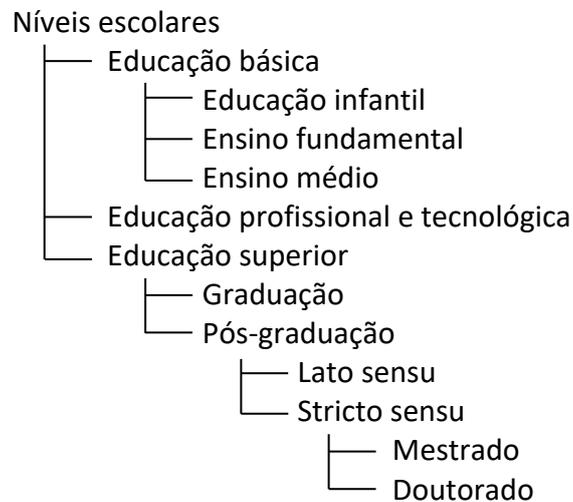
Rocha e Celere (2013) preconizam que uma classificação deve abranger todos os assuntos de uma subárea, atentando também para a hierarquia de assuntos específicos (com maior intensão) subordinados aos assuntos mais genéricos (com maior extensão), além é claro da previsão da multidisciplinaridade dos assuntos, ou seja, a inclusão de um mesmo assunto dentro de diferentes disciplinas, cada qual com seu ponto de vista.

Semelhantes aos apontados pelas autoras acima, Dodebei (2002) evidencia três princípios lógicos da classificação:

a) **completude;**

“A divisão do conceito deve ser completa, adequada e ordenada por complexidade crescente, isto é, enumerar todos as espécies de que o gênero se compõe, do simples ao

complexo ou do abstrato ao concreto” (DODEBEI, 2002, p. 79). Como exemplo, têm-se as divisões do conceito **níveis da educação escolar**²:



Este mesmo princípio é também chamado por Barbosa (1972, p. 74) como **princípio da sequência útil**: “a colocação do geral antes do específico, ou, segundo Ranganathan, o mais abstrato antes do mais concreto”.

b) irredutibilidade;

Um mesmo conceito não pode estar localizado em dois lugares ao mesmo tempo, numa mesma hierarquia. A divisão deve assegurar que nenhum elemento esteja compreendido no outro. “Não se deve enumerar mais do que os elementos verdadeiramente distintos entre si [...]” (DODEBEI, 2002, p. 80).

c) mútua exclusividade.

Somente uma característica, princípio, ou faceta, deve ser analisada por vez, assegurando que os elementos resultantes sejam verdadeiramente opostos entre si.

Vale lembrar ainda que as classificações por assunto não se aplicam somente a livros em um acervo de biblioteca. Elas podem ser utilizadas como um sistema de organização do conhecimento (SOC) em qualquer tipo de instituição que deseje classificar suas obras pelo conteúdo, independentemente do suporte em que se encontrem. Ou seja, podem ser classificados, e posteriormente recuperados com maior facilidade, além dos livros: panfletos, periódicos, obras de referência, mapas, recursos eletrônicos e/ou digitais, entre outros (TABOSA; CARDOSO; ALBUQUERQUE, 2015).

² Conforme o Título V da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei nº 9394/96). Disponível em: <planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/l9394.htm>. Acesso em: 22 maio 2018.

Alguns sistemas, como a CDU, podem ainda ser utilizados como instrumentos de indexação devido ao seu caráter analítico-sintético, no qual cada um dos assuntos (ou palavras-chave) relacionados a um documento seriam representados por uma notação. A pesquisa poderia ser feita por meio das mesmas também.

É importante notar que um SCB, e a notação resultante de sua aplicação no processo classificatório, nunca representará de forma completamente exata o assunto de um documento, mas um assunto dentre os previstos ou possibilitados pelo sistema, e que foi escolhido ou elaborado, dentro dos limites do mesmo, por um profissional. Há, portanto, os fatores técnicos, relacionados à própria estrutura, concepção e aplicação do esquema, e os humanos, relacionados ao uso adequado ou não da ferramenta de classificação pelo profissional bibliotecário, que transforma todos os diversos assuntos e conceitos abordados em uma obra traduzindo-os em uma única notação que, por essência, não consegue abranger o todo com completeza.

Assim sendo, uma notação de assunto representa apenas parcialmente o conteúdo de um documento. E para representá-lo o mais fielmente possível é necessário um sistema de classificação que permita não só grande profundidade, especificidade e extensão, como também a possibilidade de síntese, aumentando exponencialmente a sua capacidade e quantidade de conceitos possíveis de serem representados.

Ainda que se atente para princípios de imparcialidade e universalidade de assuntos, tanto na elaboração de um sistema, quanto na sua aplicação, percebe-se que “[...] não há classificação do universo que não seja arbitrária e conjetural. A razão é muito simples: não sabemos o que é o universo” (LUIS BORGES, 2007, sem paginação).

Mesmo que um sistema fosse elaborado, teoricamente, de forma absolutamente imparcial (o que é efetivamente impraticável), ainda apresentaria, em sua própria concepção, a preferência por um determinado ponto de vista. Diderot (1994 apud POMBO, 1998, p. 26) relembra que: “quer o universo seja real ou inteligível, há uma infinidade de pontos de vista sob os quais pode ser representado e o número dos sistemas possíveis do conhecimento humano é tão grande como o desses pontos de vista”.

Diversas pesquisas, porém, já se dedicaram ao estudo da teoria da classificação, seus princípios e sua evolução histórica³, não convindo aqui prolongamento maior sobre o tema. O que cabe a este estudo é a comparação entre os elementos funcionais e demais características de sistemas já desenvolvidos e amplamente utilizados atualmente, identificando assim suas possíveis diferenças e semelhanças.

3.2 Sistemas de classificação

Foram encontradas, na literatura, diversas definições e conceitos diferentes para os sistemas de classificação, porém relacionados e, de certa forma, bastante similares, o que denota já certa maturidade do termo no campo da Ciência da Informação (CI).

Para Langridge (1977), um sistema de classificação é um mapa completo de qualquer área do conhecimento, que apresenta todos os seus conceitos e relações.

Mey e Silveira (2009), assim como Lago (2009), definem esses sistemas como listas estruturadas de assuntos, nas quais estes últimos são representados por símbolos (números, letras, sinais gráficos), que têm a função de agrupar documentos semelhantes, distribuídos em classes, reunindo assim, em um mesmo local, as obras de uma biblioteca que versem sobre o mesmo assunto.

Piedade (1983) defende que os sistemas são linguagens de indexação artificiais e pré-coordenadas, diferindo umas das outras quanto à especificidade de assuntos que proporcionam ao bibliotecário no processo de classificação. A autora complementa ainda que o seu principal objetivo é facilitar o acesso à informação para o usuário, ideal também compartilhado por Richardson:

As bibliotecas não constituem um museu para exibir os fósseis do conhecimento. Os livros são colecionados para o uso, arranjados para o uso e o uso é o motivo único da classificação (RICHARDSON, 1935 apud LENTINO, 1971, p. 3).

Soergel (1999 apud CAFÉ; BRATFISCH, 2007) enumera também alguns dos objetivos funcionais dos sistemas de classificação bibliográfica, comuns também a outros SOCs:

- a) fornecer um mapa semântico de campos individuais do conhecimento e relação entre eles;

³ Para maiores informações sobre estes assuntos, ler, entre outros: ARAÚJO, 2006; DAHLBERG, 1978b; DODEBEI, 2002; LANGRIDGE, 1977.

- b) melhorar a comunicação e o aprendizado;
- c) fornecer uma base conceitual para o planejamento de uma pesquisa de qualidade e sua implementação;
- d) apoiar a recuperação da informação: oferecer suporte baseado no conhecimento para busca pelo usuário final, oferecer busca expandida hierarquicamente, apoiar saídas bem estruturadas para resultados de busca, oferecer um instrumento para indexação (controle de vocabulário, indexação centrada no usuário ou orientada ao problema).

Outro objetivo é descrito por Araújo (2006, p. 122) ao afirmar que “[...] as teorias de classificação bibliográfica buscam promover uma classificação sistemática, lógica, que reflita crítica e sistematicamente sobre os elementos de ligação que servem para a reunião de conceitos”.

Antes de dar continuidade aos estudos sobre os sistemas de classificação bibliográfica utilizados atualmente, faz-se necessário lembrar que existem, ou existiram, outros sistemas de classificação, sejam eles bibliográficos ou não.

Lentino (1971), por exemplo, divide estes sistemas (ou esquemas) em quatro grandes grupos: antigos; modernos; expansivos; e decimais. Ao primeiro grupo pertencem as tábuas de barro da biblioteca assíria de Assurbanípal, divididas em 2 classes: conhecimentos da terra e conhecimentos do céu. Também pertence ao grupo o primeiro sistema registrado, idealizado por Calímacus, da Biblioteca de Alexandria. Segundo este sistema, as obras nesta biblioteca eram separadas pelo tipo de autor: poetas, filósofos, historiadores, etc. Por fim, as classificações medievais e as filosóficas de Francis Bacon e W. T. Harris completam o grupo das classificações antigas.

No grupo das classificações modernas, Lentino (1971) cita as classificações de Brown, Bliss e Ranganathan (classificação dos dois-pontos). No terceiro grupo, das classificações expansivas, a autora apresenta o sistema de Cutter, que não deve ser confundido com a notação de autor concebida também pelo mesmo bibliotecário; e a classificação da Biblioteca do Congresso Americano, mais conhecida como LCC (*Library of Congress Classification*) e baseada na anterior.

Por fim, o último grupo, das classificações decimais, tem como destaque principal os sistemas a serem estudados na presente pesquisa: a Classificação Decimal de Dewey (CDD) (ver [3.3](#)) e a Classificação Decimal Universal (CDU) (ver [3.4](#)).

3.2.1 Principais sistemas de classificação bibliográfica (SCB)

Antes do surgimento da CDD, os livros não eram organizados por assunto nas bibliotecas, afinal a grande maioria destas instituições não mantinha seus acervos abertos de forma livre ao público. Naquela época, o ideal era um sistema simples que permitisse a rápida localização, pelo bibliotecário, de uma obra solicitada por algum usuário. Para tal, utilizava-se a localização fixa, onde a notação de classificação de um livro consistia na numeração da sala, estante, prateleira e posição exata do mesmo dentre os outros de uma mesma prateleira. Este “endereço” é chamado de fixo pois não é alterado com a aquisição de novas obras pela biblioteca.

A principal vantagem deste esquema é a economia de espaço, algo considerado de grande interesse por bibliotecas nacionais que possuem vastos acervos com milhões de itens armazenados. Porém, as inúmeras desvantagens fizeram com que este sistema fosse abandonado por grande parte das bibliotecas contemporâneas, e substituído por outros que permitissem ao usuário localizar o que desejasse, sem o intermédio do bibliotecário, através de recursos de acesso livre como o *browsing*⁴.

Foi a partir da revolução francesa, e dos ideais de liberdade e acesso público à informação advindos dela, que as bibliotecas se transformaram:

A preocupação com a classificação de acordo com o conteúdo de cada livro passou a ser premissa no momento em que as bibliotecas deixaram de ser simples locais para guarda e armazenamento de livros e se tornou um lugar para disponibilização, acesso e compartilhamento de informação (UMBELINO; AGANETTE, 2017, p. 44).

Surgiram então as classificações por assunto, que permitiam relacionar e agrupar livros de acordo com seu conteúdo. Os aspectos intrínsecos dos documentos passaram a se sobrepor aos aspectos extrínsecos.

A seguir, nas seções de 3.2.1.1 a 3.2.1.6, estão elencados os SCBs mais conhecidos, utilizados e estudados no Brasil e no mundo.

⁴ Busca livre do usuário nas estantes sem um item específico em mente, “navegando” por entre as prateleiras que acomodam obras sobre um mesmo assunto, ou outros assuntos relacionados.

3.2.1.1 *Classificação Decimal de Dewey (CDD)*

Mais antigo dos sistemas modernos de classificação bibliográfica e o mais utilizado no mundo, em cerca de 200 mil bibliotecas em mais de 135 países; traduzido para mais de 35 idiomas (ONLINE COMPUTER LIBRARY CENTER, 2018; SILVA, 2013; TAYLOR, 2006).

O intento de Dewey era criar uma ferramenta prática e de fácil aplicação por ‘pessoas com pequena capacidade ou escasso adestramento’; uma forma de responder às questões pragmáticas de organização da informação com vistas à rapidez na localização de documentos e no livre acesso às estantes (SCHELLENBERG, 1980, p. 11 apud TRIVELATO; MOURA, 2016, p. 4).

Divide o conhecimento humano em 10 disciplinas (ou classes), representadas por números compostos por 3 algarismos (ver quadro 1), que são subdivididas em outras 10 divisões cada, subdivididas mais uma vez em 10 seções, e assim sucessiva e indefinidamente, especificando cada vez mais o assunto inicial.

Quadro 1 – Classes principais da CDD

000 Ciência da computação, informação e obras gerais	500 Ciência
100 Filosofia e psicologia	600 Tecnologia
200 Religião	700 Artes e recreação
300 Ciências sociais	800 Literatura
400 Língua	900 História e geografia

Fonte: elaboração própria a partir de Dewey (2011).

Utiliza uma notação pura, ou seja, constituída apenas por números, sem o advento de outros símbolos como na CDU.

Este sistema será analisado com maior profundidade posteriormente (ver [3.3](#)).

3.2.1.2 *Classificação Decimal Universal (CDU)*

Segundo o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) (2012, sem paginação), detentor dos direitos da CDU em língua portuguesa, a Classificação Decimal Universal é:

[...] um sistema internacional de classificação de documentos, cuja base está no conceito de que o conhecimento humano pode ser dividido em 10 classes principais de conhecimento, e estas, por sua vez, podem ser infinitamente divididas numa hierarquia decimal. É um sistema de classificação consolidado e largamente usado pelas bibliotecas em todo o mundo.

Quadro 2 – Classes principais da CDU

0	Ciência e conhecimento. Organização. Informática. Informação. Documentação. Biblioteconomia. Instituições. Publicações.	5	Matemática. Ciências naturais
1	Filosofia. Psicologia	6	Ciências aplicadas. Medicina. Tecnologia
2	Religião. Teologia	7	Arte. Recreação. Entretenimento. Desporto
3	Ciências sociais	8	Língua. Linguística. Literatura
4	_____ ⁵	9	Geografia. Biografia. História

Fonte: elaboração própria a partir de UDC Consortium (2018c).

Por ter sido baseada na CDD, sua macroestrutura é bastante semelhante à mesma, porém, ao contrário do outro esquema, utiliza somente 1 algarismo para representar cada uma das 10 classes principais, apresentadas no quadro 2. Na CDU, a classe reservada para língua na CDD foi transferida e mesclada com a número 8, de literatura. Assim, a classe 4 foi deixada vaga para o eventual surgimento de uma nova área da ciência.

É o sistema mais utilizado no Brasil, principalmente por bibliotecas especializadas (MOMM; LESSA, 2009). Uma das vantagens da CDU sobre a CDD, é que aquela possui uma edição completamente traduzida para o português do Brasil, elaborada pelo IBICT, enquanto o sistema de Dewey, em mais de 140 anos desde sua publicação, nunca foi traduzido oficialmente para a língua portuguesa.

Possui notação mista, ou seja, constituída tanto por números, quanto por letras e outros símbolos, diferentemente da CDD.

Este sistema será analisado com maior profundidade posteriormente (ver [3.4](#)).

3.2.1.3 *Classificação Decimal de Direito (CDDir)*

Em 1948, a bibliotecária e bacharela em direito Doris de Queiroz Carvalho, constatou a necessidade de detalhar a classe 340 da CDD, representativa da área de Direito. Disto surgiu a obra *Classificação Decimal de Direito*, editada pelo Ministério da Fazenda naquele mesmo ano (BRACKS, 2002)

O sistema consiste basicamente em uma expansão da classe referida além de uma adaptação e compatibilização com o cenário jurídico brasileiro, pois a CDD foi desenvolvida

⁵ A classe 4 encontra-se atualmente vaga.

tendo-se em mente o Direito americano, que possui como base a estrutura jurídica conhecida como *common law*, diferentemente do Brasil, que utiliza a estrutura denominada *civil law* (CARVALHO, 2002).

Ao contrário dos outros SCBs apresentados ao longo desta seção, a CDDir é uma classificação especializada, pois limita-se a apenas um dos ramos do conhecimento. Porém, considerou-se necessária a sua inclusão nesta lista devido à mesma ser bastante utilizada, principalmente por bibliotecas jurídicas da capital federal e, também, por ser a única dentre as demais elaborada exclusivamente no Brasil.

3.2.1.4 *Classificação Expansiva de Cutter*

Idealizada por Charles Ammi Cutter, mesmo criador das famosas tabelas de notação de autor que levam seu nome e são utilizadas até hoje por grande parte das bibliotecas ao redor do mundo.

Teve como base a classificação de Francis Bacon, que dividia o conhecimento em três grandes áreas: Filosofia, Ciência e Arte. É chamada expansiva porque seu idealizador desenvolveu sete esquemas separados que continham, cada um deles, todo o conhecimento humano. Cada um possuía um nível de extensão maior do que o anterior. O primeiro era o mais amplo e abrangente, aplicável a pequenas coleções de livros. “Os outros vão sendo gradativamente aumentados” (LENTINO, 1971, p. 35). O sétimo era extensamente mais minucioso e específico, indicado para grandes acervos, como os de bibliotecas nacionais.

Esta ideia de **evolução gradativa** e crescente permeia todo o esquema:

Na História Natural, a ciência procede da molécula para o corpo, do número para o espaço, através da matéria e da força para a matéria e a vida; na Zoologia vai dos protozoários para os primatas, terminando com a antropologia e assim por diante (LENTINO, 1971, p. 35-36).

Para melhor compreensão, foram reproduzidos a seguir, nos quadros 3 e 4 respectivamente, o primeiro e o sexto esquemas da classificação de Cutter, apresentados na obra de Lentino (1971, p. 36):

Quadro 3 – 1º esquema da classificação de Cutter

A	Trabalhos gerais
B	Filosofia e religião
E	Ciências históricas
H	Ciências sociais
L	Ciências e artes (aplicadas)
X	Linguagem
Y	Literatura
Yp	Ficção

Fonte: elaboração própria a partir de Lentino (1971, p. 36).

Quadro 4 – 6º esquema da classificação de Cutter

A	Trabalhos gerais
B	Filosofia
Br	Religião
C	Cristianismo
D	Ciências históricas
E	Biografias
F	História
G	Geografia e viagens
H	Ciências sociais
I	Demótica
J	Civismo
K	Legislação
L	Ciência e artes
M	História natural
N	Botânica
O	Zoologia
R	Artes aplicadas
S	Artes construtivas
T	Artes fabris
U	Arte de guerra
V	Artes atléticas
W	Belas-artes
X	Comunicação por linguagem

Fonte: elaboração própria a partir de Lentino (1971, p. 36).

Como se pode depreender pelos esquemas acima apresentados, são usadas letras maiúsculas para indicar as classes principais, e letras minúsculas para indicar suas subdivisões. Há ainda auxiliares de forma e de tratamento geográfico, representados por números, que podem ser adicionados a qualquer uma das classes da tabela.

Com a morte inesperada de Cutter, a obra permaneceu incompleta e por isso não constitui um sistema adotável pelas bibliotecas modernas, pois, ironicamente, acabou por não acompanhar a própria **evolução** do conhecimento, característica essencial em qualquer SOC.

3.2.1.5 *Classificação da Biblioteca do Congresso Americano (LCC)*

A *Library of Congress Classification* (LCC) foi desenvolvida pela Biblioteca do Congresso Americano tendo como base a Classificação de Cutter e seus criadores não tinham previsão alguma de que o esquema fosse utilizado por outras bibliotecas, o que influenciou em sua estrutura. É essencialmente um sistema prático, voltado para o uso real da classificação na instituição, portanto só existem notações previstas para obras já presentes no acervo, ao contrário de outros esquemas que já inserem números que podem sequer chegar a serem utilizados na realidade. Cada classe geral foi distribuída a especialistas da área, para que pudessem elaborar o plano estrutural da mesma (LENTINO, 1971).

Possui notação mista, com uso de letras e números. A seguir, no quadro 5, estão reproduzidas as classes principais do esquema:

Quadro 5 – Classes principais da LCC

A	Obras gerais	M	Música e obras sobre música
B	Filosofia, psicologia e religião	N	Belas-artes
C	Ciências auxiliares da história	P	Linguagem e literatura
D	História mundial e história da Europa, Ásia, África, Austrália, Nova Zelândia, etc.	Q	Ciência
E	História das Américas	R	Medicina
F	História das Américas	S	Agricultura
G	Geografia, antropologia e recreação	T	Tecnologia
H	Ciências sociais	U	Ciência militar
J	Ciência política	V	Ciência naval
K	Direito	Z	Bibliografia, biblioteconomia e recursos gerais de informação
L	Educação		

Fonte: elaboração própria a partir de Library of Congress (2018).

Vale notar que a LCC é disponibilizada online de forma totalmente **gratuita** para qualquer um que deseje utilizá-la, ou estudá-la; uma grande vantagem quando comparada com outros SCBs.

3.2.1.6 *Classificação dos Dois-Pontos*

Também conhecida como Classificação de Ranganathan, seu idealizador, ou ainda *Colon Classification*, no original em inglês, foi publicada em 1933 e revolucionou a biblioteconomia moderna, não pelo seu uso, que foi e é raro ainda, mas pelas inovações trazidas, destacando-se dentre elas a noção de faceta (LENTINO, 1971).

Segundo Lazarinis (2015, p. 150 apud AROUCK; JAEGGER; PINHA, 2017, p. 2962), “os principais sistemas de classificação bibliográfica, de uso geral, são essencialmente hierárquicos e enumerativos, com algumas características facetadas”. Isto se deve porque tanto a CDD quanto a CDU utilizaram-se dos ideais de faceta de Ranganathan, aumentando exponencialmente seu nível de síntese.

Para Kwasnik (1999, p. 14-15 apud CAFÉ; BRATFISCH, 2007, p. 243),

[...] as classificações facetadas não são realmente uma estrutura representacional diferente, mas, pelo contrário uma abordagem diferente do processo de classificação. A noção de facetas se deve à crença de que existe mais de uma maneira de observar o mundo e que mesmo essas classificações, que são vistas como estáveis, são de fato provisórias e dinâmicas. O desafio é construir classificações flexíveis e que possam acomodar novos fenômenos.

Assim, para Barbosa (1972), Ranganathan foi no século XX, com essa contribuição, o que Dewey representou no século XIX para a Biblioteconomia, com o advento de sua localização relativa.

A classificação de dois-pontos possui notação mista, com uso de letras maiúsculas e minúsculas do alfabeto latino⁶, algarismos arábicos, travessão e os dois-pontos, utilizados para separar cada uma das facetas concebidas por Ranganathan. Abaixo (quadro 6), as principais classes do esquema:

⁶ Havia também 8 letras do alfabeto grego (α – alfa; β – beta; γ – gama; δ – delta; λ – lambda; μ – mu; ν – nu; σ – sigma) que foram introduzidas a partir da 2ª edição, porém as mesmas foram substituídas na 6ª edição por letras duplas do alfabeto latino (LENTINO, 1971).

Quadro 6 – Classes principais da classificação de Ranganathan

A	Ciências naturais	MZ	Humanidades e ciências sociais
AZ	Ciências matemáticas	N	Belas-artes
B	Matemática	NX	Literatura e língua
BZ	Ciências físicas	O	Literatura
C	Física	P	Linguística
D	Engenharia	Q	Religião
E	Química	R	Filosofia
F	Tecnologia	S	Psicologia
G	Geologia	T	Educação
HX	Mineração	U	Geografia
I	Botânica	V	História
J	Agricultura	W	Ciências políticas
K	Zoologia	X	Economia
KZ	Zootecnia	Y	Sociologia
L	Medicina	YX	Serviço social
LX	Farmacologia	Z	Direito
M	Artes úteis		

Fonte: elaboração própria a partir de Lentino (1971, p. 29-30).

3.2.2 Elementos essenciais de um bom sistema de classificação

Cada um dos diversos esquemas de classificação apresentados brevemente na seção [3.2.1](#) possui características e elementos que os diferencia dos demais, ou os aproxima. Mann (1962 apud SOUZA, 2012) lista alguns elementos que considera essenciais em um bom SCB. Para a autora, um sistema deve:

- a) ser lógico;
- b) ser sistemático;
- c) ser minucioso;
- d) ser explícito;
- e) ser flexível;
- f) ser expansível;
- g) ser tão completo quanto possível;
- h) ter índice alfabético;
- i) ter notação fácil de escrever e memorizar;
- j) permitir a combinação de opiniões e classificar de acordo com diferentes pontos de vista;

k) ser feito de tal forma que seja facilmente possível ter uma ideia do conjunto.

O primeiro elemento (alínea “a”) é considerado o mais importante de todos, pois dele se originam todos os outros e “dentro da lógica tudo pode ser feito” (SOUZA, 2012, p. 17).

Crítérios essenciais foram levantados também por Wynar (1967 apud MEY; SILVEIRA, 2009), porém estes constituem, em suma, elementos análogos àqueles relatados por Mann, não sendo conveniente, portanto, a sua repetição neste estudo.

A seguir inicia-se o estudo dos dois principais sistemas de classificação utilizados atualmente: CDD e CDU.

3.3 Classificação Decimal de Dewey (CDD)

A CDD é um sistema de classificação “hierárquico, decimal, bibliográfico, estruturado e enumerativo” (SILVA, 2013, p. 8). Já os autores Silva e Ganin (1994 apud UMBELINO; AGANETTE, 2017, p. 46) apresentam 5 definições diferentes, porém complementares, para o sistema:

- a) um mapa completo das áreas do conhecimento, mostrando todos os seus conceitos e suas relações;
- b) um sistema hierárquico, em que as ideias, os conceitos são representados em suas múltiplas relações de coordenação, de subordinação e de superordenação;
- c) um sistema de classificação decimal que adota como princípio fundamental a divisibilidade do todo em dez partes, baseando-se numa divisão inicial em disciplinas e subdisciplinas;
- d) um sistema de classificação estruturado, primordialmente bibliográfico, destinado a servir de base à organização de documentos;
- e) um sistema de classificação enumerativo, relaciona todos os assuntos e todas as combinações/associações/relações possíveis entre os mesmos, juntamente com seus símbolos/combinções de símbolos para consumo, sem (maiores) intervenções do classificador.

Um dos pontos fortes da CDD em relação a outros sistemas é que ele é desenvolvido e mantido por uma agência bibliográfica nacional, a Biblioteca de Congresso Americano (*Library of Congress*), com apoio da *Online Computer Library Center* (OCLC), maior cooperativa de

bibliotecas, museus e arquivos do mundo (ONLINE..., 2018) e detentora dos direitos autorais do sistema.

É o mais antigo dos sistemas modernos de classificação bibliográfica e o mais utilizado no mundo, em cerca de 200 mil bibliotecas em mais de 135 países e traduzido para mais de 30 idiomas (ONLINE COMPUTER LIBRARY CENTER, 2018; SILVA, 2013; TAYLOR, 2006).

3.3.1 Origem

A CDD teve como base, para a disposição e organização de suas classes gerais, classificações filosóficas desenvolvidas desde a idade antiga. Estas surgiram quando os estudiosos compreenderam que o universo é um sistema harmônico, cujas partes estão dispostas em relação ao todo, com hierarquias e relações entre as ciências, e decidiram esquematizar tais hierarquias. Eram puramente teóricas, pois representavam a perspectiva de seus idealizadores, preocupados unicamente com a ordem das ciências e suas hierarquias.

Aristóteles foi o primeiro a trabalhar no arranjo de livros sob um plano definido. Estabeleceu princípios que regem a classificação (CARIBÉ, 2008c):

- a) divisão dicotômica das coisas;
- b) divisão tricotômica do conhecimento;
- c) origem dos predicáveis de Porfírio.

A divisão tricotômica do conhecimento tomou por base o fim ao qual se propõem as ciências e as dividiu conforme as três principais operações humanas: pensar, agir e produzir:

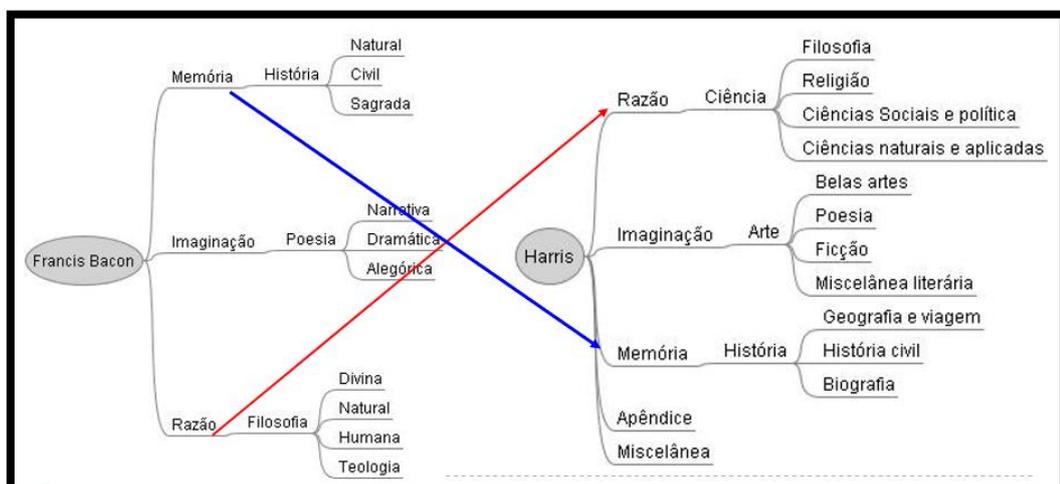
- a) **ciências teóricas (pensar);**
 - a - matemática,
 - b - física,
 - c - teologia,
- b) **ciências práticas (agir);**
 - a - economia,
 - b - política,
 - c - direito,
- c) **ciências poéticas (produzir);**
 - a - retórica,
 - b - poética,
 - c - dialética.

Muitos séculos depois, já no período renascentista, o filósofo e político Francis Bacon idealizou um sistema de análise do conhecimento humano que exerceu grande influência em diversos sistemas de classificação. Bacon dividiu as ciências segundo as faculdades humanas que analisam as impressões recebidas por objetos exteriores à mente: Memória (que origina a História); Imaginação (que dá origem a Poesia); e a Razão (originando a Filosofia):

- a) **história;**
 - a - natural,
 - b - civil,
 - c - sagrada,
- b) **poesia;**
 - a - narrativa,
 - b - dramática,
 - c - alegórica,
- c) **filosofia;**
 - a - divina,
 - b - natural,
 - c - humana,
 - d - teologia.

Em meados de 1870, surge a classificação de William Torrey Harris, educador, filósofo e lexicógrafo, aplicada na Biblioteca da escola pública de St. Louis, nos Estados Unidos. Baseada num esquema invertido da classificação de Bacon, como demonstrado na figura 1, a Razão e a Filosofia agora estavam em primeiro lugar.

Figura 1 – Comparação entre os esquemas de Bacon e Harris



Fonte: (CARIBÉ, 2008c, slide 62).

Foi então que, baseado neste esquema de Harris, Melville Louis Kossuth Dewey, mais conhecido como **Melvil Dewey**, criou seu sistema de classificação bibliográfica que veio a se tornar, atualmente, o mais utilizado do mundo.

3.3.2 Histórico

Dewey concebeu seu sistema de classificação em 1873 após diversos estudos e visitas a outras bibliotecas dos Estados Unidos, buscando um esquema que não fosse relacionado à localização física do documento e que pudesse gerar uma notação utilizável por qualquer biblioteca do mundo. Após 3 anos de aplicação na biblioteca da Amherst College, e de alterações que se fizeram necessárias, Dewey publicou pela primeira vez seu sistema, anonimamente, sob o título *A classification and subject index for cataloguing and arranging the books and pamphlets of a library* (Classificação e índice de assuntos para catalogar e organizar livros e panfletos de uma biblioteca [tradução nossa]), em 1876, contando com apenas 42 páginas (UMBELINO; AGANETTE, 2017).

Este sistema utilizava-se da localização relativa, ou seja, a notação de classificação de um livro permaneceria sempre a mesma. O que poderia mudar ao longo do tempo era a localização da obra na biblioteca, com a aquisição ou descarte de outros livros. O principal objetivo do esquema era agrupar os documentos que tratavam de um mesmo assunto, ou assuntos similares.

Baseando-se na classificação filosófica de W. T. Harris, que se fundou, por sua vez, na de Francis Bacon, Dewey dividiu o conhecimento humano em nove disciplinas, e adicionou uma décima ao perceber a necessidade de uma classe onde pudessem ser reunidas as obras que tratassem sobre todos os assuntos (UMBELINO; AGANETTE, 2017).

Assim sendo, as disciplinas relacionadas à Razão (filosofia, religião, ciências...) estavam dispostas em primeiro lugar no esquema, seguidas pelas oriundas da Imaginação (artes e literatura), e finalizadas por aquelas referentes à Memória (história e geografia).

Piedade (1983, p. 89) retrata de modo interessante, de forma semelhante a Lentino (1971), a ordenação lógica escolhida por Dewey para classificar as ciências:

O homem começou a pensar e a procurar uma explicação para sua existência, e assim surgiu a Filosofia; incapaz de desvendar o mistério imaginou a existência de um ser supremo que o havia criado, surge a Religião; multiplicando-se, o homem passa a viver em sociedade e vêem as Ciências Sociais; sente necessidade de se comunicar com os companheiros e cria

Línguas; passa então a investigar os segredos da natureza e temos as Ciências Puras; de posse desse conhecimento procura deles tirar proveito aparecendo as Ciências Aplicadas; e agora, já sentindo capaz de criar, dá origem as Artes e à Literatura; finalmente a História que conta tudo que passou.

A seguir (quadro 7), uma breve comparação entre as 10 classes principais da CDD presentes em sua primeira edição, de 1876, e aquelas presentes em sua última edição impressa, publicada em 2011:

Quadro 7 – CDD: comparação entre as classes principais da 1ª e 23ª ed.

1ª EDIÇÃO (1876)	CLASSE	23ª EDIÇÃO (2011)
(Geral)	000	Ciência da computação, informação e obras gerais
Filosofia	100	Filosofia e psicologia
Teologia	200	Religião
Sociologia	300	Ciências sociais
Filologia	400	Língua
Ciência natural	500	Ciência
Artes úteis	600	Tecnologia
Belas-artes	700	Artes e recreação
Literatura	800	Literatura
História	900	História e geografia

Fonte: elaboração própria a partir de Dewey (1876, 2011).

Percebe-se que praticamente todos os cabeçalhos de assuntos das classes sofreram mudanças ao longo das décadas. A classe 000 perdeu os parênteses que a diferenciava das demais classes e passou a incluir outros assuntos mais recentes, como as ciências da informação e da computação. Já a classe 100 passou a incluir a psicologia, que somente se separou da filosofia como ciência individual no final do século XIX (PSICOLOGIA, 2018).

A classe 200 mudou sua denominação de “Teologia”, que em sentido estrito limita-se somente ao Cristianismo (TEOLOGIA, 2018) e ao estudo do deus cristão, para “Religião”, adquirindo caráter mais geral e abrangente⁷. Apesar de a classe 300 já conter outras ciências sociais desde sua edição inicial, o antigo cabeçalho utilizado para agrupá-las era denominado “Sociologia”.

⁷ Cabe lembrar que esta mudança foi somente superficial pois, até os dias de hoje, as inúmeras outras religiões existentes ao redor do globo ocupam um ínfimo espaço dentro da classe 200, dominada quase que absolutamente pela religião cristã. Esta desigualdade será abordada posteriormente (ver alínea “j” da seção [5.1.2.6](#)).

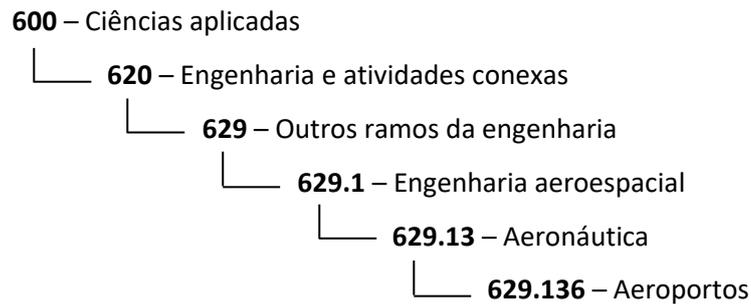
Também ocorreu mudança na nomenclatura da classe 400 de “Filologia” para “Língua”, termo certamente de mais fácil entendimento e assimilação pelos usuários. Na classe 500 ocorreu a supressão do qualificador “natural”, tornando assim mais geral a classe das ciências. Já a classe 600 mudou sua denominação de “Artes úteis”, o que poderia dar a entender que as outras artes localizadas na classe 700 não tivessem utilidade alguma, para “Tecnologia”, melhor condizendo com seu real conteúdo.

Na classe 700 também ocorreu uma supressão, desta vez do prefixo “Belas-” de modo que outras artes não abarcadas pelo conceito estrito das “Belas-artes” pudessem ser inclusas na mesma categoria. Outra mudança na classe foi a adição das recreações, como os esportes e os jogos. A classe 800 foi a única que permaneceu inalterada (no que diz respeito ao seu cabeçalho) até a última edição. Por fim, a classe 900 passou a incluir a “Geografia” em seu cabeçalho, apesar de a disciplina já estar presente como divisão da mesma desde a primeira edição.

Esta divisão do conhecimento humano em 10 partes é o que dá o nome de classificação **decimal** ao sistema. Cada uma das 10 classes principais pode ser ainda dividida em outras 10, de modo que os diferentes ramos dentro de cada disciplina possam ser contemplados e classificados separadamente. Os 10 primeiros segmentos do conhecimento são denominados Classes (*main classes*), os 100 segmentos subordinados (10 dentro de cada uma das 10 Classes) são chamados de Divisões, e os 1000 segmentos posteriores (10 dentro de cada uma das 100 divisões) são denominados Seções. O caráter decimal do sistema permite que estas divisões por 10 sejam feitas indefinidamente (TAYLOR, 2006), aumentando a intensão do conceito representado pela notação e, conseqüentemente, sua especificidade.

Em seu *Tratado de Bibliotecnia*, Selva (1944) apresenta princípios da classificação decimal, enumerando-os em 16 itens. Dentre esses princípios destaca-se o da ‘decimalização dos números classificadores [...] que faz com que o significado de cada cifra permaneça invariável, quaisquer que sejam as cifras agregadas à direita’ (SELVA, 1944, p. 170) que cada notação implica. Este princípio traz a possibilidade indefinida de extensão (AROUCK; JAEGGER; PINHA, 2017, p. 2967).

Exemplo da subdivisão “infinita” do sistema:



Dewey, porém, jamais alegou ter usado pioneiramente os números decimais em um sistema de classificação, ainda que sistemas anteriores os usassem apenas como forma de localização física de documentos, sem ligação alguma com seu assunto. O que o bibliotecário americano realmente reivindicou para si fora a invenção de seu **índice relativo**, desenvolvido como uma chave de acesso às inúmeras entradas encontradas nas tabelas de classificação (TAYLOR, 2006).

A *Dewey Decimal Classification* (DDC), ou Classificação Decimal de Dewey (CDD), em português, só passou a ter este nome a partir da 17ª edição.

3.3.3 Estrutura

A 23ª é a mais recente edição da CDD impressa, publicada em 2011, e está dividida em 4 volumes:

- a) **vol. 1:** introdução, manual e tabelas auxiliares;
- b) **vol. 2:** tabela sistemática | 000-599;
- c) **vol. 3:** tabela sistemática | 600-999;
- d) **vol. 4:** índice relativo.

3.3.3.1 Vol. 1: Introdução, manual e tabelas auxiliares

O primeiro volume da CDD é iniciado pela Introdução, uma explicação detalhada das *schedules e tables*, como são chamadas respectivamente as tabelas principais (ou sistemáticas) e as auxiliares, além de minuciosas instruções de classificação e construção de números. Em seguida, é apresentado o Manual, um importante instrumento de auxílio ao classificador. Apresenta exemplos e sugestões de como tomar decisões em tópicos que apresentam maior dificuldade, apontando o que deve ou não ser feito, e é organizado de acordo com a ordem das entradas no esquema (TAYLOR, 2006).

Ao fim desse volume estão dispostas as tabelas auxiliares que, como o nome sugere, auxiliam na construção de números, seja quando indicado explicitamente dentro das *schedules* ou de forma “livre”, segundo determinados limites. A aplicação destas tabelas possibilita “maior detalhamento do assunto a ser classificado” (UMBELINO; AGANETTE, 2017, p. 47). As notações das tabelas auxiliares são adicionadas como sufixo aos números principais da tabela sistemática.

Até a 18ª edição, existiam somente 2 tabelas (Subdivisões padrão e Área), quando foram adicionadas outras 5, permitindo um nível maior de síntese pelo classificador. Porém a tabela 7, de pessoas, foi transferida e unificada a partir da 22ª edição com a Tabela 1, das subdivisões padrão, totalizando as 6 tabelas atuais, apresentadas individualmente nas seções seguintes.

3.3.3.1.1 Table 1: Standard subdivisions

A primeira tabela, constituída das “subdivisões padrão”, é a mais importante de todas. Juntamente com a *Table 2* e a *Table 6*, são as únicas que podem ser adicionadas livremente a qualquer⁸ notação da *schedule*. É constituída de indicadores de forma, propriedades, relações, processos, operações e características de grupos de pessoas.

3.3.3.1.2 Table 2: Geographic areas, historical periods, biography

Larga parte desta tabela, que é a maior dentre as 6 presentes na CDD, resume-se a uma enumeração de continentes, países, regiões, estados e, em países mais expressivos como os Estados Unidos (lar de Dewey), até cidades e condados específicos, sempre seguindo os ideais da decimalidade e hierarquia (por exemplo: o número 4 representa o continente europeu, o número 44 a França, e o número 443 61 representa o distrito de Paris; evidencia-se, portanto, a subordinação de Paris em relação à França, e a desta em relação à Europa). A tabela prevê ainda outras noções de espaço como zonas climáticas, tipos de vegetação ou formações geológicas, entre outras; bem como noções de tempo como períodos históricos e até determinados séculos, anos, dias, etc. Também pode ser adicionada livremente a qualquer⁹ número da *schedule*, assim como a *Table 1* e a *Table 6*.

⁸ Exceto tópicos em *standing room*. Ver alínea “c” da seção [3.3.3.4](#).

⁹ Mesma exceção acima.

3.3.3.1.3 Table 3: Subdivisions for the arts, for individual literatures, for specific literary forms

A terceira tabela auxiliar e as seguintes só podem ser adicionadas a números da tabela sistemática quando expressamente permitido ou determinado. Esta, em especial, é dividida em outras três:

a) *Table 3A: Subdivisions for works by or about individual authors,*

Subdivisões para obras de autoria única ou obras sobre autores individuais. Esta tabela é subdividida segundo as diferentes formas literárias: drama, poesia, ficção, discurso, entre outros.

b) *Table 3B: Subdivisions for works by or about more than one author,*

Subdivisões para obras de autoria múltipla ou obras sobre mais de um autor. Assim como a anterior, é ordenada segundo os tipos de formas literárias. É utilizada em conjunto com a *Table 3C*.

c) *Table 3C: Notation to be added where instructed in Table 3b, 700.4, 791.4, 808–809,*

Tabela utilizada somente em casos específicos encontrados na tabela anterior ou como instruídos nas notações 700.4, 791.4 e 808-809 da tabela sistemática. É composta por diversos temas ou assuntos abordados em obras literárias.

3.3.3.1.4 Table 4: Subdivisions for individual languages and language families

Esta tabela contém subdivisões para idiomas específicos e famílias de idiomas. É constituída de tópicos relacionados à linguística e à filologia como a escrita, a gramática, a fonologia, a etimologia, entre outros.

3.3.3.1.5 Table 5: Ethnic and national groups

Contém as subdivisões para raças, povos, grupos étnicos e nacionais. Notações separadas por nacionalidade ou por língua materna (ou ancestral).

3.3.3.1.6 Table 6: Languages

Esta tabela contém notações para grande parte das inúmeras línguas existentes no planeta e as agrupa em famílias idiomáticas. Juntamente com as *Tables 1 e 2*, pode ser adicionada de forma livre a um número da *schedule*.

3.3.3.2 Vol. 2 e 3: Tabela sistemática

Como visto anteriormente na seção [3.3.2](#), a CDD é dividida em 10 classes. Devido ao vulto que este SCB adquiriu ao longo dos anos, fez-se necessária a divisão do esquema principal em 2 volumes. Os números localizados desde o início da classe 000 até o fim da classe 500 foram dispostos no volume 2; enquanto aqueles situados do começo da classe 600 até o final da classe 900 encontram-se no volume 3. Interessante notar que o volume 2 concentra seis classes, enquanto o volume 3 concentra apenas quatro, isso se dá pelo fato de as classes 5 e 6 serem as maiores dentre todas. Caso fossem divididas igualmente em sequência, cinco em cada volume, as classes 5 e 6 ficariam juntas no volume 3 e o mesmo acabaria muito maior do que o volume 2. A disposição atual possibilita um maior equilíbrio à versão impressa.

Outro elemento digno de nota encontrado na CDD são seus sumários, instrumentos não encontrados na CDU. Existem 2 tipos encontrados nas tabelas sistemáticas: os sumários gerais, localizados no início do Volume 2, e os específicos, presentes por toda a tabela, nos Volumes 2 e 3.

Os três sumários gerais evidenciam a estrutura da CDD e a disposição dos assuntos:

- a) **First summary:** Sumário das 10 classes principais – Como o próprio nome sugere, indica as 10 categorias idealizadas por Dewey para dividir todo o conhecimento humano (figura 2);

Figura 2 – CDD: primeiro sumário

Summaries	
First Summary	
<i>The Ten Main Classes</i>	
000	Computer science, information & general works
100	Philosophy & psychology
200	Religion
300	Social sciences
400	Language
500	Science
600	Technology
700	Arts & recreation
800	Literature
900	History & geography

Fonte: (DEWEY, 2011, p. v).

- b) **Second summary:** Sumário das 100 divisões (figura 3) – Revela as 10 divisões de cada uma das 10 classes;

Figura 3 – CDD: parte do segundo sumário

Second Summary <i>The Hundred Divisions</i>	
000	Computer science, knowledge & systems
010	Bibliographies
020	Library & information sciences
030	Encyclopedias & books of facts
040	[Unassigned]
050	Magazines, journals & serials
060	Associations, organizations & museums
070	News media, journalism & publishing
080	Quotations
090	Manuscripts & rare books

Fonte: (DEWEY, 2011, p. vi).

- c) **Third summary:** Sumário das 1.000 seções (figura 4) – Revela as 10 seções de cada uma das 10 divisões de cada classe.

Figura 4 – CDD: parte do terceiro sumário

Third Summary <i>The Thousand Sections</i>	
000	Computer science, information & general works
001	Knowledge
002	The book
003	Systems
004	Computer science
005	Computer programming, programs & data
006	Special computer methods
007	[Unassigned]
008	[Unassigned]
009	[Unassigned]

Fonte: (DEWEY, 2011, p. vii).

Já os sumários específicos, ou **sumários de um nível** (figura 5), aparecem somente quando determinada seção tem muitas subdivisões, estendendo-se por mais de 2 páginas.

Figura 5 – CDD: sumário específico da notação 020

020 Library and information sciences	
SUMMARY	
020.1–.9	Standard subdivisions
021	Relationships of libraries, archives, information centers
022	Administration of physical plant
023	Personnel management (Human resource management)
025	Operations of libraries, archives, information centers
026	Libraries, archives, information centers devoted to specific subjects
027	General libraries, archives, information centers
028	Reading and use of other information media

Fonte: (DEWEY, 2011, p. 51).

Há ainda os chamados **sumários multinível**, um tipo de sumário específico com maior profundidade e especificidade do assunto. São fornecidos para cada classe principal e divisão das *schedules* e tabelas auxiliares, que possuam subdivisões que se estendam por mais de quarenta páginas (CARIBÉ, 2008a). A divisão 370 (figura 6) tem suas subdivisões distribuídas em 62 páginas, demandando um sumário multinível.

Figura 6 – CDD: parte de sumário multinível da notação 370

SUMMARY	
370.1–.9	Standard subdivisions, education for specific objectives, educational psychology
371	Schools and their activities; special education
.001–.009	Standard subdivisions
.01–.07	Specific kinds of schools
.1	Teachers and teaching, and related activities
.2	School administration; administration of student academic activities
.3	Methods of instruction and study
.4	Student guidance and counseling
.5	School discipline and related activities
.6	Physical plant; materials management
.7	Student welfare
.8	Students
.9	Special education
372	Primary education (Elementary education)
.01–.08	Standard subdivisions, primary education for specific objectives
.1	Organization and activities in primary education
.2	Specific levels of primary education
.3	Knowledge, computer science, library and information sciences, science, technology
.4	Reading
.5	The arts
.6	Language arts (Communication skills)
.7	Mathematics
.8	Other studies
.9	History, geographic treatment, biography of primary education

Fonte: (DEWEY, 2011, p. 803).

3.3.3.3 Vol. 4: Índice relativo

O último volume contém somente o **Índice relativo**. Este índice, ordenado alfabeticamente, possui este nome porque indica, sob cada assunto, diversos (senão todos os) locais no sistema em que se encontram seus vários aspectos e relações, incluindo também entradas relativas aos termos das tabelas auxiliares (TAYLOR, 2006; UMBELINO; AGANETTE, 2017). Isto é importante na medida em que um mesmo assunto pode ser tratado sobre diferentes pontos de vista.

Como exemplo observa-se o ouro, que pode ser abordado tanto a partir de uma perspectiva da química, como elemento, quanto por uma perspectiva econômica, devido ao seu enorme valor comercial; também poderia ser tratado a partir da geologia das jazidas ou ainda pelas tecnologias de extração do material.

O classificador deve sempre consultar o índice, especialmente nos casos em que a localização do tópico desejado, ou a natureza de sua relação com outros tópicos, é duvidosa. Porém, é importante advertir que o índice **nunca** deve se tornar um substituto da tabela sistemática, e sim um complemento auxiliador no processo classificatório. Ele somente guia o profissional a alguns, mas não necessariamente a todos, os aspectos de determinado assunto. Após a consulta ao índice, deve-se sempre localizar na *schedule* a notação indicada, pois podem haver notas que indiquem outras relações, números mais adequados, instruções para construção de números mais específicos, entre outras (TAYLOR, 2006).

3.3.3.4 Tipos de notas

A CDD possui diversos tipos de notas, espalhadas ao longo de todo o sistema, que orientam a construção ou escolha dos números de classificação. Na Introdução (DEWEY, 2011, p. liii-lviii), as notas são divididas em 4 grandes grupos, segundo suas funções:

- a) descrevem o que se encontra em uma classe;
- b) identificam tópicos em *standing room*;
- c) descrevem o que se encontra em outras classes;
- d) explicam mudanças ou irregularidades nas *schedules* e *tables*.

As notas identificadas pelas alíneas “a” e “c” têm força hierárquica, o que significa que são aplicáveis à classe em que se encontram e a todas as suas subdivisões.

Taylor (2006), porém, expande esta categorização incluindo outros tipos de notas encontradas no esquema e as divide em 7 grupos, como se seguem:

- a) **notas que indicam o que se encontra na referida classificação:** estas notas incluem notas de escopo, notas de definição, notas de número construído, notas de antigo cabeçalho, notas de variante de nome, e notas “classifique aqui”. Têm força hierárquica;
- b) **notas que indicam o que se encontra em outra classificação:** estas notas começam com os termos “*class...*”, “*for...*”, “*see also...*”. Em conjunto com as notas citadas na alínea “a” são as únicas com força hierárquica;
- c) **notas que identificam tópicos em *standing room*:** estas notas fornecem uma localização provisória para tópicos que ainda não possuem vulto suficiente na literatura que justifique um número individual para os mesmos. Porém, como presume-se que mais obras sobre determinado assunto sejam publicadas no futuro e que um número possa ser atribuído a ele, nenhuma forma de construção de números pode ser aplicada ao mesmo, incluindo o uso das *Tables 1, 2 e 6*. Estas notas começam com o termo “*Including...*”;
- d) **notas explicando mudanças nas tabelas:** estas notas informam ao usuário sobre a ocorrência de mudanças em determinado número desde a última edição. Pode ter havido revisão dos conteúdos abrangidos ou descontinuação, realocação ou reutilização do número em questão;
- e) **notas que instruem na construção de números:** compreendem instruções diretas de síntese que fornecem maior profundidade na classificação através da construção de novos números mais específicos do que aqueles previamente impressos na tabela. Ao contrário da CDU, a sintetização de números na CDD só pode ocorrer quando instruída explicitamente para tal (exceto na adição de números a partir das *Tables 1, 2 e 6*, que podem ocorrer a qualquer momento em que não forem expressamente proibidas).

Como demonstrado a seguir, na figura 7, caso se deseje classificar uma obra sobre determinado animal a partir da perspectiva folclórica, basta adicionar os números representativos da família do animal (dispostos após 59), encontrado na *schedule* na área de zoologia, ao número de “animais como assunto de folclore”, **398.369**. No exemplo, o número para veados é **599.65**, portanto o número construído resultaria em **398.369965**.

Figura 7 – CDD: exemplo de nota de construção

<p>398.369 Animals [as subjects of folklore] Add to base number 398.369 the numbers following 59 in 592-599, e.g., rabbits 398.369932</p> <p>At 599.65 we find:</p> <p>599 Mammalia (Mammals) .6 Ungulates .65 Cervidae (Deer)</p> <p>So, for a work on deer as the subject of folklore, the notation would be 398.369965.</p>
--

Fonte: (TAYLOR, 2006).

É importante notar que o exemplo de construção demonstrado só é permitido para esta situação específica. Não é possível aplicar estes mesmos preceitos em outras áreas da tabela sem que haja uma nota que explicitamente permita tal construção;

- f) **notas que prescrevem ordem de citação e preferência:** estas notas auxiliam o bibliotecário na decisão de qual aspecto ou característica do assunto usar na classificação. A ordem de citação permite o uso de duas ou mais facetas em determinada ordem, já a ordem de preferência estabelece uma hierarquia entre as facetas quando apenas uma deve ser escolhida;
- g) **notas que apresentam opções:** por fim, estas notas são apresentadas geralmente entre parênteses e fornecem métodos alternativos de abordagem em certas situações. Esta nota tem grande peso para usuários do sistema que residem em países diferentes daquele de origem do sistema (EUA), pois a partir delas é possível dar tratamento preferencial a determinadas religiões, línguas ou literaturas, melhor adaptando-se a necessidades locais. Ver figura 8, na seção [3.3.5.1](#).

3.3.4 Notação

A notação utilizada na CDD é considerada pura, ou simples, por utilizar somente algarismos arábicos em sua composição. A grande vantagem resultante desta escolha é a universalidade do sistema (LENTINO, 1971). Outro benefício proporcionado por esta

qualidade, indicado pelo próprio Dewey (1876), é a facilidade e rapidez com que os algarismos podem ser escritos e procurados, com menor probabilidade de confusão ou equívoco em sua transcrição, quando comparados com outros símbolos. Esta notação pura, segundo seu idealizador, garante precisão, economia e conveniência.

Outra brilhante característica do sistema é o seu recurso mnemônico, presente desde a primeira edição. O esquema foi elaborado de tal forma que muitos algarismos ou conjuntos de números representam sempre o mesmo conceito, independente de outros números que possam estar “acoplados a eles”. Como exemplo temos o sufixo “-03” que, ao ser adicionado ao fim de uma notação, geralmente indica um dicionário sobre aquele assunto. Assim, quando já familiar com o sistema, o classificador pode aplicá-lo rapidamente a novos materiais (TAYLOR, 2006).

Os melhores exemplos disso estão nos números representativos de lugares, línguas e nacionalidades. Segundo Dewey (1876), o arranjo das entradas teve de ser por vezes modificado para assegurar o caráter mnemônico do sistema. Por exemplo, do modo como foi organizado e elaborado, a China sempre é representada pelo número **1**: na história antiga está localizada em 931; na moderna, em 951; na filologia, a língua chinesa aparece como 495.1. Do mesmo modo, o número indiano é **2**, assim como o inglês, o número da Itália é **5**, o europeu é **4**, o asiático **5**, o norte-americano é **7** e o sul-americano é **8**, e assim por diante em quase todas as divisões por língua ou país. O **5** italiano, por exemplo, pode ser encontrado em 035, 055, 450, 850 e 945. Quando uma entrada da tabela possuir, entre suas subdivisões, alguma denominada “outros(as)”, esta carregará o dígito **9**. O autor defende que este recurso facilita não somente a classificação, mas também a busca por parte dos usuários que “determinariam o assunto de qualquer livro apenas a partir de seu número de chamada” (DEWEY, 1876, prefácio, tradução nossa).

Quanto mais específico for um assunto, maior tenderá a ser sua notação. Registros da LC são conhecidos por conter números com 21 dígitos, isto é, 18 casas decimais após o ponto (TAYLOR, 2006)! Notações deste porte trazem, a despeito da precisão, diversos problemas: maior chance de erro na transcrição do número, confusão na organização das estantes, anulação parcial do princípio mnemônico, difícil memorização pelos usuários e empecilho na impressão de etiquetas. Uma solução para este último problema é sugerida por Taylor (2006)

ao ilustrar um exemplo a partir do número **636.08969897** (ferimento radioativo, em medicina veterinária): basta transcrevê-lo na etiqueta em segmentos separados, como a seguir:

636
.089
698
97

3.3.5 Outras informações relevantes

3.3.5.1 Parênteses e colchetes

Os únicos símbolos utilizados na CDD, em conjunto com os algarismos arábicos e o ponto decimal são os parênteses e os colchetes. Estes símbolos, porém, não são aplicados à notação em si, impressa na etiqueta junto ao livro, como na CDU.

Os parênteses podem indicar um sinônimo do termo anteriormente mencionado, ou o nome popular de um animal, quando precedido de sua denominação científica (como na figura 6). Outro uso deste símbolo pode ser encontrado nas classificações alternativas (ver figura 8), quando sugeridas pelo próprio sistema, como mencionado anteriormente na alínea “g” da seção 3.3.3.4.

Figura 8 – CDD: exemplo de parênteses destacando uma classificação alternativa

<p>016 Bibliographies and catalogs of works on specific subjects or in specific disciplines</p> <p>...</p> <p>(Option: Class with the specific discipline or subject, plus notation 016 from Table 1, e.g., bibliographies of medicine 610.16)</p>
--

Fonte: (TAYLOR, 2006).

Já os colchetes podem aparecer em diversas situações, todas, porém, indicam números que não são válidos e, portanto, não devem ser utilizados:

- a) números que nunca foram usados;
- b) números descontínuos (números que foram utilizados em algum momento prévio, mas agora não são mais);
- c) realocação de assuntos (indicando o número usado antes da mudança);

3.3.5.2 Versões

Segundo a *Online Computer Library Center* (2018), todas as cópias existentes da versão completa (23ª ed. de 2011) foram vendidas e a organização ainda manterá a comercialização das outras versões impressas restantes (*Abridged* e *200 Religion Class*) somente até o mês de **junho de 2018**, ou até esgotarem os estoques. Após essa data, não serão mais publicadas nenhuma das versões citadas.

Esta decisão, que pode parecer alarmante num primeiro momento, foi motivada pelos dispendiosos custos de atualização, impressão e publicação das mesmas, mas também, e principalmente, pela existência de uma versão online, conhecida como *WebDewey*, que por ser completamente digital resulta em despesas próximas de zero. Outra importante razão para a decisão da OCLC é a rapidez com que as versões impressas se tornam obsoletas, devido à sua característica material, pois são feitas atualizações frequentes ao sistema e que se tornam já disponíveis no dia seguinte na *WebDewey* (ONLINE COMPUTER LIBRARY CENTER, 2018).

Porém, como muitas bibliotecas que utilizam a CDD, principalmente as brasileiras, ainda utilizam as versões impressas como instrumento de classificação e, provavelmente, ainda as continuarão usando por anos a fio, julga-se necessária, ao menos, uma breve explanação sobre estas “extintas” versões, apresentadas a seguir nas seções numeradas de 3.3.5.2.1 a 3.3.5.2.4.

3.3.5.2.1 Print Edition

Principal dentre as versões impressas da CDD, é considerada a edição completa e padrão do sistema. Sua estrutura em 4 volumes (ver figura 9) foi abordada anteriormente na seção [3.3.3](#).

Figura 9 – CDD: os 4 volumes da *Print Edition*

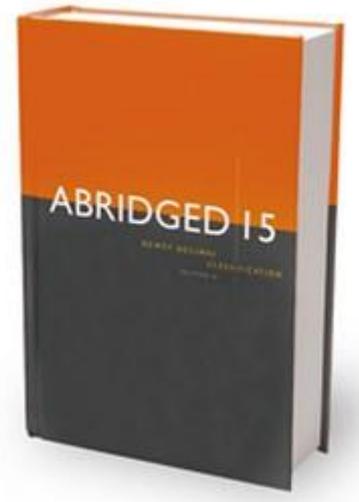


Fonte: (ONLINE COMPUTER LIBRARY CENTER, 2018).

3.3.5.2.2 Abridged Edition

Versão abreviada do sistema em um único volume (ver figura 10), indicada para bibliotecas com até 20 mil títulos em seus acervos e publicada em 2012 (ONLINE COMPUTER LIBRARY CENTER, 2018).

Figura 10 – CDD: exemplar da *Abridged Edition*

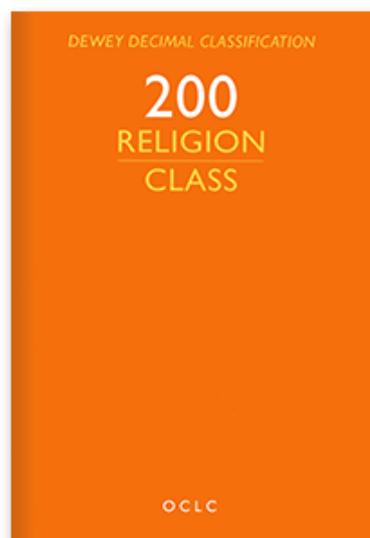


Fonte: (ONLINE COMPUTER LIBRARY CENTER, 2018).

3.3.5.2.3 200 Religion Class

Compõe-se de versões atualizadas e expandidas da Classe 200 de Religião (ver figura 11), de notas do manual referentes a mesma, e de um índice exclusivo para esta classe; além da Divisão 170, relativa à Ética. É indicada para bibliotecas que possuam extensas coleções de obras de caráter religioso e poucas de caráter geral.

Figura 11 – CDD: capa da versão *200 Religion Class*



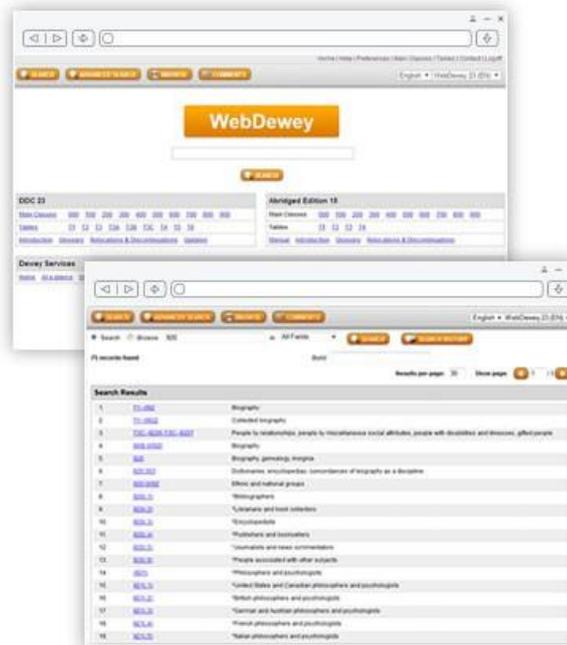
Fonte: (ONLINE COMPUTER LIBRARY CENTER, 2018).

Outro interessante recurso presente nesta versão é um arranjo alternativo para a Bíblia e religiões específicas baseado numa perspectiva cronológica ou regional, contribuindo para a redução do viés cristão na classe (ONLINE COMPUTER LIBRARY CENTER, 2018), como abordado mais à frente na alínea “j” da seção [5.1.2.6](#). Este arranjo foi elaborado em conjunto com um dos antigos editores-chefes da CDU, baseada em uma expansão que fora introduzida naquele sistema europeu, no ano de 2000.

3.3.5.2.4 WebDewey

Única versão que permanecerá sendo atualizada e comercializada, a partir de junho de 2018. Possui todo o conteúdo da edição impressa, em forma digital, na web (figura 12), além de algumas vantagens:

Figura 12 – CDD: capturas de tela do software WebDewey



Fonte: (ONLINE COMPUTER LIBRARY CENTER, 2018).

- atualizações regulares: novas adições, correções e expansões são incrementadas automaticamente ao sistema;
- interface simples, customizável e intuitiva adequada tanto para novatos, quanto para profissionais já familiarizados com a versão impressa do sistema;
- acesso não só aos números da CDD, como também a outros sistemas: *Library of Congress Subject Headings (LCSH)*, *MeSH*, *BISAC*;

- d) dispensabilidade do índice: com um sistema totalmente informatizado, não há mais a necessidade de se pesquisar manualmente um termo no índice; pode-se simplesmente digitar o termo desejado numa caixa de busca e ter acesso imediato ao mesmo, inclusive usando-se de artifícios como filtros ou operadores booleanos;

Outros recursos podem ser conferidos na página web do sistema através de uma demonstração¹⁰ oferecida gratuitamente pela OCLC.

3.4 Classificação Decimal Universal (CDU)

A CDU é uma linguagem documentária, um esquema de classificação para todos os campos das ciências, além de uma sofisticada ferramenta de indexação e recuperação de documentos. É, em suma, um poderoso e indispensável instrumento de representação e organização do conhecimento (SILVA, 2007; UDC CONSORTIUM, 2018a).

É considerado um sistema analítico-sintético, pois permite livre construção de números a partir de suas tabelas, de modo a sintetizar uma notação que represente o mais fielmente possível todos os aspectos de um documento, intrínsecos e extrínsecos.

3.4.1 Origem

Em 1885, Paul Otlet, um jovem advogado belga, célebre por seu trabalho no campo da bibliografia das Ciências Sociais, e seu colaborador Henri La Fontaine, que veio posteriormente a receber, em 1913, o Prêmio Nobel da Paz, trabalhavam no desenvolvimento do Repertório Bibliográfico Universal (RBU), projeto que tinha a intenção de tornar-se um abrangente índice classificado de toda a informação publicada em nível mundial¹¹. Na busca por um SCB que fosse capaz de classificar todos estes registros, Otlet, ouvindo falar sobre a CDD, à época em sua 5ª edição, escreveu para Dewey em 1895 obtendo permissão para traduzi-la para o francês (TAYLOR, 2006; UDC CONSORTIUM, 2007, 2018a).

¹⁰ Na seção “WebDewey®”, selecione “View a WebDewey demo” e depois em “Download the overview demo”. Disponível em: <https://www.oclc.org/en/dewey/features.html>. Acesso em: 23 maio 2018.

¹¹ Entretanto, os autores só pesquisaram obras da Europa e o projeto nunca chegou a ser finalizado, pois abranger o conhecimento publicado no mundo todo, mesmo naquela época, era considerado algo utópico e impraticável.

Trivelato e Moura (2016, p. 4) relatam que “inicialmente a CDU não tinha a pretensão de ordenar documentos, mas sim estabelecer relações entre perspectivas e contextos informacionais visando o uso da informação”.

Contudo, a ideia inicial de uma mera tradução acabou ficando para trás quando Otlet e La Fontaine começaram a implantar, ainda com o aval de Dewey, evidentemente, uma série de mudanças na tabela da CDD, adaptando uma classificação puramente enumerativa para uma que permitisse síntese, isto é, a construção de números para representar assuntos inter-relacionados que não poderiam ser previstos inicialmente de modo exaustivo (UDC CONSORTIUM, 2018a). Esta é, segundo Taylor (2006), a maior diferença entre os dois sistemas: uma obra que trate de dois ou mais assuntos pode ser classificada em todos, utilizando-se o sinal de dois-pontos para uni-los em uma única notação, diferentemente da CDD, que permite a escolha de apenas um.

A notação decimal da CDD foi mantida (exceto pelos zeros finais nas classes e divisões) mas, para números longos, um ponto foi colocado a cada 3 dígitos. Ex.: **546.791.027.1**. As 10 classes principais e várias de suas subdivisões também se mantiveram praticamente as mesmas da CDD para a CDU (TAYLOR, 2006), como já evidenciado na seção [3.2.1.2](#).

Não obstante, várias relações possíveis entre assuntos foram identificadas e símbolos atribuídos para representá-las, denominados facetas. Os advogados também perceberam que algumas características comuns a diversos assuntos poderiam integrar uma lista separada de números auxiliares, que poderiam ser adicionados pelo usuário conforme necessário (TAYLOR, 2006; UDC CONSORTIUM, 2018a).

Este princípio sintético significava que um nível muito maior de detalhe, quando comparado à CDD, poderia ser alcançado: precisão máxima combinada com economia de espaço em sua apresentação. Ao mesmo tempo, Otlet e La Fontaine também expandiram os assuntos elaborados por Dewey para prover os subsídios necessários ao RBU e o resultado foi um esquema mais denso e sofisticado que seu predecessor, com cerca de 33.000 subdivisões (UDC CONSORTIUM, 2018a).

Sua primeira edição foi publicada em francês, de 1902 a 1907, e intitulada Manual do Repertório Bibliográfico Universal (*Manuel du Répertoire Bibliographique Universel*).

3.4.2 Histórico

A expansão continuou, apesar de interrompida pela Primeira Guerra Mundial, e uma segunda edição foi publicada de 1927 a 1933, já com mais de 70.000 subdivisões. Essa edição, intitulada pela primeira vez como **Classificação Decimal Universal** (*Classification Decimale Universelle*), tornou-se a edição-padrão da CDU, fonte oficial de todas as edições subsequentes e suas traduções, permanecendo como tal até 1993, quando foi introduzida a *Master Reference File* (MRF)¹² pelo Consórcio CDU. A terceira edição continha cerca de 140.000 subdivisões e foi publicada no período de 1934 a 1951 (UDC CONSORTIUM, 2018a).

Até 1992, a CDU era gerenciada pela Federação Internacional de Informação e Documentação (FID)¹³. Então, a federação e os editores responsáveis pelas edições da CDU em holandês, inglês, francês, japonês e espanhol uniram-se para fundar uma nova organização, o chamado **Consórcio CDU** (*UDC Consortium – UDCC*), sediado em Haia, nos Países Baixos (Holanda). Uma das primeiras ações do Consórcio foi a criação do já mencionado MRF.

3.4.3 Estrutura

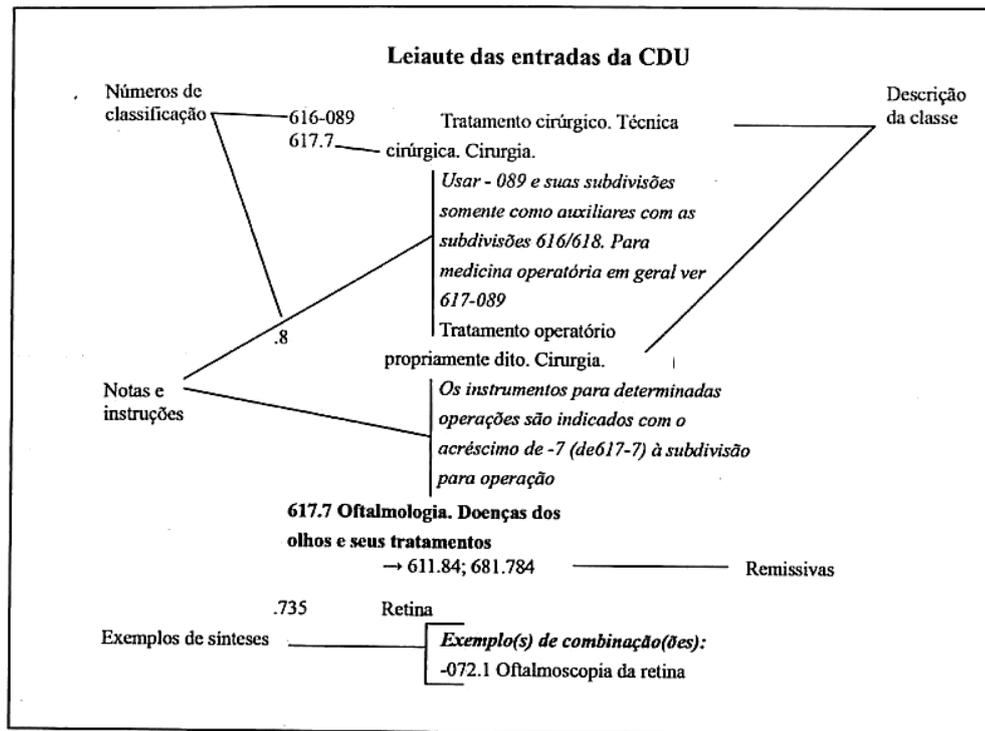
A 2ª edição-padrão internacional em língua portuguesa da CDU, publicada no Brasil em 2007 pelo IBICT, é dividida em 2 volumes:

- a) **vol. 1:** Prefácio à 2ª edição, Prefácio à 1ª edição, Âmbito, Reconhecimento, Notas sobre o conteúdo e a apresentação gráfica, Apresentação tipográfica (figura 13) e a Introdução, seção que dá mais detalhes sobre o histórico da CDU, bem como suas características e algumas instruções de uso. Por fim, esse volume é constituído principalmente pela tabela sistemática (composta, por sua vez, pelas tabelas principais e pelas tabelas auxiliares);

¹² Base de dados internacional que serviria como um “arquivo mestre” para as futuras atualizações e edições do SCB. Contém não só as tabelas, como também outros registros necessários à administração, manutenção, armazenamento e distribuição da CDU, e é considerada sua versão autorizada e definitiva, atualizada anualmente. Sua última edição, MRF 11, foi lançada em 2017 contendo mais de 70.000 entradas (TAYLOR, 2006; UDC CONSORTIUM, 2018a).

¹³ Em 1931, o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB), fundado por Paul Otlet e Henri La Fontaine em Bruxelas, Bélgica, tornou-se Instituto Internacional de Documentação (IID), agora com sua sede em Haia, nos Países Baixos (Holanda). Em 1937, mudou novamente seu nome para Federação Internacional de Documentação (FID) e em 1988 mudou finalmente para Federação Internacional de Informação e Documentação (FID), mantendo a sigla original. Esta última denominação perdurou até a sua dissolução, no ano de 2000 (UDC CONSORTIUM, 2007, 2018a).

Figura 13 – CDU: leiaute das entradas



Fonte: (UDC CONSORTIUM, 2007, p. xii).

b) vol. 2: Índice alfabético.

3.4.3.1 Parte 1: tabela sistemática

O primeiro volume da CDU contém toda a tabela sistemática, composta das nove tabelas auxiliares, como apresentadas no quadro 8, e das nove tabelas principais, já abordadas e indicadas no quadro 2 (seção [3.2.1.2](#)), assim como todas as suas subdivisões.

Quadro 8 – CDU: relação entre os símbolos utilizados e as tabelas auxiliares

Símbolo	Tabela	Descrição
+	1a	Coordenação. Adição
/		Extensão consecutiva
:	1b	Relação simples
::		Ordem fixa
[...]		Subagrupamento
=...	1c	Auxiliares comuns de idioma
(0...)	1d	Auxiliares comuns de forma
(1/9)	1e	Auxiliares comuns de lugar
(=...)	1f	Auxiliares comuns de raça, etnia e nacionalidade
"..."	1g	Auxiliares comuns de tempo

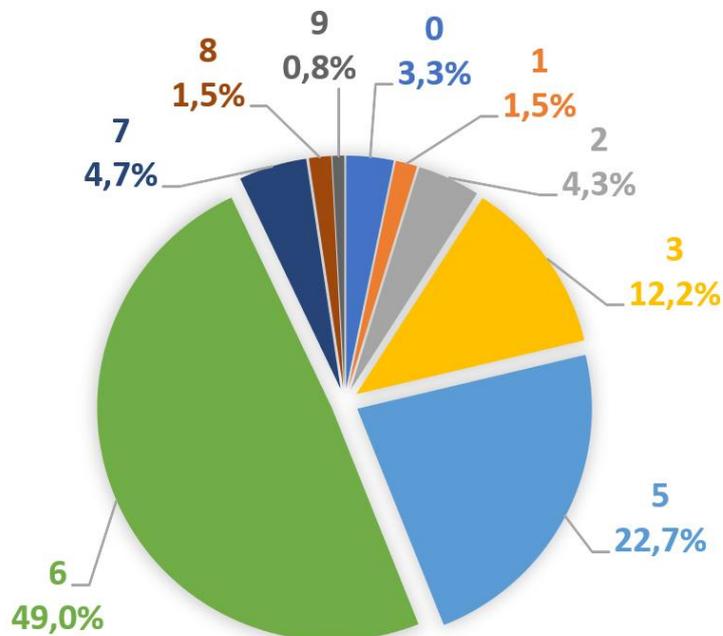
Símbolo	Tabela	Descrição
*	1h	Introduz notação exterior à CDU
A/Z		Especificação alfabética direta
-02	1k ¹⁴	Auxiliares comuns de propriedade
-03		Auxiliares comuns de materiais
-04		Auxiliares comuns de relações, processos e operações
-05		Auxiliares comuns de pessoas e características pessoais

Fonte: elaboração própria a partir de UDC Consortium (2007, 2018c).

As tabelas 1a, 1b e 1h são compostas apenas de instruções e exemplos de como utilizar seus símbolos na construção de números não previstos nas outras tabelas (principais ou auxiliares), ao contrário das demais que são, essencialmente, enumerativas.

A figura 14 expõe a estrutura do sistema encontrada no MRF do ano de 2012 (dados completos podem ser encontrados no Anexo A) e a distribuição das entradas em cada uma das 9 classes preenchidas. Nota-se, imediatamente, a dimensão e profundidade dadas às ciências puras e aplicadas (Classes 5 e 6, respectivamente) que, juntas, representam mais de 70% dos assuntos enumerados da CDU¹⁵.

Figura 14 – CDU: distribuição das entradas por classe principal



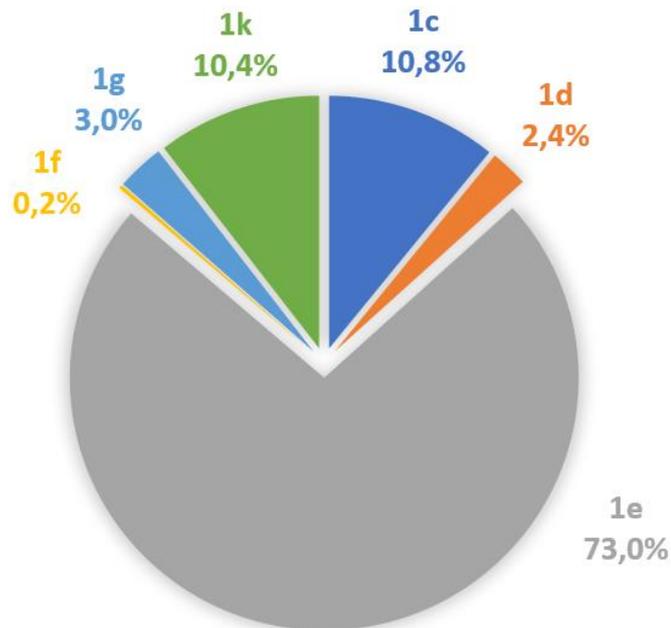
Fonte: elaboração própria a partir de UDC Consortium (2018a).

¹⁴ Não existem tabelas identificadas pelas letras “i” e “j”.

¹⁵ Naquele ano, as classes 5 e 6 eram constituídas, respectivamente, de 12.623 e 27.231 entradas, totalizando quase 40 mil entradas dentre as cerca de 55 mil do sistema como um todo (CDU CONSORTIUM, 2018a).

A figura 15 apresenta a distribuição das notações encontradas nas tabelas auxiliares comuns do sistema (ver, também, Anexo A). Percebe-se, claramente, o grande volume da Tabela 1e, com suas quase 11 mil entradas para países, estados, cidades e etc., em comparação com as demais tabelas.

Figura 15 – CDU: distribuição das entradas por tabela auxiliar comum



Fonte: elaboração própria a partir de UDC Consortium (2018a).

A seguir, nas seções 3.4.3.1.1 a 3.4.3.1.10, estão elencadas cada uma das tabelas auxiliares deste sistema.

3.4.3.1.1 Tabela 1a: coordenação e extensão

Ao contrário das tabelas seguintes, os símbolos utilizados nesta ampliam um conceito aumentando sua abrangência, ao invés de limitá-los ou especificá-los mais. O símbolo de adição, ou soma, indica uma coordenação entre assuntos representados por números não-consecutivos. Ex.: **622+669 Mineração e metalurgia**. Já a barra oblíqua, conecta o primeiro e o último de uma série de números consecutivos, indicando um assunto amplo ou uma série de conceitos inter-relacionados. Ex.: **546.32/.35 Metais alcalinos** (equivalente a 546.32+546.33+546.34+546.35, porém resumido de modo a economizar espaço na notação).

Quando estes sinais forem utilizados para unir notações de outras tabelas auxiliares que possuam sinais biterminais (como os parênteses, colchetes e as aspas), o número resultante ficará dentro destes últimos. Ex.: **(44+460) França e Espanha**, e não (44)+(460);

“18/19” Séculos XIX e XX, e não “18”/“19”, ou ainda “18”+“19”. É válido notar que esta regra somente é aplicável a tabelas equivalentes, não sendo correta, portanto, a união de tabelas diferentes. Ex.: **(410)(051) Periódicos da Grã-Bretanha**, e não (410+051). Pois (410) representa um lugar, retirado da tabela 1e, ao passo que (051) representa uma forma, retirado da tabela 1d.

3.4.3.1.2 Tabela 1b: relação, subagrupamento e ordenação

O primeiro símbolo desta tabela, os dois-pontos, é conhecido como “sinal de relação” e, como o próprio nome sugere, é utilizado para indicar que dois assuntos são tratados de forma relacionada em um documento, onde o primeiro é influenciado pelo segundo (porém a ordem pode ser invertida). Ex.: **17:02 Ética na biblioteconomia**. Os dois-pontos duplos são empregados para fixar a ordem do número composto, recurso de grande importância quando a CDU é utilizada em sistemas informatizados. Ex.: **77.044::355 Fotografia de guerra**, evitando-se, portanto, a inversão do conceito para algo como “guerra de fotografia”. Ambos os sinais, quando usados, indicam uma especificação de um assunto, limitando a extensão do conceito. Quando estes símbolos são utilizados para relacionar dois números contidos em sinais biterminais, ocorre o mesmo demonstrado na seção anterior, ambos são alocados dentro do mesmo conjunto. Ex.: **34(81:44) Influência do direito francês no brasileiro**.

Os colchetes são utilizados como caracteres de subagrupamento, ou seja, sua função é a de evidenciar um conjunto separado dentro de uma notação e evitar interpretações equívocas. Por exemplo, caso uma notação fosse escrita como 622+669(485), esta construção indicaria que a especificação geográfica (485) para “Suécia” somente seria aplicada ao segundo número, quando na verdade se refere a ambos. O mais correto seria fazer o uso os colchetes: **[622+669](485) Mineração e metalurgia na Suécia**.

3.4.3.1.3 Tabela 1c: auxiliares comuns de língua

A primeira das tabelas enumerativas presentes na CDU, elenca centenas de idiomas e dialetos encontrados ao redor do mundo, inclusive línguas indígenas (como o tupi-guarani) e línguas artificiais (como o esperanto). Cada entrada desta tabela é representada por um número precedido pelo sinal de igualdade. Ex.: **=873.24 Línguas tupi-guarani**.

3.4.3.1.4 Tabela 1d: auxiliares comuns de forma

Indicam o formato ou a apresentação dos documentos. São sempre representados por um número iniciado pelo algarismo zero, contido dentro de um conjunto de parênteses, i. e.: **(0...)**. Ex.: **34(038) Dicionário de direito**.

É de salutar importância recordar que um documento pode ter dois tipos de forma: uma intrínseca (interna), e uma extrínseca (externa). Por exemplo, uma gravação de áudio sobre a história da classificação bibliográfica, com entrevistas e falas de diversos pesquisadores no assunto, poderia receber a notação **025.45(091)(086.7)**, aonde 025.4 é a notação para “classificação”, dentro da biblioteconomia, (091) representa a “perspectiva histórica” do item e (086.7) é o número para “gravação de som”; as duas últimas representam as formas do documento. Observa-se que o número relativo à forma interna da obra (forma como o assunto é abordado) sempre precederá aquele relativo à forma externa e nunca deverão ser reunidos sob um mesmo conjunto de sinais biterminais.

3.4.3.1.5 Tabela 1e: auxiliares comuns de lugar

Esta é, assim como na CDD, a maior tabela dentre todas as outras deste sistema. Isto porque é composta de uma extensa (porém não exaustiva) lista de designações geográficas, sejam gerais (como “regiões montanhosas”; “norte”; ou “zonas limítrofes/fronteiras”) ou específicas (como “Brasil”; “Paris”; ou “Grafton County, Maine, Estados Unidos”). Os auxiliares desta tabela são sempre representados por um número iniciado por um algarismo de 1 a 9, contido dentro de um conjunto de parênteses, i. e.: **(1/9)**. Ex.: **(81) Brasil**.

3.4.3.1.6 Tabela 1f: auxiliares comuns de raça, grupos étnicos e nacionalidade

Organizados de forma semelhante aos auxiliares da Tabela 1c, de línguas, esta tabela indica os aspectos étnicos e de nacionalidade de um assunto principal da CDU. Assim como na tabela mencionada, são representados por números precedidos pelo sinal de igualdade, porém, desta vez também contidos em um conjunto de parênteses, i. e.: **(=...)**. Ex.: **398(=13) Folclore latino**.

3.4.3.1.7 Tabela 1g: auxiliares comuns de tempo

Estes auxiliares “indicam a data, o momento ou período de tempo de um assunto representado por um número principal da CDU” (UDC CONSORTIUM, 2007, p. 163). Nota-se

que esta tabela se refere ao tempo como assunto e, portanto, não se confunde com a data de publicação de uma obra, questão esta de competência do serviço de catalogação.

Os auxiliares comuns de tempo são representados na notação por algarismos contidos dentro de um conjunto de aspas, um dos três tipos de sinais biterminais utilizados na CDU, juntamente com os parênteses e os colchetes, anteriormente apresentados. Ex.: **“1992” Ano de 1992 DC**. Esta tabela pode ser utilizada como base para a construção de datas específicas, como o exemplo anterior, ou como fonte de períodos pré-definidos e enumerados como **“14” Século XV DC** (anos iniciados por 1400); **“321” Primavera**; ou ainda **“345.2” Entardecer, período do pôr-do-sol, ocaso**.

Segundo a introdução da tabela, “a base de indicação da data é o calendário cristão, mas sistemas não-cristãos de contagem do tempo também são previstos (em “68” e “69”), bem como outros conceitos de tempo, p. ex.: estações e tempo geológico” (UDC CONSORTIUM, 2007, p. 163).

3.4.3.1.8 Tabela 1h: especificação de assunto por notações que não pertencem à CDU

Assim como as tabelas 1a e 1b, esta é composta apenas de instruções e exemplos de utilização de seus símbolos na construção de outros números não previstos nas outras tabelas sistemáticas. O asterisco é utilizado para introduzir uma notação exterior ao sistema e pode ser empregado com diversos fins. Ex.: **325.111.1(81)*BR040 Rodovia brasileira (BR-040)**, em engenharia de estradas de rodagem; ou **66-97*C40 Temperatura de 40° Celsius**.

A segunda notação da tabela é representada por um conjunto de símbolos: as 26 letras do alfabeto latino. É utilizada quando se julga necessária uma especificação alfabética direta, limitando o sentido mais amplo dado pela notação. Ex.: **(492.83Utrecht) Cidade de Utrecht**, na Holanda; **821.111Shak Obra de William Shakespeare**, autor da literatura inglesa. Abreviações, como no último exemplo, são recomendadas pelo sistema, desde que padronizadas pela instituição classificadora.

3.4.3.1.9 Tabela 1k: auxiliares comuns de características gerais

Finalmente, a última das tabelas auxiliares comuns enumera centenas de características que podem ser aplicadas a todo e qualquer assunto. Sua notação é sempre iniciada por um hífen, ou traço, e seguida de um número iniciado pelo algarismo zero, i. e.: - **0...** . É segmentada em 4 subdivisões:

- a) **-02...** : auxiliares comuns de propriedade;
 Ex.: **-021.466 Puro. Não-adulterado.**
-021.477 Superior. Melhor.
- b) **-03...** : auxiliares comuns de materiais;
 Ex.: **-032-32 Óleo mineral. Petróleo.**
-035.51 Couro (couro natural).
- c) **-04...** : relações, processos e operações;
 Ex.: **-043.82 Ciclo de vida.**
-046.48 Congelamento.
- d) **-05...** : auxiliares comuns de pessoas e características pessoais;
 Ex.: **-051 Pessoas como agentes, executores, sujeitos.**
-055.34 Homossexuais. Gays.

3.4.3.1.10 Subdivisões auxiliares especiais

Há ainda uma última categoria de auxiliares, conhecidos como **auxiliares especiais**, ou **analíticas**. Ao contrário dos anteriormente citados, estes não se aplicam à toda a tabela sistemática, mas somente a determinados locais na mesma, numa faixa limitada de assuntos (SOUZA, 2012). “[...] são limitadas em seu alcance, e cada série é empregada para indicar conceitos que se repetem na parte das tabelas principais para a qual a mesma se destina, ou em certas outras seções onde for especificamente indicado.” (UDC CONSORITUM, 2007, p. 92).

Podem aparecer acompanhados de hífen, ponto ou apóstrofo. Ex.: **-1/-9** ; **.01/.09** ; **’0/’9**. Ao contrário da maioria dos auxiliares comuns, os auxiliares especiais são sempre sufixos. As notações numeradas de **37.01** a **37.09**, por exemplo, são auxiliares especiais que podem ser utilizados em toda a classe **37**, o que inclui também as suas subdivisões (SOUZA, 2012).

3.4.3.2 Parte 2: índice alfabético

Este índice é construído de forma semelhante àquele encontrado na CDD, porém não tão aprofundado quanto o do sistema de Dewey, onde podem ser encontrados muitos números já construídos que não aparecem impressos nas tabelas.

O recurso da indentação também é aplicado neste índice permitindo-se notar a subordinação de assuntos entre si ou até mesmo a sua localização em diversos pontos da tabela, a depender da perspectiva dada ao mesmo.

Na versão mais recente em língua portuguesa, o índice é constituído de aproximadamente 56 mil entradas (SILVA, 2007).

3.4.4 Notação

A CDU foi elaborada tendo em vista quatro características fundamentais: decimalidade, universalidade, carácter hierárquico e carácter analítico-sintético.

3.4.4.1 Decimalidade

É o princípio da divisão do conhecimento em 10 grandes classes, ou grupos, cada um por sua vez novamente subdivisível em outras tantas classes, até se atingir o nível de detalhamento requerido ou satisfatório. Todos os números são de ordem decimal, independentemente da inclusão ou não do ponto decimal. Isto influencia não somente a estrutura do sistema como também a organização das obras em um acervo. Ex.: as notações hipotéticas **35** e **248**, apesar do que poder-se-ia imaginar à primeira vista, são classificadas na seguinte ordem: **248** | **35**. Isto ocorre porque ambos são números decimais e assim devem ser entendidos e ordenados: 0,248 | 0,350.

Este princípio deve ser aplicado em conjunto com o princípio hierárquico de modo a evitar certas construções confusas, como a proposta de expansão da CDU, elaborada por Tabosa e Cardoso (2011 apud TABOSA; CARDOSO; ALBUQUERQUE, 2015). Percebendo uma deficiência do sistema no que diz respeito à enumeração de raças de coelhos, estes autores desenvolveram um esquema para suprir esta ausência. Assim, Tabosa e Cardoso (2011 apud TABOSA; CARDOSO; ALBUQUERQUE, 2015) utilizaram os padrões de raça de coelhos, e seus fenótipos característicos, como referencial na categorização e enumeração das mesmas.

Porém, a estrutura concebida pelos autores viola os princípios da decimalidade e da hierarquia de conceitos, presentes não só na CDU, como também na teoria geral da classificação.

A figura 16 mostra claramente o equívoco cometido na elaboração do esquema ao se extrapolar o limite imposto pelo caráter **decimal** (máximo de 10 subdivisões), por meio do qual constata-se a inobservância do princípio da oitava, proposto por Ranganathan, que permite aumentar a hospitalidade em fileira dos sistemas decimais ao dividir os assuntos primeiramente de 1 a 8, e transformando o 9 em 91 a 98, o 99 em 991 a 998, e assim por diante (CARIBÉ, 2008b).

Figura 16 – CDU: fragmento de proposta de expansão sobre raças de coelhos

636.926	Coelhos brancos (com ou sem manchas)
636.926.1	Angorá
636.926.2	Borboleta
636.926.3	Branco comum
636.926.4	Branco de Vendaia
636.926.5	Californiano
636.926.6	Himalaia
636.926.7	Gigante de Bouscat
636.926.8	Gigante espanhol
636.926.9	Gigante de Flandres branco
636.926.10	Neozelandês
636.926.11	Nova Zelândia branco
636.926.12	Polaco ou Arminho
636.926.13	Russo

Fonte: (TABOSA; CARDOSO; ALBUQUERQUE, 2015, p. 152).

Do modo como foi construído, as 4 últimas notações da figura, por possuírem o algarismo 1 na 7ª posição, encontram-se portanto subordinadas à notação **636.926.1 Angorá**, sinalizando uma inverídica interpretação de que aquelas raças estariam em relação de subordinação a esta última quando, em realidade, deveriam encontrar-se subordinadas ao grupo dos “Coelhos brancos (com ou sem manchas)”, representado pela notação verdadeiramente superordenada a elas: **636.926**.

3.4.4.2 *Universalidade*

A segunda característica fundamental da CDU, assinala a pretensão e capacidade que este sistema tem de oferecer conceitos e símbolos que representem a totalidade do conhecimento. Equivale ao princípio da completude, de Dodebei (2002), apresentado na alínea “a” da seção [3.1.2](#).

3.4.4.3 *Caráter hierárquico*

Representa a concepção de uma unidade rigorosamente estruturada em partes necessariamente subordinadas ao todo, como já abordado no princípio da irredutibilidade, também de Dodebei (2002).

3.4.4.4 *Caráter analítico-sintético*

Possibilita a combinação de números, através de símbolos ou sinais, formando assim números compostos que se inter-relacionam.

Como visto na teoria da classificação (seção [3.1](#)) e na Classificação dos Dois-Pontos (seção [3.2.1.6](#)), o princípio da análise facetada foi definido por Ranganathan, um dos maiores contribuidores da teoria da análise de assuntos. É um “método sistemático e consistente de agrupamento conceitual de termos pertencentes a uma mesma classe” (CAFÉ; BRATFISCH, 2007, p. 239). O caráter analítico-sintético¹⁶ da CDU tem base neste princípio de análise facetada do autor.

Com princípios da divisão científica do conhecimento, esta classificação trouxe, como avanço em relação à CDD, a possibilidade de representação de assuntos complexos e de classes diferentes por meio de mecanismos de combinação e incorporação do princípio de análise por facetas, o que permitiu uma análise multidimensional dos assuntos (MOMM; LESSA, 2009, p. 143).

Já para Taylor (2006), essa estrutura facetada da CDU tem suas raízes no artifício da CDD para indicação de lugar (ver [Table 2](#)). A CDU utiliza várias das mesmas notações de lugar da CDD, mas os separa do número principal por parênteses. Ex.: Cultivo de plantas nos EUA é **631.50973** na CDD, mas **631.5(73)** na CDU. Além da faceta de lugar, a CDU também tem símbolos e números específicos para idioma, forma física, nacionalidade, períodos de tempo, materiais, pontos de vista, e mais, sendo que todos podem ser adicionados a um número base, sejam sozinhos ou em combinação com outros (TAYLOR, 2006), como exemplificado na figura 17.

¹⁶ Porém, segundo Barbosa (1972), Ranganathan defende que apenas seu sistema é completamente deste tipo, e conceitua a CDU como sendo um sistema **semi-analítico-sintético**.

Figura 17 – Exemplos de síntese utilizando a CDU

a) **exemplo 1** – glossário sobre cultivo de plantas, no século XVIII, por índios americanos no Peru:

631.5 – cultivo de plantas
 "17" – século XVIII
 (=97) – índios americanos
 (85) – Peru
 (038) – glossário
 =
 631.5"17"(=97)(85)(038)

b) **exemplo 2** – mapas turísticos dos anos 70, do condado de Grafton, nos Estados Unidos, em formato PDF:

338.48 – Turismo
 "197" – década de 1970
 (734.211.4) – Grafton County, Maine, Estados Unidos
 (084.3) – auxiliar de forma: mapa
 (0.034.2) – auxiliar de forma: arquivo digital
 PDF – especificação alfabética (extensão) do arquivo digital
 =
 338.48"197"(734.211.4)(084.3.034.2PDF)

Fonte: elaboração própria a partir de UDC Consortium (2007, 2018a).

Devido a esta estrutura altamente facetada e sua notação incrivelmente expressiva, a CDU tem sido usada com sucesso em sistemas computadorizados de recuperação da informação (TAYLOR, 2006), assim como em bibliotecas universitárias e especializadas, principalmente no Brasil, onde é o sistema mais utilizado por esses tipos de instituições (MOMM; LESSA, 2009) que demandam maior nível de profundidade em suas classificações.

É importante salientar que a síntese de novos números, na CDU, pode sempre ser realizada se dela resultar uma combinação com significado (UDC CONSORTIUM, 2007); ao contrário da CDD onde, como vista, a combinação de números só é permitida em determinados casos.

3.4.5 Outras informações relevantes

3.4.5.1 Versões

Assim como a CDD, a CDU é distribuída (comercialmente) em diversos formatos e, ao contrário da primeira, dispõe de uma versão completamente traduzida para o português do Brasil.

3.4.5.1.1 MRF

O *Master Reference File*, ou Arquivo Mestre de Referência, em português, é uma base de dados composta de mais de 70 mil entradas, lançada em 1993, e é, até hoje, a fonte oficial de todas as outras versões do sistema (CDU CONSORTIUM, 2018a). Também chamada de **edição-padrão internacional**. A tradução em português, utilizada atualmente no Brasil, é baseada nesta versão.

3.4.5.1.2 Edições brasileiras

A primeira versão em português do sistema foi publicada no Brasil, em 1976, pelo IBICT e era denominada de *Edição-média*. A edição foi elaborada pelo professor Padre Astério de Campos que, desde 1968, trabalhava nesta tradução a partir de uma edição da CDU na língua alemã. A 2ª *edição-média* teve também a participação deste mesmo autor, juntamente com uma equipe do IBICT do Rio de Janeiro, e foi publicada no ano de 1987.

Já a 1ª *edição-padrão internacional em língua portuguesa*, baseada nos arquivos (MRF) do Consórcio CDU, foi publicada em 1997, também pelo IBICT. O pesquisador responsável desta e da seguinte edição foi o professor Odilon Pereira da Silva.

A 2ª *edição-padrão internacional em língua portuguesa*, lançada em 2007, da CDU é a versão mais recente publicada em nosso idioma. É editada no Brasil pelo IBICT:

Com a prerrogativa de ser o representante nacional na área de informação científica e tecnológica e detentor da licença para edição em língua portuguesa, concedida pelo UDC Consortium – proprietário intelectual da Classificação Decimal Universal (CDU) –, o IBICT edita a versão portuguesa da CDU, desde 1997, por intermédio do *British Standards Institute*, responsável pela geração do sistema (INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2012).

Desde 2008, Regina Coeli Silva Fernandes, da Coordenação de Informação e Documentação, do IBICT, tem tentado iniciar uma revisão da Classificação Decimal Universal para lançamento de uma 3ª edição-padrão. Porém, sem sucesso até a presente data.

3.4.5.1.3 Edição completa

A edição completa é composta de aproximadamente 220 mil entradas (CDU CONSORTIUM, 2018a). Nunca houve, até o presente momento, uma tradução desta versão para o nosso idioma.

3.4.5.1.4 Edição abreviada

Segundo Taylor (2006), uma edição abreviada (*Abridged edition*, no original) foi publicada em 2003 contendo, aproximadamente, apenas 4.100 entradas.

3.4.5.1.5 UDC Online

Versão digital da CDU que, ao contrário da edição brasileira que utiliza a base MRF como fonte, tem como base a edição completa do sistema e suas quase 220.000 subdivisões. Disponibiliza recursos semelhantes àqueles encontrados na *WebDewey* e, assim como seu concorrente, está disponível mediante uma assinatura anual (TAYLOR, 2006). Os valores cobrados por ambas (e demais) versões será apresentado posteriormente na seção [5.1.2.5](#).

Esta versão está disponível somente em 8 idiomas¹⁷, dos quais o português não faz parte: inglês, espanhol, holandês, croata, esloveno, eslovaco, tcheco e sueco (ver figura 18).

Figura 18 – CDU: hub (ou concentrador) da versão online: UDC Online



Fonte: (UDC CONSORTIUM, 2018b).

¹⁷ A versão em língua francesa está prevista para ser lançada em junho de 2018 (UDC CONSORTIUM, 2018b).

Estas três últimas traduções são de acesso livre, sem necessidade de pagamento em troca de sua permissão de uso. Porém, devido à enorme diferença entre estes idiomas e a língua portuguesa, pouco valor tem este fato para as bibliotecas brasileiras (UDC CONSORTIUM, 2018a, 2018b).

3.4.5.1.6 UDC Summaries

Os “Sumários da CDU”, ou *Multilingual Universal Decimal Classification Summary - UDC Summary (UDCS)*, no original completo, foram lançados em outubro de 2009 e representam uma seleção de cerca de 2.600 subdivisões extraídas do MRF, menos de 4% do total da base. Esta compilação compreende os principais números, auxiliares comuns e especiais do sistema. É atualizado anualmente e sempre representa a versão mais recente da CDU, em 57 idiomas diferentes (incluindo o português), de forma totalmente gratuita¹⁸. É indicado pelo UDC Consortium (2018c) como uma demonstração do sistema para treinamento, pesquisa ou até com o propósito de organização e recuperação da informação.

3.4.5.2 Uso da CDU no mundo

O grau de uso da CDU ao redor do mundo pode ser dividido em 3 níveis de intensidade (SLAVIC, 2006; UDC CONSORTIUM, 2018a):

- a) **A** – usado na maioria das bibliotecas do país e é o sistema de classificação dominante;
- b) **B** – a CDU é utilizada em alguns tipos de bibliotecas nestes países juntamente com outros sistemas de classificação dominantes como a CDD ou algum sistema nacional de classificação. A CDU nestes países é um sistema de classificação bastante conhecido e é geralmente ensinado em cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação;
- c) **C** – embora existam bibliotecas e unidades de informação que utilizam a CDU nestes países, o sistema é raramente usado.

Segundo a pesquisa conduzida por Slavic (2006), à época membra do Conselho Consultivo do Consórcio CDU e, atualmente, Editora-Chefe do sistema (UDC CONSORTIUM, 2018a), o Brasil é classificado como nível B no uso da CDU, ou seja, o sistema é utilizado em

¹⁸ Esta versão foi elaborada sob as diretrizes da licença *Creative Commons Attribution Share Alike 3.0*, o que permite sua reprodução e reutilização desde que citada a fonte (UDC CONSORTIUM, 2018c). Disponível em: <udcsummary.info/php/index.php>. Acesso em: 26 maio 2018.

alguns tipos de bibliotecas juntamente com outros SCB dominantes como a CDD e é um sistema de classificação bastante conhecido, geralmente ensinado em cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

O uso em cada país pode ser observado no quadro 9:

Quadro 9 – CDU: níveis de uso por continente, por país

América	A	_____
	B	Argentina, Bolívia, Brasil , Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Equador e Suriname
	C	Barbados, EUA , Guatemala, Jamaica, México, Paraguai, Peru, Trindade e Tobago e Venezuela
África	A	Argélia, Angola, Burkina Faso, República Democrática do Congo, Mali, Moçambique, Senegal e Togo
	B	Benim, Cabo Verde, Gana, Guiné-Bissau, Líbia, Madagascar, Marrocos, Níger, África do Sul, Tunísia e Uganda
	C	Camarões, Quênia, Nigéria, Sudão e Tanzânia
Ásia	A	Armênia, Azerbaijão, Geórgia e Macau
	B	Índia, Indonésia, Israel, Japão, Cazaquistão, Quirguistão, Uzbequistão e Vietnã
	C	Bangladesh, Butão, China, Malásia, Singapura, Coreia do Sul, Sri Lanka, Síria, Taiwan, Tadjiquistão, Turquia e Turcomenistão
Europa	A	Albânia, Andorra, Bósnia e Herzegovina, Bulgária, Croácia, República Tcheca, Estônia, Hungria, Letônia, Liechtenstein, Lituânia, Macedônia, Moldávia, Montenegro, Polônia, Portugal, Romênia, Sérvia, Eslováquia, Eslovênia e Espanha
	B	Bielorrússia, Bélgica , Dinamarca, Finlândia, França, Noruega, Rússia, Suécia, Suíça e Ucrânia
	C	Áustria, Ilhas Faroé, Alemanha, Grécia, Islândia, Irlanda, Itália, Malta, Países Baixos (Holanda) e Reino Unido
Oceania	A	_____
	B	Austrália, Polinésia Francesa e Nova Zelândia
	C	Fiji

Fonte: elaboração própria a partir de Slavic (2006) e UDC Consortium (2018a).

Nota-se, sem surpresa, que a CDU tem pouco uso nos Estados Unidos¹⁹, país de origem da Classificação Decimal de Dewey, onde este é o sistema mais utilizado. A CDD e a LCC representam, em conjunto, mais de 95% da classificação realizada em bibliotecas americanas. O mesmo pode ser deduzido de outros países de língua inglesa, pois nenhum deles tem a CDU como classificação dominante, provavelmente pelo uso do sistema de Dewey (COMPARISON..., 2018; SLAVIC, 2006; TAYLOR, 2006).

Contrariando-se o esperado, observa-se que a Bélgica, país de origem da CDU e de seus criadores, não possui o sistema como classificação dominante, em oposição a outros 21 países europeus, como Portugal e Espanha, onde este SCB é líder absoluto.

3.5 Estudos comparativos entre CDD e CDU

Buscou-se encontrar na literatura, nacional e internacional, estudos que realizassem comparações entre CDD e CDU ou entre estes sistemas e outros, de modo a agregar estas pesquisas em um mesmo trabalho, facilitando, assim, investigações futuras na área.

3.5.1 Panorama de sistemas de classificação / Cordelia Cavalcanti (1979)

A pesquisa elaborada por Cavalcanti (1979), apresentada na Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica de 1976, reúne e compara de forma sucinta seis sistemas de classificação bibliográfica: CDD, CDU, LCC, Classificação de Assuntos de Brown, Classificação Bibliográfica de Bliss e Classificação Internacional de Rider.

A principal parte do estudo resume-se a uma comparação entre as classes principais de cada um dos seis sistemas analisados, no qual a autora identifica algumas semelhanças absolutas, como o fato de as Classes de Filosofia e de Religião/Teologia terem a mesma denominação em todos os SCBs, e também algumas diferenças, como a existência da Astronomia somente na classificação de Bliss, “[...] única classe principal referente a Espaço.” (CAVALCANTI, 1979, p. 7).

¹⁹ Segundo Taylor (2006), nos Estados Unidos a CDU era utilizada principalmente por algumas poucas bibliotecas científicas e técnicas, além de apenas uma base de resumos.

3.5.2 Problems of universal classifications, based on a comparative study of the UDC and the soviet Library-Bibliographic Classification / Ladislav Kofnovec (1979)

Outro estudo, também apresentado na mesma conferência citada acima, compara a Classificação Decimal Universal (CDU) com a classificação soviética conhecida como *Library-Bibliographic Classification (LBC)*, atualmente o SCB nacional da Rússia. Criada no ano de 1968, portanto, ainda no período de atuação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a estrutura e ordenação do sistema segue os princípios de Marx e Lenin de classificação das ciências e dos fenômenos da vida em sociedade (KOFNOVEC, 1979).

As 28 classes principais são divididas em 6 grandes grupos: Marxismo-Lenismo; Natureza e ciências naturais; Tecnologia, ciências técnicas, agricultura e medicina; Sociedade e ciências sociais; Pensamento [ou reflexão] e ciências sobre pensamento; e Literatura de conteúdos universais.

Assim como a CDU, o sistema soviético possui caráter misto e analítico-sintético, permitindo livres combinações entre seus números a partir do uso de diversos símbolos. Segundo Kofnovec (1979), a quantidade de auxiliares comuns e especiais incluídas na CDU é substancialmente maior que a quantidade encontrada na LBC. Porém, a quantidade de números presentes nas cinco classes principais do sistema soviético (Filosofia e psicologia; Religião; Ciências Sociais; Filologia e literatura; e História) é maior do que aqueles encontrados nestas mesmas classes, no sistema de Paul Otlet (o inverso ocorre nas demais classes).

A LBC usa quase todos os mesmos tipos de algarismos, letras e símbolos que a CDU, com as seguintes exceções demonstradas no quadro 10:

Quadro 10 – Comparação entre os símbolos utilizados pela CDU e pela LBC

NOTAÇÃO	CDU	LBC
ALGARISMOS ARÁBICOS 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9	SIM	SIM
ALGARISMOS ROMANOS I V X L C D M	NÃO	SIM
ALFABETO LATINO (26 LETRAS) A B C [...] X Y Z	SIM	SIM
ALFABETO CIRÍLICO (44 LETRAS) A Б В [...] Ψ Θ V	NÃO	SIM
PONTO .	SIM	SIM
HÍFEN -	SIM	SIM
TRAVESSÃO —	NÃO	SIM
ASPAS “ ”	SIM	SIM
PARÊNTESES ()	SIM	SIM
COLCHETES []	SIM	NÃO
SINAL DE IGUALDADE =	SIM	SIM
SINAL DE ADIÇÃO +	SIM	NÃO
DOIS-PONTOS :	SIM	SIM
BARRA OBLÍQUA /	SIM	SIM
VÍRGULA ,	NÃO	SIM
ASTERISCO *	SIM	NÃO
APÓSTROFO ‘	SIM	NÃO

Fonte: elaboração própria a partir de Kofnovec (1979).

3.5.3 Comparação entre formatos de classificação: CDD, CDU e LCC / Iolanda Valente (2003)

Uma comparação, publicada em Portugal, entre CDD, CDU e LCC foi encontrada e analisada. O estudo da autora Valente (2003) se propõe a explorar cada um dos três sistemas e julgar aquele que seria o mais adequado a ser adotado por bibliotecas portuguesas, apontando vantagens e desvantagens ao decorrer da pesquisa.

A CDU foi sugerida, ao final, como melhor escolha, segundo a autora, por três motivos: “[...] é mais fácil de utilizar, quer para utentes²⁰, quer para os bibliotecários; é a que melhor se adequa em Portugal e é a mais utilizada [...]” (VALENTE, 2003, p. 2).

²⁰ Usuários, em Portugal.

Figura 19 – Reprodução de comparação entre os sistemas CDD, CDU e LCC

	CDD	CDU	LCC
Vantagens	- sistema numérico	<ul style="list-style-type: none"> - sistema numérico - sistema adaptado às necessidades da Europa - Flexibilidade (classe vaga) - sistema mais utilizado em Portugal (inclusive na BN) 	- adequado para instituições semelhantes, ou seja, bibliotecas gerais (exemplo: Biblioteca de Edimburgo)
Desvantagens	- está pensada tendo como base a cultura Americana		<ul style="list-style-type: none"> - sistema criado para a Biblioteca do Congresso - constante actualização - divisão de classes é isolada - não tem subclasses - muito volumoso <li style="text-align: center;">↓ - difícil de trabalhar - o classificador não se pode guiar por regras (não pode fazer as extensões que acha pertinentes) - é um sistema alfanumérico (mais confuso)

Fonte: (FOSKETT, 1981 apud VALENTE, 2003, p. 11).

Vale notar que o trabalho (elaborado em uma disciplina de pós-graduação em CI, da Universidade Fernando Pessoa e composto de apenas 16 páginas) apresenta de forma muito breve cada sistema e suas características e, ainda, de acordo com o quadro encontrado na obra e reproduzido na figura 19, associado a Foskett (porém, sem indicação do mesmo nas referências), a CDU não teria desvantagem alguma em relação aos demais sistemas.

Cabe ressaltar também que uma das características da LCC, considerada pela autora como desvantagem é a sua constante atualização. Porém, o conhecimento está em processo contínuo de desenvolvimento e, assim, considerar como desvantagem a constante atualização de um sistema é, no mínimo, incoerente.

3.5.4 UDC or DDC: a note about the suitable choice for the National Library of Liechtenstein / Marta Fandino (2008)

Pesquisa de caráter mais objetivo e específico foi conduzida por Fandino (2008) na Biblioteca Nacional de Liechtenstein, um microestado localizado no centro da Europa, entre a Áustria e a Suíça, com o intuito de auxiliar na solução do contratempo enfrentado pela instituição daquele país.

Os bibliotecários utilizavam a edição alemã da CDU (*Dezimalklassifikation: Internationale Mittlere Ausgabe: FID 550*), publicada em 1978 pelo Instituto Alemão de Normalização (*Deutsches Institut für Normung*). Porém, desde que este instituto encerrou suas atividades como editor da CDU, não houve interesse de outras organizações na publicação de uma edição do sistema em alemão, comprometendo a atualização e correção do mesmo naquele idioma. A biblioteca, então, ficou de frente a duas opções: atualizar a classificação existente dos livros, a partir da edição mais recente da CDU em outro idioma, como o inglês; ou reclassificar a coleção inteira, à época com cerca de 240 mil livros, pela CDD, que havia sido recentemente traduzida e publicada na língua alemã, com uma nova edição já planejada para o ano de 2010 (FANDINO, 2008).

Para a autora, um dos principais argumentos em favor do uso da CDD é a sua liderança como SCB mais utilizado do mundo. Também é prestigiado o fato de este sistema ser assaz financiado pela OCLC, sendo aplicado também no *WorldCat*, maior catálogo online de bibliotecas do mundo (FANDINO, 2008).

Por outro lado, Fandino (2008) reconhece que o sistema de Dewey possui um forte viés anglo-americano, enquanto a CDU, por apresentar um viés europeu, teria óbvias vantagens para uma biblioteca situada naquele continente, como é o caso da de Liechtenstein. Também são considerados como pontos negativos na CDD as restrições de adequação do esquema às necessidades locais, bem como as complexas e específicas instruções de construção de números para cada classe que não se aplicam ao esquema como um todo, ao contrário da CDU que possui um conjunto de regras aplicáveis a todas as tabelas. A falta de lógica na estrutura do sistema americano também é citada pela autora.

Por fim, a característica analítico-sintética do sistema universal é vista como vantajosa por permitir uma construção mais flexível, melhor adequando-se a necessidades locais, além de tornar facilmente evidenciáveis os diferentes elementos usados para compor a notação

final. A pesquisa de Fandino (2008, p. 47, tradução nossa) reconheceu, conclusivamente, a dificuldade de se determinar a melhor solução para o futuro da biblioteca, entretanto: “Se os bibliotecários já estão utilizando a CDU, mesmo que seja a edição alemã de 1978, a direção lógica a ser seguida seria a de continuar com o mesmo sistema.”.

3.5.5 *Classificação: uma análise comparativa entre a Classificação Decimal Universal – CDU e a Classificação Decimal de Dewey – CDD / Lucas Andrade, Dayane Bruna e Wesleyne Sales (2011)*

O estudo analítico de Andrade, Bruna e Sales (2011, p. 31) “[...] objetiva construir uma análise comparativa entre a Classificação Decimal de Dewey – CDD e a Classificação Decimal Universal – CDU identificando vantagens e desvantagens de ambas [...]”.

A principal contribuição da pesquisa foi a elaboração, ao final, de uma tabela resumizando os principais aspectos positivos e negativos dos sistemas estudados, reproduzida na figura 20.

Figura 20 – Reprodução de comparação entre aspectos positivos e negativos dos sistemas

Sistema	Aspectos Positivos	Aspectos Negativos
CDD	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Permitir a organização e acesso a documentos e informação pelo seu conteúdo. ✓ A inteligência da CDD está na escolha de números decimais para suas categorias; isto permite que o sistema seja ao mesmo tempo puramente numérico e infinitamente hierárquico. ✓ Uniformização Internacional da Informação. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Possibilidade de haver classificação muito abrangente, tendo em vista que depende muito da interpretação do classificador. ✓ Custo das tabelas. ✓ Não é publicada em português. ✓ Necessidade de pessoal treinado e capacitado para seu uso.
CDU	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Permitir a organização e acesso a documentos e informação pelo seu conteúdo. ✓ Infinitamente expansível e quando novas subdivisões são introduzidas, elas não precisam alterar o ordenamento dos números. ✓ Publicada em português. <ul style="list-style-type: none"> ✓ Uniformização Internacional da Informação. ✓ Simplicidade do uso das tabelas. ✓ Apenas 2 volumes. 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Custo das tabelas. ✓ Necessidade de pessoal treinado e capacitado para seu uso.

Fonte: (ANDRADE; BRUNA; SALES, 2011, p. 31).

Como pode-se notar, ambos os sistemas possuem, como aspectos negativos, o custo e a necessidade de pessoal treinado e capacitado. Estas “desvantagens” são, na verdade, requisitos funcionais de qualquer sistema que venha a ser escolhido e utilizado em determinada instituição, visto que o mesmo precisará de ser, necessariamente, do conhecimento e do domínio dos bibliotecários que trabalharão com o sistema na biblioteca.

Segundo os autores, a CDD possui ainda a desvantagem da língua, por não ser traduzida para nosso idioma.

Por mais que a CDD tenha várias qualidades e que se sobressaia no aspecto da usabilidade em âmbito mundial, suas qualidades não superam as vantagens da CDU, e fica aqui nossa afinidade para com a mesma por vários motivos, primeiramente sua flexibilidade em virtude de suas constantes atualizações, tradução nacional, a quantidade de seus volumes entre outros. (ANDRADE; BRUNA; SALES, 2011, p. 41).

3.5.6 Sistema de classificação documentária: CDD x CDU / Danielle Silva (2013)

Assim como a anterior, a investigação de Silva (2013, p. 1) busca explicar as principais semelhanças e diferenças existentes entre CDD e CDU, a partir da análise de suas “[...] tabelas, notações, estruturas, administrações, atualizações etc [...]”. Como resultado, apresenta a conclusão mais recorrente na literatura, declarando que “[...] a CDD é mais recomendada para bibliotecas de assuntos gerais e a CDU para bibliotecas especializadas.” (SILVA, 2013, p. 1).

Porém, a única comparação efetivamente aproveitável, identificada ao longo do estudo, foi uma em relação aos índices alfabéticos existentes em ambos os sistemas. Para Silva (2013, p. 9), “A CDD ostenta o melhor índice bibliográfico [...], indicando sob cada assunto todos os pontos do sistema em que se encontram os seus vários aspectos.”

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa qualifica-se como qualitativa, descritiva e aplicada. Quanto ao procedimento de coleta de dados, adotou-se a pesquisa do tipo bibliográfica. Com relação ao método de procedimento, ou meio técnico de investigação, a pesquisa utiliza o método comparativo.

De acordo com Silva e Menezes (2005), assim como Prodanov e Freitas (2013), a abordagem qualitativa não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas, apresentando os resultados através de percepções e análises. Ainda segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 70), “os dados coletados nessas pesquisas são descritivos [...]”.

Uma pesquisa descritiva “visa descrever as características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. [...] os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados [...]” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 52).

Quanto à natureza, a pesquisa classifica-se como aplicada, pois tem como objetivo gerar conhecimentos de aplicação prática, dirigidos à solução de um problema específico (GERHARDT; SILVEIRA, 2009; SILVA; MENEZES, 2005). Uma das utilidades possíveis dos frutos deste estudo é o auxílio no processo decisório de uma instituição referente à escolha do SCB que melhor se adeque ao seu acervo e seus usuários.

O procedimento de coleta de dados adotado para o estudo foi a pesquisa bibliográfica por meio da revisão de literatura que “[...] é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web e sites.” (FONSECA, 2002, p. 32 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 37).

Por fim, o método comparativo, como o nome sugere, realiza comparações com o objetivo de verificar semelhanças e explicar divergências. Ao ocupar-se das explicações de fenômenos, este método permite analisar o dado concreto, deduzindo elementos constantes, abstratos ou gerais nele presentes (PRODANOV; FREITAS, 2013).

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Comparação

Após analisar cada um dos sistemas individualmente, verificando seus diversos elementos constitutivos e suas principais características de usabilidade, pode-se constatar uma série de divergências (bem como semelhanças) entre os sistemas que devem ser levadas em conta, pelos bibliotecários, quando da escolha de apenas um deles como instrumento de classificação bibliográfica a ser adotado para a classificação do acervo da instituição onde exercem sua profissão.

Esta escolha não constitui uma decisão absoluta e inflexível, podendo ser modificada ao longo do tempo. Porém, há de se considerar os possíveis empecilhos de uma futura troca, ainda mais quando se tratando de grandes acervos compostos de centenas de milhares de itens já catalogados e classificados:

A escolha do SCB é uma decisão muito importante para a biblioteca, e deve-se pensar na aplicação, utilização e manutenção do acervo a longo prazo, uma vez que a mudança para um outro tipo de SCB demandará mais recursos financeiros, mão de obra qualificada e desconforto aos leitores. (UMBELINO; AGANETTE, 2017, p. 44).

5.1.1 Semelhanças

Para realizar uma comparação entre dois elementos, sejam quais forem, estes necessitam ter, entre si, um grau mínimo de semelhança. É impensável, por exemplo, um confronto entre um “livro” e uma “bicicleta”, elementos estes pertencentes a categorias completamente diferentes do pensamento humano.

A seguir foram listadas algumas das principais semelhanças identificadas entre os sistemas:

- a) são sistemas de classificação bibliográfica;
- b) organizam suas entradas por assunto;
- c) são decimais;
- d) utilizam algarismos arábicos, universalmente reconhecíveis;
- e) são hierárquicos;
- f) são universais, i. e.: entendíveis e aplicáveis em qualquer lugar do mundo;

- g) estão presentes por todo o globo em cerca de 130 países e em mais de 30 idiomas diferentes;
- h) são disponibilizados somente como serviços ou produtos pagos (em suas versões completas com todos os recursos);
- i) são gerais, compreendendo o todo do conhecimento humano (em oposição aos SCB específicos, como a CDDir);
- j) dividem o conhecimento humano em 10 grandes classes;
- k) possuem tabelas auxiliares que possibilitam uma maior precisão na classificação, compreendendo características comuns a diversos assuntos;
- l) possuem índice alfabético;
- m) possuem versão completamente digital e online.

Outro recurso muito semelhante encontrado em ambos os sistemas é relacionado ao processo de síntese. Uma das formas de construção de números (*number building*), ou síntese, na CDD é a adição de outras partes da *schedule* a partir de um número base (DEWEY, 2011), como já exemplificado na figura 7. A CDU também dispõe de um recurso análogo conhecido como **Subdividir como**. O final da notação de um número fonte é também adicionado a um número base (ou número alvo) (SOUZA, 2012), da mesma forma que na classificação de Dewey.

5.1.2 Diferenças

Objetivo central desta pesquisa (ver [2.2.1](#)), a identificação das diferenças verificadas entre os sistemas de classificação bibliográficas conhecidos como CDD e CDU pode representar significativa contribuição para a área e, principalmente, servir como instrumento de auxílio no processo decisório de bibliotecas ou outras unidades de informação no que diz respeito à escolha do SCB mais adequado a seus acervos.

No quadro 11 apresentam-se, lado a lado, um resumo de cada um dos dois sistemas, com suas principais características gerais:

Quadro 11 – Resumo comparativo dos sistemas: CDD X CDU

ASPECTO	CDD	CDU
CRIADOR(ES)	Melville (Melvil) Louis Kossuth Dewey (1851-1931)	Paul Marie Gislain Otlet (1868-1944) Henri Marie La Fontaine (1853-1843)
PAÍS DE ORIGEM	Estados Unidos da América	Bélgica
VIÉS	Anglo-saxão Cristão	Eurocêntrico
PRIMEIRA EDIÇÃO	1876	1902
EDIÇÃO MAIS RECENTE	Impressa - 23ª (2011) <i>WebDewey</i> (atualizado mensalmente)	<i>Master Reference File 11</i> (2017)
RESPONSÁVEL ATUAL	OCLC <i>Library of Congress</i>	<i>UDC Consortium</i>
BASE	Classificação de W. T. Harris	Tradução da CDD para o francês
OBJETIVO INICIAL	Ordenar e localizar livros nas estantes de bibliotecas	Categorizar o conhecimento, como instrumento do Repertório Bibliográfico Universal (RBU)
SISTEMATIZAÇÃO	Disciplinas	Disciplinas
NOTAÇÃO	Decimal	Decimal
IDIOMAS	Mais de 30 Não há edição em português	Mais de 50 ²¹ Última edição em português (2007)
PAÍSES QUE UTILIZAM	Mais de 135	Cerca de 130
BIBLIOTECAS QUE UTILIZAM	Mais de 200.000	Entre 150.000 e 200.000
APLICAÇÃO MAIS FREQUENTE	Bibliotecas públicas	Bibliotecas universitárias e especializadas
VERSÕES²²	Ed. impressa	MRF
	Abreviada	Abreviada
	<i>WebDewey</i>	<i>UDC Online</i>
	200 – Classe de religião	—————
	—————	Ed. completa
	—————	Ed. de bolso
—————	Sumários CDU	

Fonte: elaboração própria a partir de Dewey... (2018); Dewey (1876, 2011); Lentino (1971); Online Computer Library Center (2018); Souza (2012); Taylor (2006); UDC Consortium (2007, 2018a, 2018b, 2018c).

²¹ Inclui traduções com “extensões variáveis de detalhe”, inclusive as 57 do *UDC Summaries*.

²² Esta linha da tabela foi construída de modo a se colocar lado a lado as versões equivalentes de cada sistema para melhor comparação.

Algumas notas a respeito das informações contidas neste quadro:

- a) enquanto a CDD possui um viés anglo-saxão, por ter sido concebida por Dewey nos Estados Unidos, a CDU possui uma tendência voltada principalmente à cultura europeia, continente em que foi elaborada por Otlet e La Fontaine; ao mesmo tempo em que estes vieses podem representar vantagens para bibliotecas situadas nestas regiões, quando utilizados em nosso país ambos configuram pontos negativos dos sistemas analisados;
- b) o viés cristão da CDD será abordado mais à frente na alínea “j” da seção [5.1.2.6](#);
- c) a CDU possui traduções em mais idiomas do que a CDD, incluindo uma versão traduzida para o português, algo que o sistema de Dewey não possui até a presente data;
- d) a Classificação Decimal de Dewey é o SCB mais utilizado do mundo, enquanto a Classificação Decimal Universal não fica muito atrás.

5.1.2.1 Classes principais

O quadro 12 compara as classes principais de ambos, retiradas de suas últimas edições:

Quadro 12 – Comparação entre as classes principais da CDD e da CDU

CLASSE NA CDD	ASSUNTO NA CDD	CLASSE NA CDU	ASSUNTO NA CDU
000	Ciência da computação, informação e obras gerais	0	Ciência e conhecimento. Organização. Informática. Informação. Documentação. Biblioteconomia. Instituições. Publicações.
100	Filosofia e psicologia	1	Filosofia. Psicologia
200	Religião	2	Religião. Teologia
300	Ciências sociais	3	Ciências sociais
400	Língua	4	_____
500	Ciência	5	Matemática. Ciências naturais
600	Tecnologia	6	Ciências aplicadas. Medicina. Tecnologia
700	Artes e recreação	7	Arte. Recreação. Entretenimento. Desporto
800	Literatura	8	Língua. Linguística. Literatura
900	História e geografia	9	Geografia. Biografia. História

Fonte: elaboração própria a partir de Dewey (2011) e UDC Consortium (2007).

Como já comentado antes, o esquema geral de ambas as classes é bastante semelhante, afinal o sistema de Otlet foi baseado inteiramente no americano de Dewey. Duas divergências, porém, são facilmente percebidas:

- a) a CDU aparenta caracterizar melhor suas classes ao listar em seus cabeçalhos as principais subdivisões subordinadas àquelas, ao contrário da CDD que prefere manter sua simplicidade original;
- b) a classe 400 de Língua na CDD, quando comparada à CDU, foi mesclada com a classe 8 (ou 800) de Literatura, deixando vazia, assim, a classe 4 na CDU. Segundo seus idealizadores, isto permite que uma nova ciência, caso venha a surgir no futuro, possa ser facilmente inserida no sistema;

5.1.2.2 Estrutura

A estrutura física dos sistemas, também em suas mais recentes publicações, é comparada no quadro 13. Nota-se duas principais diferenças evidenciadas neste quadro: a primeira diz respeito à ausência de um manual na CDU que inclua soluções e respostas para as dúvidas que poderiam surgir na classificação em determinadas notações, como encontrado no sistema de Dewey; a outra diferença trata da ausência dos sumários de classe na CDU, instrumento de grande auxílio no processo classificatório encontrado, também, somente na CDD (ver [3.3.3.2](#)):

Quadro 13 – Comparação entre as estruturas da CDD e da CDU

ESTRUTURA	CDD	CDU
VOLUMES	4	2
CLASSES PRINCIPAIS	10	10 ²³
TABELAS AUXILIARES	6	9
INTRODUÇÃO	SIM	SIM
MANUAL	SIM	NÃO
SUMÁRIOS DE CLASSE	SIM	NÃO
ÍNDICE ALFABÉTICO	SIM	SIM

Fonte: elaboração própria a partir de Dewey (2011) e UDC Consortium (2007).

²³ A classe 4 da CDU, apesar de vaga, é computada devido ao caráter decimal do sistema e da previsão de uso da mesma por potenciais novos assuntos.

5.1.2.3 Tabelas auxiliares

As diferentes (noções de) facetas, presentes nas diversas tabelas encontradas em ambos os sistemas, são apresentadas, em conjunto com a possibilidade de aplicação livre ou não das tabelas auxiliares, no quadro 14:

Quadro 14 – Comparação entre as tabelas auxiliares da CDD e da CDU

FACETA	CDD		CDU	
	TABELA	USO LIVRE	TABELA	USO LIVRE
FORMA	T1	SIM	1d	SIM
PESSOAS			1k	SIM
PROPRIEDADES				
RELAÇÕES PROCESSOS OPERAÇÕES	T2	SIM	1e	SIM
LUGAR ÁREA LOCAL REGIÃO ESPAÇO			1g	SIM
TEMPO PERÍODO DATA				
SUBDIVISÕES PARA LITERATURAS INDIVIDUAIS	T3	NÃO	—	—
SUBDIVISÕES PARA LÍNGUAS INDIVIDUAIS	T4	NÃO	—	—
RAÇAS ETNIAS POVOS	T5	NÃO	1f	SIM
LÍNGUA IDIOMA	T6	SIM	1c	SIM
COORDENAÇÃO ENTRE ASSUNTOS	—	—	1a	SIM
RELAÇÃO ENTRE ASSUNTOS	—	—	1b	SIM
NOTAÇÃO EXTERIOR	—	—	1h	SIM
MATERIAIS	—	—	1k	SIM

Fonte: elaboração própria a partir de Dewey (2011) e UDC Consortium (2007).

Como dito anteriormente, e agora evidenciado pelo quadro 14, as únicas tabelas auxiliares da CDD que podem ser aplicadas a todo e qualquer número das *schedules* são as *Tables* 1, 2 e 6, referentes às subdivisões padrão, aos lugares (ou áreas) e aos idiomas, respectivamente. A CDU, por outro lado, permite o livre uso de todas as suas tabelas em qualquer notação do sistema, o que confere seu desenvolvido caráter analítico-sintético.

A CDD não possui método para indicação de coordenação ou relação entre assuntos, representados na CDU pelos símbolos de adição, barra oblíqua e dois-pontos. No sistema de Dewey, somente uma notação deve ser escolhida caso uma obra trate de dois ou mais

assuntos diferentes. Por outro lado, a CDU não possui subdivisões auxiliares para literaturas ou línguas individuais como a CDD. Entretanto, subdivisões encontradas já nas próprias tabelas principais do sistema de Otlet e La Fontaine substituem perfeitamente esta ausência.

5.1.2.4 Notação

O quadro 15 expõe a diferença mais facilmente perceptível não só pelos bibliotecários como também por usuários: o uso de símbolos e letras na CDU em conjunto com os números, únicos representativos das notações da CDD. Esse uso é o que torna a Classificação Decimal Universal um sistema misto, enquanto a Classificação Decimal de Dewey permanece sendo considerada como um sistema puro, mesmo utilizando letras do alfabeto latino em casos isolados e específicos, encontrados somente na Classe 800 de Literatura:

Quadro 15 – Comparação entre os símbolos utilizados pela CDD e pela CDU

NOTAÇÃO	CDD	CDU
ALGARISMOS ARÁBICOS 0 1 2 3 4 5 6 7 8 9	SIM	SIM
ALFABETO LATINO (26 LETRAS) A B C [...] X Y Z	NÃO ²⁴	SIM
CARACTERES DE AGRUPAMENTO () []	NÃO ²⁵	SIM
SÍMBOLOS MATEMÁTICOS + =	NÃO	SIM
SINAIS DE PONTUAÇÃO “ ” . : :: ‘ -	SOMENTE PONTO	SIM
OUTROS SINAIS GRÁFICOS * /	NÃO	SIM

Fonte: elaboração própria a partir de Dewey (2011) e UDC Consortium (2007).

O único sinal de pontuação utilizado pela CDD é o ponto decimal, aplicado apenas uma vez à notação, entre o terceiro e o quarto dígito. A CDU, por sua vez, usa o ponto a cada três

²⁴ São raríssimos os casos em que o uso de letras é permitido na classe 800, sendo defeso o uso no resto do sistema.

²⁵ Os parênteses são utilizados na CDD somente para indicar certos tipos de notas, como as já citadas notas de classificação alternativa, e não são aplicados à notação em si. Os colchetes são utilizados somente para identificar notações que não devem ser (por motivos vários) utilizadas na classificação, não constituindo, portanto, caracteres de agrupamento, e tampouco aplicados à notação.

casas decimais e em casos específicos a cada um ou dois dígitos; assim como todos os outros símbolos, letras e algarismos listados no quadro 15.

5.1.2.5 Valores de aquisição

Em relação aos valores cobrados pelos produtos e serviços, oferecidos tanto pela OCLC como pelo Consórcio CDU, é difícil realizar uma comparação direta. Cada instituição oferece diversos tipos de meios de acesso aos seus sistemas, métodos diferentes de pagamento (único ou anual) e cobram moedas estrangeiras divergentes (**Dólar - \$** para a CDD, **Euro - €** para a CDU). Além disso, a versão brasileira da CDU, publicada pelo IBICT, está em falta e não se encontra disponível para aquisição.

Devido a esses motivos, decidiu-se então exibir os preços originais, disponibilizados nos *sites* de cada sistema, em quadros (16 e 17) separados. Também foram incluídos os valores da conversão direta para o real²⁶ somente para fins didáticos, pois tanto os originais quanto os preços convertidos podem ser modificados rapidamente, a depender das taxas de câmbio.

Quadro 16 – Valores cobrados em dólares americanos (USD) em maio de 2018, pela OCLC, para uso da CDD

VERSÃO DA CDD		VALOR ORIGINAL	CONVERSÃO DIRETA APROXIMADA
ABREVIADA		\$88,91	R\$330,75
200 – CLASSE DE RELIGÃO		\$31,05	R\$115,50
WEBDEWEY	1 usuário	\$312,71/ano	R\$1.163,28/ano
	2-9 usuário	\$692,90/ano	R\$2.577,59/ano
	10 ou mais usuários	\$1.035,98/ano	R\$3.853,85/ano

Fonte: elaboração própria a partir de Online Computer Library Center (2018).

Como dito anteriormente, a versão completa da CDD não se encontra mais em estoque, enquanto as demais versões impressas (Abreviada e 200 – Classe de Religião) só permanecerão sendo comercializadas até junho de 2018.

²⁶ Taxas de câmbio utilizadas para os cálculos: **\$1 = R\$3,72**; **€ = R\$4,33**. Fontes: <economia.uol.com.br/cotacoes/cambio/dolar-comercial-estados-unidos/> e <economia.uol.com.br/cotacoes/cambio/euro-uniao-europeia/>. Acesso em: 28 maio 2018.

Já a versão digital *WebDewey*, única edição remanescente do sistema a partir da referida data, cobra uma anuidade de seus utilizadores pelo uso contínuo da ferramenta. Há preços diferenciados a depender da quantidade de profissionais classificadores que poderão usufruir simultaneamente do sistema na instituição cadastrada. Há de se notar também, que nem todas as bibliotecas, principalmente aquelas situadas no Brasil, terão condições financeiras suficientes para migrar para o novo sistema, caso utilizem ainda a versão impressa.

A CDU possui mais versões com preços diferenciados que podem mudar a depender da quantidade de utilizadores, ou até mesmo do fim a que o serviço será destinado. Todos os valores cobrados devem ser pagos anualmente e há ainda duas versões oferecidas de modo completamente gratuito, como indicadas no quadro 17:

Quadro 17 – Valores cobrados em euros (EUR) em maio de 2018, pelo UDC Consortium, para uso da CDU

VERSÃO DA CDU		VALOR ORIGINAL	CONVERSÃO DIRETA APROXIMADA
UDC SUMMARIES		Grátis	Grátis
UDC ONLINE	1 usuário	€300,00/ano	R\$1.300,00/ano
	Cada usuário adicional	+ €100,00/ano	+ R\$433,00/ano
	Para treinamento e para escolas de Biblioteconomia	Grátis	Grátis
MRF para sistemas de informação (bibliotecas)	Intranet ou sistema individual	€260,00/ano	R\$1.125,80/ano
	Sistema cooperativo (até 10 instituições)	€650,00/ano	R\$2.814,50/ano
	Sistema cooperativo (11 ou mais instituições)	€1.300,00/ano	R\$5.630,00/ano
MRF para outros fins	Educação	€130,00/ano	R\$562,90/ano
	Pesquisas (pessoal)	€170,00/ano	R\$736,10/ano
	Pesquisas (instituições)	€390,00/ano	R\$1.688,70/ano
	Editoras	€300,00/ano	R\$1.300,00/ano

Fonte: elaboração própria a partir de UDC Consortium (2018a, 2018b, 2018c).

Novamente, nem todas as bibliotecas possuem condições de arcar com as despesas advindas da anuidade da assinatura dos serviços, recorrendo a edições impressas ou até mesmo cópias disponibilizadas ilegalmente na *internet*.

5.1.2.6 Outras diferenças

Algumas diferenças pontuais entre cada sistema foram identificadas e listadas nas alíneas de “a” a “j”, abaixo:

a) **Caráter;**

Durante a tradução da CDD para o francês, Otlet e La Fontaine realizaram diversas inovações radicais, transformando uma classificação de caráter exclusivamente enumerativo (que já indicava todos os números de classificação permitidos e possibilitados pelo sistema), em uma que permitisse a construção de números compostos, inter-relacionando os assuntos através de símbolos, o chamado caráter analítico-sintético (ROCHA; CELERE, 2013; UDC CONSORTIUM, 2007).

b) **Algarismos mínimos;**

Na CDD, a menor notação possível é sempre constituída de 3 dígitos, desde a 5ª edição quando foram incluídos os dois zeros finais às classes principais. Já na CDU, esta mudança não ocorreu e uma notação pode ter apenas 1 algarismo, representativo das 10 classes gerais.

c) **Ponto decimal;**

Na CDD, é utilizado somente entre o 3º e o 4º algarismo (quando houver), com um único espaço a cada grupo de 3 algarismos que tem a única função de facilitar a leitura dos dígitos, devendo ser omitido no registro bibliográfico ou lombada do livro (TAYLOR, 2006). A CDU, por sua vez, utiliza o ponto a cada grupo de 3 algarismos e também em situações especiais de síntese, onde aparece separando grupos de apenas 1 ou 2 algarismos.

d) **Finalização com 0;**

As notações na CDD não podem ser finalizadas com o dígito zero em nenhuma das casas à direita do ponto decimal; a CDU não possui tal regra limitativa.

e) **Assuntos consecutivos;**

Enquanto na CDU é possível unir assuntos consecutivos em uma mesma notação, utilizando-se do recurso da barra oblíqua (/), a CDD não possui tal dispositivo. A solução indicada pelo sistema é a escolha de um número hierarquicamente superior (mais genérico e, portanto, de maior extensão) que englobe todos os assuntos desejados.

f) **Liberdade de síntese;**

De acordo com Sousa (2009, apud SILVA, 2013, p. 7) a CDD é uma classificação conduzida: tudo o que deve ser adicionado na hora da classificação, é necessário, antes, consultar a orientação dada pela tabela. Diferentemente da CDU que é mais livre, permite expandir e fazer combinações, seguindo as orientações das tabelas auxiliares e principais, permitindo a composição de números de diversas formas.

Segundo pesquisas desenvolvidas pelo *Classification Research Group* (1985 apud CAFÉ; BRATFISCH, 2007), é necessário aplicar esquemas de classificação facetada, de forma a mostrar adequadamente a ligação entre termos relacionados.

Os modelos baseados na lógica analítico-sintética superam em grande parte outros métodos como aqueles aplicados somente na elaboração de estruturas hierárquicas. Dahlberg (1978, p. 105), ao descrever o método de categorização conceitual utilizado nas classificações facetadas, ressalta suas '[...] possibilidades inúmeras de combinações entre as categorias'. Os esquemas cuja organização se apóia apenas em estruturas hierárquicas, embora forneçam uma visualização do conhecimento de forma global, não oferecem alternativas precisas de associação entre as classes, além de serem bastante precários na representação de conteúdos semânticos complexos. (CAFÉ; BRATFISCH, 2007, p. 238)

Portanto, a CDU permite um nível de síntese muito maior e mais complexo do que a CDD. Esta liberdade, ou flexibilidade, é também uma das grandes diferenças entre os sistemas. Enquanto a CDU deixa livre o classificador para formar a classificação que melhor convém à instituição, a CDD caracteriza-se como uma classificação rígida e dirigida pois, em geral, a construção de números só pode ser realizada quando expressamente permitida, ou até mesmo exigida, pelo sistema.

g) ***Standing room*;**

Como explanado, números na CDD que estão em *standing room* (ou “sala de espera”, em português) indicam assuntos que não possuem ainda suficiente literatura ou referências concretas sobre o mesmo, não dispendo, portanto, de um número exclusivo. Estes termos são então adicionados juntos a outros relacionados. Todavia, como podem, no futuro, receber maior notoriedade, juntamente com a publicação de obras que tratem do assunto, nenhuma técnica de construção de número, inclusive a partir das subdivisões padrão, é permitida (DEWEY, 2011). Pois, na ocasião do surgimento de um número exclusivo para o mesmo, ou ainda de uma expansão do número em que se encontra, uma classificação construída com

determinado significado poderia ter este alterado para um sentido distinto daquele pretendido. A CDU não possui tal distinção entre os assuntos.

h) Tradução;

A CDU foi traduzida para o português pelo IBICT e publicada no Brasil, em 2007, sob o título “CDU: Classificação Decimal Universal – 2ª edição-padrão internacional em língua portuguesa”. Esta é a última edição publicada em nossa língua até o momento. A primeira foi lançada pelo mesmo instituto no ano de 1976, porém tratava-se de “edição média”. A CDD, em mais de 140 anos desde seu lançamento, nunca teve uma edição oficial publicada em português. Segundo o estudo de Umbelino e Aganette (2017, p. 49), algumas instituições “[...] apontam o idioma da publicação como um dificultador [...]”, demonstrando que seu uso no país poderia ser maior, caso fosse traduzida.

i) Sumários;

A CDD possui, dentro das *schedules* e das *tables*, os chamados sumários que apresentam a estrutura macroscópica das suas classes, divisões e seções, e são considerados ferramentas de grande valia que possibilitam maior rapidez no processo prático da classificação de assuntos. A CDU não possui tais sumários, configurando uma grande desvantagem neste quesito.

j) Religião;

Um dos vieses mais facilmente perceptíveis na CDD é aquele relacionado ao tratamento e estrutura da classe de Religião (Classe 200). Antigamente denominada Teologia, as subdivisões desta classe são quase todas relacionadas a uma única religião: o Cristianismo. A CDU, por sua vez, fraciona a classe de forma mais igualitária atribuindo apenas uma subdivisão à religião cristã, como pode ser observado no quadro 18:

Quadro 18 – Comparação das subdivisões das classes de religião na CDD e na CDU

CDD		CDU	
200	Religião	2	Religião. Teologia
210	Filosofia e teoria da religião	21	Religiões pré-históricas e primitivas
220	Bíblia	22	Religiões originárias do Extremo Oriente
230	Cristianismo e teologia cristã	23	Religiões originárias do subcontinente indiano. Hinduísmo em sentido lato
240	Prática e observância cristã	24	Budismo
250	Prática pastoral cristã e ordens religiosas	25	Religiões da antiguidade. Cultos e religiões menores
260	Organização, trabalho social e adoração cristã	26	Judaísmo
270	História do Cristianismo	27	Cristianismo. Igrejas e denominações cristãs
280	Denominações cristãs	28	Islamismo
290	Outras religiões	29	Movimentos espirituais modernos

Fonte: elaboração própria a partir de Dewey (2011); Online Computer Library Center (2018); UDC Consortium (2007, 2018c).

Como prontamente percebido, 7 dentre 9 subdivisões principais da CDD referem-se somente à religião cristã. As inúmeras outras religiões em atividade no resto do mundo estão todas agrupadas em uma mesma divisão (290), denominada “Outras religiões”.

Isso pode ser explicado pelo fato de o Cristianismo sempre ter sido uma religião de forte influência naquele país, lar de Dewey, autor do sistema. Tanto o viés anglo-saxão cristão da CDD, quanto o viés eurocêntrico da CDU, devem-se pela própria concepção dos mesmos, inseridas nestes contextos.

Para Trivelato e Moura (2016, p. 5), “O ponto de vista do observador dependerá do contexto religioso, cultural e sócio-histórico que este indivíduo está inserido.”. Ainda segundo os autores, a forma como ele reage ao “objeto religião” depende não só do lugar e da época, como também daquilo em que ele acredita ou não.

Em relação à estrutura hierárquica escolhida para a organização da classe de religião na CDD: esta ordenação permite interpretações como a de que determinada crença seja subordinada ou inferior a outra, como no caso da divisão “Outras religiões”. Além da representação de forma assimétrica dos inúmeros sistemas religiosos em voga ao redor do globo, o Cristianismo destaca-se em um nível hierarquicamente superior e esta designação

"outras" promove o esmaecimento de todas as crenças não-cristãs (TRIVELATO; MOURA, 2016).

Foi então que a CDU, por meio do *Consortium 2000*, “promoveu a tentativa de equilibrar a categorização das diversas religiões do mundo da mesma maneira, considerando os sistemas de crenças como equivalentes.” (BROUGHTON, 2000, p. 60 apud TRIVELATO; MOURA, 2016, p. 6).

Os autores Trivelato e Moura elaboraram um quadro resumindo as principais vantagens e desvantagens dos sistemas CDD e CDU em relação às suas abordagens ao tema da religião. O quadro 19 apresenta uma reformulação do mesmo:

Quadro 19 – Vantagens e desvantagens da CDD e da CDU no tratamento da religião

SCB	VANTAGENS	DESVANTAGENS
CDD	Apesar do esmaecimento das religiões não-cristãs na divisão <i>Outras religiões (290)</i> , o instrumento acomoda de forma equilibrada as diversas religiões numa mesma categoria	A programação da estrutura da classe religião privilegia apenas 3 grupos de conteúdo: <i>Filosofia e teoria da religião (210)</i> , <i>Cristianismo e elementos da religião cristã (220/280)</i> e <i>Religiões não-cristãs (290)</i>
	As religiões de origem africanas que já foram categorizadas como <i>Religiões menores não-cristãs (299)</i> atualmente <i>Religiões não atribuídas em outros locais [da tabela] (299)</i>	O cristianismo e os seus elementos específicos ocupam as divisões de 220 a 280, demonstrando claramente o viés cristão da estrutura da classe religião
CDU	A estrutura da classe religião evidencia cinco religiões: Budismo, Cristianismo, Judaísmo, Hinduísmo e Islamismo, o que diminui o ponto fragilidade, o viés cristão	A supressão da subclasse <i>Outras religiões</i> torna mais crítico o ponto do esmaecimento das demais religiões
	O recurso da tabela auxiliar pode atingir um alto grau de especificidade com notações relativamente curtas	As temáticas relacionadas à religiosidade popular brasileira tendem a ser categorizadas como folclore As facetas ainda demonstram o viés do cristianismo

Fonte: elaboração própria a partir de Trivelato e Moura (2016).

Uma unidade de informação que possua grande parte de seu acervo composto de obras de cunho religioso deve levar em consideração estas particularidades, e escolher aquele sistema que melhor se adequa ao seu acervo e seus usuários.

5.1.3 Exemplos

No quadro 20 são demonstrados alguns exemplos práticos reais de classificação em cada um dos sistemas, demonstrando mais claramente como pode ser classificada uma mesma obra, ou determinado assunto, utilizando-se a CDD e a CDU:

Quadro 20 – Exemplos reais de classificação na CDD e na CDU

OBRA/ASSUNTO	CDD	CDU
Inteligência artificial	006.3	004.8
Aquário (signo do zodíaco)	133.5276	133.522.1AQ
Ateísmo na Suécia	211.809485	299.2(485)
Dicionário jurídico tributário	343.0403	(038)34:336.22
Libras	419.81	81'221.24(81)
Anéis de saturno	523.986	521.837:523.46
Cultivo de plantas nos EUA	631.50973	631.5(73)
Longas-metragens de animação	777.7	791.228
<i>Under the dome</i> (ficção americana)	813.6	821.111(73)KING7DOME
Regime militar no Brasil	981.063	94(81).088
<i>Classificação decimal de Dewey</i>	025.431	025.45CDD
<i>Classificação decimal universal</i>	025.432	025.45CDU

Fonte: elaboração própria a partir de Dewey (2011) e UDC Consortium (2007).

Faz-se necessário alguns comentários sobre as notações apresentadas. O sistema de Dewey possui um número específico para cada um dos signos do zodíaco, ao contrário do sistema universal que possui somente um número geral. Porém, isso pode ser facilmente contornado com o recurso de **especificação alfabética**, encontrado somente na CDU.

É possível notar, nos assuntos “ateísmo na Suécia” e “cultivo de plantas nos EUA”, a diferença na especificação do país em cada sistema. Enquanto a CDD impõe o uso do prefixo **09** antes do número do país, **485** para a Suécia (como em 211.809485) e **73** para os Estados Unidos (como em 631.50973), a CDU simplesmente o adiciona dentro de um conjunto de parênteses: como em 299.2(485) e 631.5(73), respectivamente.

Quanto ao “dicionário jurídico tributário” cabem dois comentários. O primeiro diz respeito à possibilidade na CDU de deslocação da notação de forma **(038) Dicionários** para qualquer posição do número de chamada, permitindo agrupar em um mesmo local, caso seja colocada no início conforme o exemplo, todos os dicionários do acervo. Esta alternativa é permitida para qualquer dos auxiliares independentes, especialmente os contidos em sinais biterminais (parênteses e aspas), como no assunto “regime militar no Brasil”, em que o auxiliar de lugar **(81) Brasil** fora deslocado para o meio da notação. Outra questão digna de nota é a ausência de um número específico para o “Direito Tributário” na CDU, fazendo-se necessária a combinação dos números **34 Direito e 336.22 Impostos. Tributos**. Este artifício só é possível devido ao caráter analítico-sintético do sistema.

Na CDD, as obras de literatura são classificadas em números gerais que indicam somente o idioma, o gênero textual e o período (data) de publicação, não sendo permitida a especificação de determinado autor ou obra (o que poderia ser feito somente através do Cutter). Já na CDU, isto torna-se possível a partir do recurso da especificação alfabética, como pode ser observado na classificação do romance americano de ficção escrito por Stephen King: “*Under the Dome*” (quadro 20). O número 7, localizado entre o sobrenome do autor e a palavra “DOME”, referente ao título, indica a classificação de uma obra específica do mesmo autor.

6 DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Como frisado na introdução, não se constitui como finalidade deste estudo uma declaração de superioridade de determinado sistema sobre o outro. O propósito pretendido, e realizado, consiste na explicitação das diferenças, facilitando-se tanto o estudo acadêmico dos mesmos, quanto a escolha de apenas um para uso profissional dos esquemas em determinada unidade de informação.

A CDD tem algumas vantagens, como um índice relativo melhor estruturado, além de uma notação simplificada, o que afeta positivamente tanto o processo de classificação, quanto a correta localização na estante e a busca de uma obra por parte do usuário.

Contudo, na visão do autor, a CDU tem duas vantagens principais e de maior relevância: uma tradução para o português do Brasil, e seu caráter analítico-sintético. O primeiro ponto positivo do sistema torna-se crucial para seu sucesso no país, visto que apenas 5% da população fala uma segunda língua e apenas cerca de 1% apresenta algum grau de fluência no inglês, segundo pesquisas feitas pelo *British Council* e pela *Catho*²⁷.

O caráter analítico-sintético do SCB de Otlet e La Fontaine, por sua vez, permite maior profundidade na classificação proporcionando não só uma especificidade máxima de assuntos, como também a gênese de novos assuntos a partir da combinação de números diferentes. Este recurso evita excessivas, mas por vezes necessárias, revisões do esquema quando do surgimento de novos assuntos ou áreas do conhecimento, já que isto poderia ser facilmente contornado através da combinação de assuntos correlatos já existentes, criando assim uma notação inédita. Talvez seja exatamente por este motivo que a Classe 4 da CDU permaneça vaga até a presente data.

A pesquisa possui, é claro, certas limitações que poderiam ser exploradas em futuros estudos na área. Uma comparação entre as versões digitais de ambos os sistemas, por exemplo, não pôde ser realizada visto que ambas cobram pelo seu acesso através de assinaturas pagas. Esta comparação mostra-se necessária uma vez que estas versões representam os sistemas em suas formas mais atualizadas, principalmente no caso da CDD, em que a WebDewey se tornou, desde junho de 2018, a única versão disponível e ainda em desenvolvimento pela OCLC.

²⁷ Fontes: <gazetadopovo.com.br/educacao/apenas-5--dos-brasileiros-falam-ingles-ek15nlmtwge6x2pk5fzohmhipi>; <exame.abril.com.br/carreira/por-que-ainda-nao-somos-fluentes-em-ingles/>. Acesso em: 3 jul. 2018.

Outros sistemas também poderiam ser estudados e comparados em outras pesquisas, como a *Classificação da Biblioteca do Congresso Americano*, ou a *Classificação Decimal de Direito*, muito utilizada em bibliotecas jurídicas do país, especialmente em Brasília.

O objetivo do trabalho era realizar uma comparação a partir de um panorama mais geral da CDD e da CDU, mas trabalhos posteriores poderiam focar em determinados aspectos e estudá-los com maior profundidade, como por exemplo o tratamento diferenciado dado à religião em cada sistema, que por si só já renderia uma nova investigação.

Assim sendo, a partir da análise individual e da comparação direta entre a Classificação Decimal de Dewey e a Classificação Decimal Universal, puderam-se identificar as principais divergências e semelhanças existentes entre os sistemas, respondendo assim ao problema central da pesquisa e cumprindo os objetivos inicialmente propostos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, L. V.; BRUNA, D.; SALES, W. N. Classificação: uma análise comparativa entre a Classificação Decimal Universal – CDU e a Classificação Decimal de Dewey – CDD. **Biblos: Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação**, Rio Grande, v. 25, n. 2, p. 31-42, jul./dez. 2011. Disponível em: <periodicos.furg.br/biblos/article/view/2088>. Acesso em: 27 abr. 2018.
- ARAÚJO, C. A. Á. Fundamentos teóricos da classificação. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, n. 22, p. 117-139, 2006. Disponível em: <periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2006v11n22p117/368>. Acesso em: 21 maio 2018.
- AROUCK, O.; JAEGGER, F.; PINHA, S. M. Classificação Decimal de Direito: revisão e atualização. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 13, n. esp., p. 2955-2974, 2017. Disponível em: <brapci.inf.br/v/a/29044>. Acesso em: 16 abr. 2018.
- AZEVEDO, F. J. de. Duas palavras [: prefácio à 1ª edição]. In: LENTINO, N. **Guia teórico, prático e comparado dos principais sistemas de classificação bibliográfica**. São Paulo: Polígono, 1971. p. v-vi.
- BARBOSA, A. P. Classificações facetadas. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-81, 1972. Disponível em: <revista.ibict.br/ciinf/article/view/10>. Acesso em: 27 abr. 2018.
- BRACKS, M. V. Apresentação. In: CARVALHO, D. de Q. **Classificação decimal de direito**. 4. ed. rev. e atual. Brasília: Presidência da República, 2002.
- CAFÉ, L. M. A.; BRATFISCH, A. Classificação analítico-sintética: reflexões teóricas e aplicações. **Transinformação**, Campinas, v. 19, n. 3, p. 237-250, set./dez. 2007. Disponível em: <scielo.br/pdf/tinf/v19n3/04.pdf>. Acesso em: 25 maio 2018.
- CAMPOS, A. T. Apresentação. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA, 1976, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: IBICT; Brasília: ABDF, 1979. p. 1-2.
- CARIBÉ, R. C. V. Regras gerais de classificação. In: BAPTISTA, D. M.; ARAÚJO JÚNIOR, R. H. (Org.). **Organização da informação: abordagens e práticas**. Brasília: Thesaurus, 2015. p. 114-134.
- _____. **CDD – Aula 2**: características da tabela. Brasília: [s. n.], 2008a. 32 slides (diapositivos). Disponível em: <aprender.ead.unb.br/mod/resource/view.php?id=200641>. Acesso em: 2 jul. 2018.
- _____. **Número de chamada**: notação de classificação. Brasília: [s. n.], 2008b. 50 slides (diapositivos).
- _____. **Sistemas de classificação**: histórico. Brasília: [s. n.], 2008c. 122 slides (diapositivos). Disponível em: <aprender.ead.unb.br/mod/resource/view.php?id=142488>. Acesso em: 2 jul. 2018.

CARVALHO, D. de Q. **Classificação decimal de direito**. 4. ed. rev. e atual. Brasília: Presidência da República, 2002.

CAVALCANTI, C. R. O. Panorama de sistemas de classificação. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA, 1976, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: IBICT; Brasília: ABDF, 1979. p. 3-9.

CLASSIFICAÇÃO. In: DICIONÁRIO Infopédia da Língua Portuguesa. Porto, Portugal: Porto, 2003-2018. Disponível em: <infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/classificacao>. Acesso em: 16 abr. 2018.

CLASSIFICAR. In: DICIONÁRIO Infopédia da Língua Portuguesa. Porto, Portugal: Porto, 2003-2018. Disponível em: <infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/classificar>. Acesso em: 16 abr. 2018.

COMPARISON of Dewey and Library of Congress subject classification. In: WIKIMEDIA FOUNDATION. **Wikipedia**: the free encyclopedia. [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: <en.wikipedia.org/wiki/Comparison_of_Dewey_and_Library_of_Congress_subject_classification>. Acesso em: 21 abr. 2018.

CUNHA, M. B. da; CAVALCANTI, C. R. O. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DAHLBERG, I. Fundamentos teórico-conceituais da classificação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 9-21, 1978a. Disponível em: <brapci.inf.br/v/a/8680>. Acesso em: 20 maio 2018.

_____. Teoria do conceito. **Ciência da informação**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 101-107, jul./dez. 1978b.

DEWEY decimal classification. In: WIKIMEDIA FOUNDATION. **Wikipedia**: the free encyclopedia. [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: <en.wikipedia.org/wiki/Dewey_Decimal_Classification>. Acesso em: 21 abr. 2018.

DEWEY, M. **A classification and subject index for cataloguing and arranging the books and pamphlets of a library**. Amherst, EUA: [s. n.], 1876. Disponível em: <gutenberg.org/files/12513/12513-h/12513-h.htm>. Acesso em: 21 abr. 2018.

_____. **Dewey decimal classification and relative index**. 23. ed. Dublin, EUA: OCLC, 2011. 4 v.

DODEBEI, V. L. **Tesouro**: linguagem de representação da memória documentária. Niterói: Intexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2002.

FANDINO, M. UDC or DDC: a note about the suitable choice for the National Library of Liechtenstein. **Extensions & Corrections to the UDC**, [Haia, Holanda], n. 30, 2008.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. **Classificação decimal universal (CDU)**. 2012. Disponível em: <ibict.br/publicacoes-e-institucionais/classificacao-decimal-universal-cdu>. Acesso em: 26 abr. 2018.

KOFNOVEC, L. Problems of universal classifications, based on a comparative study of the UDC and the Soviet Library-Bibliographic Classification. In: FID CLASSIFICATION SYMPOSIUM, 1976, Bruxelas. **General classification systems in a changing world**. Haia, Holanda: FID, 1978. p. 65-71.

LAGO, E. S. do. **Desmistificando a classificação: CDD e CDU**. Teresina: EDUFPI, 2009.

LANGRIDGE, D. **Classificação: abordagem para estudantes de biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Interciência, 1977.

LENTINO, N. **Guia teórico, prático e comparado dos principais sistemas de classificação bibliográfica**. São Paulo: Polígono, 1971.

LIBRARY OF CONGRESS. **Library of Congress classification outline**. 2018. Disponível em: <loc.gov/catdir/cpsol/lcco/>. Acesso em: 10 maio 2018.

LUIS BORGES, J. O idioma analítico de John Wilkins. In: _____. **Outras inquisições**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, vol. 3. Sem paginação.

MEY, E. S. A.; SILVEIRA, N. C. **Catálogo no plural**. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

MOMM, C. F.; LESSA, R. O. Sistema de classificação bibliográfica e a conceituação do turismo: uma visão da CDU. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 141-154, 2009. Disponível em: <brapci.inf.br/v/a/6570>. Acesso em: 26 abr. 2018.

ONLINE COMPUTER LIBRARY CENTER. In: WIKIMEDIA FOUNDATION. **Wikipédia: a enciclopédia livre**. [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/Online_Computer_Library_Center>. Acesso em: 20 maio 2018.

ONLINE COMPUTER LIBRARY CENTER. **Dewey Services**. 2018. Disponível em: <oclc.org/en/dewey.html>. Acesso em: 19 abr. 2018.

PEREIRA, E. N. et al. Classificação bibliográfica: as diversas contribuições para o tratamento da informação. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA DO CCSA, 15, 2009. **Anais...** Natal: UFRN, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/1/6173>>. Acesso em: 21 maio 2018.

PIEDADE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação**. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

POMBO, O. Da classificação dos seres à classificação dos saberes. **Leituras: Revista da Biblioteca Nacional de Lisboa**, Lisboa, Portugal, n. 2, p. 19-33, primavera 1998. Disponível em: <educ.fc.ul.pt/docentes/opombo/investigacao/opombo-classificacao.pdf>. Acesso em: 21 maio 2018.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo (RS): Universidade Feevale, 2013.

PSICOLOGIA. In: WIKIMEDIA FOUNDATION. **Wikipédia**: a enciclopédia livre. [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/Psicologia>. Acesso em: 21 abr. 2018.

ROCHA, E. S. S.; CELERE, M. Construção da tabela de classificação jurídica: relato de experiência da biblioteca da faculdade de direito de Ribeirão Preto – USP. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 28-40, jan./dez. 2013. Disponível em: <rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/223/249>. Acesso em: 23 maio 2018.

SILVA, D. L. Sistema de classificação documentária: CDD x CDU. **Múltiplos Olhares em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 3, n. 2, out. 2013. Disponível em: <portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/moci/article/view/2178>. Acesso em: 27 maio 2018.

SILVA, E. L. da; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005.

SILVA, O. P. da; GANIN, F. **Manual da CDU**. Brasília: Briquet de Lemos, 1994.

SILVA, O. P. da. Prefácio. In: UDC CONSORTIUM. **Classificação decimal universal**: 2ª edição-padrão internacional em língua portuguesa. Brasília: IBICT, 2007. 2 v.

SLAVIC, A. Use of the Universal Decimal Classification: a worldwide survey. **Journal of Documentation**, 2006. Disponível em: <hdl.handle.net/10150/105579>. Acesso em: 19 abr. 2018.

SOUSA, B. P.; FUJITA, M. S. L. A classificação bibliográfica no contexto do tratamento temático da informação: um estudo com o protocolo verbal individual em bibliotecas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IF's). **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, São José, v. 18, n. 1, 2013. Disponível em: <brapci.inf.br/v/a/11986>. Acesso em: 20 abr. 2018.

SOUZA, S. de. **CDU**: como entender e utilizar a edição padrão internacional em língua portuguesa. 3. ed. rev. e atual. Brasília: Thesaurus, 2012.

_____. **CDU**: guia para utilização da edição padrão internacional em língua portuguesa. Brasília: Thesaurus, 2009.

TABOSA, H. R.; CARDOSO, C. C. C. G.; ALBUQUERQUE, M. E. B. C. Linguagens documentárias e os sistemas de classificação bibliográfica: estudo de propostas de expansão e ampliação da CDD e da CDU. **Biblionline**, João Pessoa, v. 11, n. 1, p. 140-157, 2015. Disponível em: <periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/biblio/article/view/18176>. Acesso em: 26 maio 2018.

TAYLOR, A. G. Decimal classification. In: _____. **Introduction to cataloging and classification**. 10th. ed. [Westport, EUA]: Libraries Unlimited, 2006. cap. 15.

TEOLOGIA. In: WIKIMEDIA FOUNDATION. **Wikipédia**: a enciclopédia livre. [S. l.: s. n.], 2018. Disponível em: <pt.wikipedia.org/wiki/Teologia>. Acesso em: 20 maio 2018.

TRIVELATO, R. M. S.; MOURA, M. A. A classificação bibliográfica, a formação discursiva e a representação da classe religião no limiar do século XXI. **Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação**, Salvador, v. 17, 2016. Disponível em: <brapci.inf.br/index.php/article/download/52055>. Acesso em: 18 abr. 2018.

UDC CONSORTIUM. **Classificação decimal universal**: 2ª edição-padrão internacional em língua portuguesa. Brasília: IBICT, 2007. 2 v.

_____. **UDC Consortium**. 2018a. Disponível em: <udcc.org>. Acesso em: 25 abr. 2018a.

_____. **UDC online by UDC Consortium**. 2018b. Disponível em: <udc-hub.com>. Acesso em: 25 abr. 2018b.

_____. **UDC summary**. 2018c. Disponível em: <udcsummary.info>. Acesso em: 26 abr. 2018c.

UMBELINO, M.; AGANETTE, E. C. Classificação decimal de Dewey: algumas motivações e justificativas de uso pela rede de bibliotecas da UFMG. **Biblionline**, João Pessoa, v. 13, n. 13, p. 43-54, jul./set. 2017. Disponível em: <periodicos.ufpb.br/index.php/biblio/article/view/36170>. Acesso em: 2 jul. 2018.

VALENTE, I. S. R. **Comparação entre formatos de classificação CDD, CDU e LCC**. Porto, Portugal: Universidade Fernando Pessoa, 2003.

ANEXOS

Anexo A – Quantidade de subdivisões da CDU por tabela auxiliar, classe principal e outras classes importantes, no MRF de 2012 (UDC CONSORTIUM, 2018a).

Table	Description (shortened)	Count
Common auxiliaries		
1c	Common auxiliaries of language (Table 1c)	1625
1d	Common auxiliaries of form (Table 1d)	362
1e	Common auxiliaries of place (Table 1e)	10942
1f	Common auxiliaries of human ancestry, ethnic grouping and nationality (Table 1f)	37
1g	Common auxiliaries of time (Table 1g)	454
1k	Common auxiliaries of properties (Table 1k -02)	830
1k	Common auxiliaries of Materials (Table 1k -03)	152
1k	Common auxiliaries of Relations, processes (Table 1k -04)	338
1k	Common auxiliaries of Persons (Table 1k -05)	270
Main table		
0	KNOWLEDGE. MANAGEMENT. COMPUTER SCIENCE. INFORMATION...	1810
004	Computer science and technology. Computing. Data processing	794
005	Management	284
1	Philosophy. Psychology	825
159.9	Psychology	293
2	Religion	2397
3	Social Sciences	6797
30	General. Statistics. Sociology. Demography. Politics	251
311	Statistics as a science. Statistical theory	41
314	Demography. Population studies	36
316	Sociology	384
32	Politics	253
33	Economics	1988
34	Law	1830
35	Public Administration. Government	872
36	Public Welfare	579
37	Education	229

Table	Description (shortened)	Count
39	Folklore. Ethnography	194
5	Mathematics. Natural Sciences	12623
50	Environment science	49
51	Mathematics	1661
52	Astronomy	617
53	Physics	1876
54	Chemistry. Mineralogical Sciences	3280
55	Earth Sciences	1452
56/59	Palaeontology. Biological Sciences	3687
6	Applied Sciences. Medicine. Technology	27231
60	Biotechnology	42
61	Medical Sciences	3170
62	Technology in general. Heat Engines. Hydraulics	10313
621.3	Electrical Engineering	1699
621.4/6	Heat Engines. Pneumatic Energy. Fluids Handling	478
621.7/9	Mechanical Technology	1487
622	Mining	680
623	Military Engineering	618
624/627	Civil Engineering	1519
628	Public Health Engineering	479
629	Transport Vehicle Engineering	1781
63	Agricultural Sciences	2286
64	Home Economics	388
65	Communication and transport industries. Accountancy. Business management. Public relations	1384
654	Telecommunication and telecontrol (organization, services)	96
655	Graphic industries. Printing. Publishing. Book trade	213
656	Transport and postal services. Traffic organization and control	501
657	Accountancy	177
658	Business management, administration. Commercial organization	252
659	Publicity. Information work. Public relations	144
66	Chemical Technology	4327
67/68	Various Industries and crafts	4615
69	Building (construction) trade. Building materials. Building practice and procedure	705

Table	Description (shortened)	Count
7	THE ARTS. RECREATION. ENTERTAINMENT. SPORT	2608
71	Physical planning. Regional, town and country planning. Landscapes, parks, gardens	134
72	Architecture	115
73	Plastic arts	39
74	Drawing. Design. Applied arts and crafts	68
75	Painting	14
76	Graphic art, printmaking. Graphics	13
77	Photography and similar processes	722
78	Music	371
79	Recreation. Entertainment. Games. Sport	882
791	Cinema. Films (motion pictures)	128
792	Theatre. Stagecraft. Dramatic performances	83
793	Social entertainments and recreations. Art of movement. Dance	19
794	Board and table games (of thought, skill and chance)	39
796/799	Sport	612
8	LANGUAGE. LINGUISTICS. LITERATURE	849
80	General questions relating to both linguistics and literature. Philology	84
81	Linguistics and languages	417
82	Literature	347
9	GEOGRAPHY. BIOGRAPHY. HISTORY	458
902/908	Archaeology. Prehistory. Cultural remains. Area studies	52
91	Geography. Exploration of the Earth and of individual countries. Travel. Regional geography	77
92	Biographical studies. Genealogy. Heraldry. Flags	68
929	Biographical studies	67
930	Science of history. Historiography	10
94	General history	249